

“Um romance prodigioso que você não
vai querer parar de ler”

MICHAEL KENT

o Dom de

S A R A H W Y N D E

Primeiro livro da série “Tassamara”

Ver

TRADUÇÃO DE
ELAINE C. A. OLIVEIRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

***lutando por dinheiro e poder, então
nossa sociedade poderá enfim evoluir a
um novo nível."***



O DOM DE VER



SARAH WYNDE

Translated by
ELAINE CRISTINA ALBINO
DE OLIVEIRA

BABELCUBE

O Dom de Ver

1. CAPÍTULO UM
2. CAPÍTULO DOIS
3. CAPÍTULO TRÊS
4. CAPÍTULO QUATRO
5. CAPÍTULO CINCO
6. CAPÍTULO SEIS
7. CAPÍTULO SETE
8. CAPÍTULO OITO
9. CAPÍTULO NOVE
10. CAPÍTULO DEZ
11. CAPÍTULO ONZE
12. CAPÍTULO DOZE

13. CAPÍTULO TREZE
14. CAPÍTULO CATORZE
15. CAPÍTULO QUINZE
16. CAPÍTULO DEZESSEIS
17. CAPÍTULO DEZESSETE
18. CAPÍTULO DEZOITO
19. AOS MEUS LEITORES
20. LEIA TAMBÉM
21. AGRADECIMENTOS

“O Dom de Ver”

Escrito por Sarah Wynde

Copyright © 2014 Sarah Wynde

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

*Traduzido por Elaine Cristina Albino de
Oliveira*

Design da capa © 2014 James, GoOnWrite.com

*“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas
comerciais da Babelcube Inc.*

Dedicatória

Uma dedicatória estranha para um livro estranho: este livro é dedicado para os criadores, elenco e equipe do (maravilhoso, incrível, divertido e tragicamente cancelado) programa Eureka, por inspirar minha criatividade

e depois me irritar tanto que fui obrigada a ser original. E, em especial, agradeço a Felicia Day, por essa postagem:*

<http://feliciaday.com/blog/five-things-about-2010>, e por fazer garotas nerds serem legais.

**Aham. Ou ser 95% original? A cidadezinha peculiar não é novidade. Outras semelhanças e alusões à Eureka são uma homenagem.*

CAPÍTULO UM



*A*kira examinou seu reflexo no espelho do quebra-sol. Comera todo o batom durante o percurso desde o aeroporto. Com as mãos um pouco trêmulas, retirou seu brilho labial cor-de-rosa da bolsa e,

cuidadosamente, retocou a cor.

— Sabe, você é incrivelmente bonita — o adolescente inclinado sobre o encosto do seu assento fez as palavras soarem como uma afronta. — Você não precisa dessas coisas. Provavelmente, isso causará um câncer ou algo assim. Por que as garotas acham que é uma boa ideia espalhar produtos químicos no rosto todo?

Ignorando-o, ela respirou fundo, devolveu o batom à bolsa e buscou coragem para sair do carro. Entraria no edifício e passaria facilmente por sua primeira entrevista de trabalho em anos. Podia fazer isso. Claro que podia. Seria brilhante, inteligente e profissional. Iriam

adorá-la e ofereceriam um emprego, um bom emprego, que lhe permitisse trabalhar de verdade em sua pesquisa.

— E, então, vou ganhar na loteria — disse em voz alta, mordendo o lábio e se esquecendo do batom.

— Ninguém nunca ganha — o garoto respondeu com cinismo.

Akira nem mesmo tinha certeza de como havia chegado ali. Ela não era o tipo aventureiro. Sempre teve a impressão de que a vida trazia obstáculos suficientes, sem que fosse necessário buscar novos desafios. Ela planejou seu caminho há muito tempo: uma vida acadêmica calma e agradável na pequena

cidade onde cresceu, na Califórnia, lecionando em um lugar familiar, vivendo em condições familiares.

Mas, então, um parágrafo descuidado sobre energia espiritual em um artigo para a prestigiosa revista Energy Research Quarterly e, de repente, todos os seus planos foram postos em risco. O comitê ainda não havia negado sua cadeira na universidade, entretanto, o chefe de seu departamento deixou claro que era apenas uma questão de tempo. Sem muita esperança de um emprego na universidade, precisaria lecionar no ensino médio. Preferia trabalhar no quinto círculo do inferno.

A ligação que recebeu da General Directions Inc. foi inesperada, porém, era um possível “salva-vidas”. A companhia queria conhecê-la. Estavam dispostos a pagar sua viagem para a Flórida – para a Flórida, entre tantos lugares! –, alugar um carro e pagar o hotel por um dia ou dois, enquanto entrevistavam-na para um cargo indefinido.

Apesar da falta de detalhes, Akira não hesitou.

Mas hesitava naquele momento. Ela respirou fundo. Não podia ficar ali sentada para sempre. “Melhor entrar e acabar logo com isso”, pensou. Deu uma última olhada no espelho e, por um rápido

instante, seu olhar encontrou os olhos do garoto no banco traseiro.

— Ei — ele disse, levantando-se de onde estava debruçado. — Ei, você...

Mas Akira já estava fora do carro, fechando a porta com força.

Os edifícios de tijolos, a grama viçosa, flores brilhantes e a água corrente à sua frente eram inegavelmente belos. Mas onde estava o laboratório de pesquisa que esperava encontrar? Ela imaginou um prédio quadrado, com cinco andares e janelas espelhadas, no centro de um estacionamento gigantesco. O tipo de edifício que poderia existir em qualquer lugar, diferente, mas que também se

misturava à paisagem.

O tipo de lugar onde, talvez, ela pudesse existir sem ser igual aos outros ou se destacar.

O local se parecia mais com uma escola particular extremamente seletiva.

Caminhou pela passarela de paralelepípedo até a porta de entrada do prédio mais próximo. Apesar de um guarda simpático na guarita de segurança um pouco distante dali, em uma estrada sinuosa, informar que aquele era seu destino, Akira ainda sentia-se insegura. Foi então que viu uma placa discreta, em uma parede, com os dizeres “General Directions Inc.”, o que garantia, pelo

menos, que estava no lugar certo.

General Directions Inc. – o nome era tão genérico.

Na recepção, ela se apresentou, tentando esconder sua insegurança. — Akira Malone. Estou aqui para uma entrevista.

— Claro — a jovem loira na recepção respondeu com um sorriso caloroso e com seus olhos um tanto curiosos. — O Sr. Latimer a aguarda. Vou lhe mostrar o caminho.



ZANE LATIMER JOGAVA sua vigésima partida

de Paciência em um computador emprestado em um escritório que não era usado. Ele gostava de seu próprio escritório. Era confortável e bagunçado – um ótimo lugar para pensar, em sua opinião. Suas irmãs alegavam que era cheio de distrações.

Mas seu escritório era muito revelador para uma entrevista como aquela. As paredes rígidas, a mesa vazia, duas cadeiras de metal, carpetes horrorosos e o computador antiquado daquela sala sem uso eram mais adequados para o seu objetivo. Imaginou se a candidata notaria a ausência de um telefone. Deveria colocar um telefone

grande, com fio e botões quadrados. Fez uma anotação mental para procurar por um antes da próxima entrevista.

Olhou para o relógio mais uma vez. Sua agente no minúsculo aeroporto havia ligado meia hora atrás. A Srta. Malone havia chegado sem problemas, porém, solicitou um carro diferente assim que viu o Taurus preto que a aguardava. Sem outro carro disponível, ela aceitou com relutância as chaves que a agente oferecia; esta relatou o ocorrido com interesse (era bem paga para observar a atitude dos convidados quanto ao transporte oferecido, mas essa foi a primeira vez que teve algo a dizer).

Zane recebeu a informação sem comentar, todavia, sua espera ficou um pouco mais impaciente desde então.

A Srta. Malone seria a quarta pessoa entrevistada. Até onde podia prever, a busca para preencher o cargo era inútil. Mas seu pai tinha insistido e quando Max Latimer batia o pé, as pessoas ao seu redor suspiravam e consentiam. Na maioria das vezes.

Zane se levantou quando Grace abriu a porta sem bater e mandou a mais recente candidata entrar. Ficou perplexo, com a boca quase aberta. Essa... ela... bem, não era o que ele esperava. Por cima dos cabelos negros da candidata, sua irmã

ergueu as sobrancelhas e sorriu, depois, levantou rapidamente os polegares por detrás de Akira.

— Este é Zane Latimer — ela disse para Akira. — Ele entrevistará você hoje. Aceita beber alguma coisa? Café, chá, água talvez?

— Não, obrigada — Akira respondeu, retorcendo as bordas do casaco preto e, então, estendeu a mão para cumprimentar Zane, que permanecia em pé atrás da mesa. — Como está, Sr. Latimer? — perguntou com uma formalidade antiquada.

— Ah, bem. E você? — Ele respondeu de modo automático, lançando

um olhar perplexo para Grace. Ela deu de ombros ao fechar a porta, ainda sorrindo, e ele fez um gesto em direção à cadeira desconfortável do outro lado da escrivaninha.

— Muito bem, obrigada. — Akira se sentou na beirada da cadeira, segurando a bolsa à sua frente.

— Como foi seu voo? — Ele perguntou ao se sentar.

— Esta manhã? — Ela destacou. — Foi o menor avião em que já estive. Foi interessante — seus lábios esboçaram um sorriso.

Zane não sabia dizer se interessante significava puro pavor ou deleite em olhar

pela janela. A pedido de Max, a General Directions providenciou a viagem de Akira da Califórnia para a Flórida Central em um voo comercial no dia anterior, depois, ela passou a noite no hotel do aeroporto. Aquele foi um voo comercial padrão. Já o voo muito mais curto daquela manhã foi em um Piper Seneca – um bimotor com capacidade para seis passageiros. Zane amava aquele avião, entretanto, não era o tipo de jato corporativo com comissárias de bordo servindo champanhe, cozinha, sala de reuniões e sofás elegantes.

Encostando-se na cadeira, ele uniu as pontas dos dedos das mãos. Gostava de

conduzir entrevistas, porém, pela primeira vez, desejou saber mais do que apenas o nome dessa candidata. Naquela manhã, pegou uma pasta fina da mesa de seu pai, mas não se incomodou em abri-la. A mesma pasta que agora estava na mesa diante dele.

— Então, como soube de nós? —
Começou.

— Er, vocês me ligaram — Akira respondeu, soando incerta. — Não sei muito sobre a empresa. O homem com quem falei ao telefone na semana passada disse que vocês me diriam mais na entrevista.

— Entendo. — Zane se inclinou para

frente, tocando a pasta, sem abri-la ainda. — Nesse caso, por que não me conta um pouco sobre você?

— Eu... quero dizer, você está interessado em minha pesquisa? Ou que eu leciono? — Akira encontrou um obstáculo.

Zane lhe ofereceu um sorriso educado, tentando não demonstrar que estava confuso. Max deve ter telefonado para ela. Mas onde ele a encontrou? Pesquisa? Aulas? Ela não tinha o perfil usual. Max passou meses escolhendo currículos e candidaturas, e essa era apenas a quarta vez que solicitou uma entrevista com um candidato. Contudo, a Srta. Malone era

completamente diferente dos outros.

Não que os três primeiros fossem fisicamente parecidos, mas tinham certo brilho, um aparência polida e projetavam simpatia, fazendo com que suas diferenças desaparecessem. Akira parecia um camundongo.

Um camundongo bonitinho. Talvez até um camundongo adorável, como um esquilo ou um gerbo. Zane tentou pensar em outros tipos de roedores. Existe algum com olhos negros, faces arredondadas e cabelos macios? Esse seria o tipo certo de roedor. De repente, percebeu que o silêncio se estendia por muito tempo e que o camundongo o olhava com nervosismo

crescente.

— Certo, sua pesquisa. Fale sobre sua pesquisa.

Ela suspirou com alívio e começou uma descrição que logo, nas primeiras palavras, deixou Zane completamente perdido.

— Sono... o quê? — finalmente a interrompeu.

— Sonoluminescência. Particularmente, sonoluminescência em bolha única e estável. Conduzi algumas experiências com gases nobres – argônio, xenônio...

Antes que Akira pudesse continuar, Zane levantou um dedo pedindo uma

pausa e abriu a pasta que estava sobre a mesa. A única folha de papel que encontrou não era candidatura a um cargo. Nem um currículo. Era a última página de um artigo acadêmico, com um círculo vermelho no parágrafo final.

— Energia potencial? — Admirou-se em voz alta, lendo o texto rapidamente. — Ah, energia espiritual.

Akira pareceu ficar ainda mais pálida, como se isso fosse possível. — Não é... quero dizer, era apenas uma ideia teórica especulativa. Apenas uma possibilidade hipotética que pode ser...

— O que você faz, exatamente? — Zane a interrompeu, ainda desnorteado

com o artigo. — Energy Research Quarterly? O que é isso?

— Sou uma professora de Física. Leciono no Colégio Santa Marita. Na Califórnia? — Akira disse como se fosse uma pergunta.

— Uma professora de Física? — Zane não conseguia evitar que seus lábios tremessem, mas se esforçou para engolir o riso. Okay, seu pai havia perdido totalmente a razão. Que diabos eles fariam com uma professora de Física? General Directions tinha uma divisão de pesquisa, mas tendiam a trabalhar com bioquímica e projetos médicos. E Zane não contratava os cientistas.

Uma batida leve na porta os interrompeu e Akira olhou para trás aliviada. — Devo... — ela começou no momento em que a porta se abria e Grace entrava carregando outra pasta.

Grace encarou Zane e seus olhos riam. — Desculpe-me interromper — disse calmamente — mas Max gostaria que você visse isso.

Zane pegou, aliviado, a pasta que sua irmã oferecia. Ali estaria o restante das informações sobre a Srta. Malone. A resposta estava em suas mãos. Ou não.

Ele abriu a pasta e viu três documentos: o contrato de confidencialidade padrão e o contrato de

trabalho (já preenchido com os dados de Akira) da General Directions e um recado em um post-it que dizia: “Natalya diz sim. Dê a Akira o que ela quiser, mas garanta um contrato de dois anos.” E a assinatura ilegível do seu pai rabiscada no final.

Um contrato de dois anos? Isso era ridículo. Os contratos usados na General Directions eram tipicamente para períodos curtos, três ou seis meses no máximo. Por que Max queria que essa mulher se compromettesse por um período tão longo?

— Ele disse mais alguma coisa? — Zane perguntou a Grace, sem esconder sua surpresa.

— Não, temo que não.

— Mas... — olhou para Akira. — Nos dê licença por um minuto.

Levantando-se, pegou Grace pelo braço e a levou até o corredor, fechando a porta quase completamente atrás de si. Em um sussurro insistente, perguntou: — Que emprego ele quer que eu ofereça? O que exatamente ela poderia fazer por nós?

Grace demonstrou indiferença.

— Você está se divertindo com isso, não está?

— Amo ver você confuso, querido. — Grace deu um tapinha em seu rosto. — Ela não é o tipo a que estamos acostumados, é?

— Max perdeu a cabeça? Ela é uma professora de física. Pensei que estivesse contratando uma... — examinou a porta, percebendo que Akira poderia ser capaz de ouvi-los. — Não é como se eu fosse responsável por entrevistar todo funcionário em potencial. Contratar cientistas não deveria ser responsabilidade do Smithsonian? — Indagou, citando o chefe da divisão de pesquisa da General Directions.

Grace mostrou-se indiferente outra vez.

— Bem, ela deve trabalhar no departamento de Assuntos Especiais, Pesquisas ou o quê?

— Você sabe tanto quanto eu. Acho que a decisão é sua.

— Tudo bem — Zane suspirou. Queria que o camundongo trabalhasse para ele ou não? Bem, sim. Um sorriso relutante se abriu em seu rosto.

De volta ao escritório, se sentou atrás da mesa. Ela parecia deprimida. Tinha o tipo de rosto brando e expressivo, que seria maravilhoso em um palco – até a plateia nos confins do teatro conseguiria ver suas emoções. Todavia, seria melhor para ela se fosse uma atriz mais talentosa, com habilidade em esconder o que sente.

Zane planejava continuar com as perguntas enquanto tentava descobrir o

que fazer com a professora, porém, não pôde resistir colocar um fim ao sofrimento dela. — Então, gostaríamos de lhe oferecer um emprego — encontrou-se anunciando. — Você vai precisar assinar um contrato de dois anos. E qual é seu salário atual?

— Eu... o quê? — Akira espantou-se.

— Seu salário atual? — Ele repetiu pacientemente.

Ela mencionou um valor, depois acrescentou: — Mas espere...

Zane acrescentou vinte e cinco por cento ao valor e anunciou o novo total, então, continuou: — E o custo de vida é menor na Flórida. Você vai descobrir que

o padrão de vida é diferente em Tassamara.

— Mas espere — ela disse outra vez. — O que vocês querem que eu faça? O que o cargo exige?

— Pesquisa — ele sorriu, talvez demais, pois também tentava descobrir qual seria a resposta certa para aquela pergunta.

— Mas nem sei o que a General Directions faz. É um nome extremamente vago. Com o que a empresa trabalha?

— Ah, um pouco disso, um pouco daquilo. Alguns trabalhos para o governo, algumas pesquisas particulares, um pouco de investimento em outras empresas.

Ela franziu as sobrancelhas e ele não pôde resistir à tentação de caçoar um pouco. Com seriedade, disse: — Nada proibido para menores, claro.

Como se essa fosse a maior preocupação de Akira. Os olhos dela se arregalaram e ele tentou não rir, mas um tremor travesso escapou.

Cerrando os olhos, ela seguiu adiante, obviamente determinada a ignorar as distrações. — Minha preocupação é com o trabalho para o governo. Vocês prestam serviços para o Departamento de Defesa?

— Você tem motivos para acreditar que não teria autorização de acesso para algum nível de segurança? — Ele

questionou, agora interessado.

Novamente, ela pareceu surpresa. — Não, mas não quero que minha pesquisa seja usada para produzir armas.

Desta vez, Zane ficou surpreso. — Você acredita que isso seria possível? — Abriu a pasta e estudou o material ínfimo outra vez. Com o que, exatamente, ela trabalhava?

— Bem, não sei — sua irritação era clara. — Ainda não completei a pesquisa. Não tenho resultados. Porém, gostaria de alguma garantia de que, se houver resultados interessantes, estes não serão lacrados em um projeto supersecreto militar.

— Posso garantir que nunca desenvolvemos armas para o governo. Qualquer governo.

— Então, o que vocês fazem para o governo? Qualquer governo? — Ela repetiu suas palavras com ênfase. Zane não resistiu e sorriu. Akira não retornou o sorriso, mas, por um momento, uma covinha apareceu em seu rosto.

— Ah, bem...

— Não diga. Um pouco disso, um pouco daquilo?

— Mais ou menos.

— Quer dizer que vocês estão me oferecendo um emprego, mas não querem revelar nada sobre as atividades da

empresa ou sobre o que eu faria?

— Algo assim.

Akira franziu o cenho e ele pode ver a indecisão em seu rosto, por isso acrescentou: — Posso dizer que estará livre para continuar com sua própria pesquisa. Sobre sonolu... minescência — tropeçou no termo antes de continuar — ou seja lá o que for.

Zane duvidava que continuasse a pesquisar sobre aquele negócio por muito tempo: Max deveria saber mais do que dizia sobre as habilidades dela.

A professora ainda parecia indecisa, então, ele deslizou o contrato de confidencialidade ao longo da mesa. —

Assine isto, mostro o lugar para você, conversamos sobre o tipo de laboratório e equipamentos de que irá precisar e, aí, você decide.

Pegou uma caneta e acrescentou o valor do salário durante a validade do contrato, depois, mostrou a ela. — Você terá que se comprometer por dois anos. Mas não é preciso pensar nisso até conhecer a empresa.



AKIRA RESPIROU FUNDO ANTES de dar partida. Não tinha certeza de como se sentia com o ocorrido, entretanto,

aparentemente, iria se mudar para a Flórida. Não conseguiu reprimir um rubor de alegria quando pensou nos belos laboratórios que viu. Até sua incerteza sobre o motivo de sua contratação não diminuiu seu prazer com a possibilidade de ficar horas ininterruptas sem fazer outra coisa a não ser explorar suas ideias.

— Você parece feliz — o menino no banco traseiro disse. — Talvez tenha ganhado mesmo na loteria.

Akira não respondeu, mas sua felicidade perdeu um pouco do brilho.

— Imagino quem encontrou lá dentro. Deixe-me pensar. Talvez possa adivinhar o que você faz. Talvez venda alguma

coisa? Não. Talvez seja uma bibliotecária? Não. — O garoto desabou no assento, melancólico, e disse: — Esse jogo não tem graça quando nunca saberei a resposta. Ele olhou pela janela e suspirou. — Vinte e cinco minutos até o aeroporto e estarei de volta ao estacionamento.

Akira mordeu o lábio.

— E então? Qual é seu nome?

Os olhos do garoto se arregalaram e ele se inclinou para frente novamente. — Você pode me ver!

— Posso, mas não fique todo animado com isso.

— Você está brincando? Não

converso com ninguém há meses. Estou preso neste carro. Passo a maior parte do tempo sentado em um estacionamento. E você está vivendo!

— Mais uma vez, não fique todo animado.

Akira sabia exatamente o que aconteceria e não seria divertido. Deveria ter continuado a fingir que não o via. Contudo, ele parecia tão triste enquanto ela estava tão feliz. Não foi capaz de continuar a ignorá-lo.

— E aí, você me ajuda? Tipo, a encontrar a luz ou algo assim?

— Seria bom, não seria? — Sua voz soou seca. — Não, infelizmente, não sei

nada sobre nenhuma luz. E se você quiser que eu fale com um parente... isso nunca acaba bem. Prefiro não fazer isso.

— Mas não é isso que você faz?

— Não, isso só acontece na televisão

— Akira suspirou e ligou a seta. A guarita de segurança estava logo à frente e não queria ser vista falando sozinha.

— Mas... mas você pode me ver!

Akira lançou um olhar pelo retrovisor. Sim, podia vê-lo e ele era encantador, de verdade. Deveria ter uns 14 ou 15 anos quando morreu; alto e desajeitado de um modo adolescente, com braços e pernas para todo lado, cabelos negros encaracolados e olhos de um azul intenso.

Entrando na rua movimentada e com a guarita de segurança deixada para trás, perguntou outra vez: — Você tem um nome?

— Dillon. Quer dizer que você não pode mesmo me ajudar?

Ela negou com a cabeça. — Não muito, não.

— Cara, isso é um saco — ele desabou novamente no banco, descontente. — Finalmente, encontro uma pessoa que pode me ver e ela é inútil. Eh... sem ofensa.

Akira engoliu um sorriso. Na verdade, nem se importou com a palavra inútil. Já ouvira coisas piores.

— Posso ouvir — ofereceu. — E sei alguma coisa.

— Você sabe por que estou preso? — Ele continuou. — Quero dizer, isso não deve acontecer com todo mundo. Conheci um cara em um posto de gasolina uma vez, mas não há uma multidão de fantasmas nas ruas.

— Ah, existe um bom número nas rodovias, na verdade. Costumava ser um pesadelo para mim quando ainda estava aprendendo a dirigir. Vivia me distraindo. Meu pai... bem, deixa para lá — se recusava a pensar naquela lembrança. E olhou no relógio. — Não preciso voltar para o aeroporto por umas cinco horas.

Aonde você quer ir?

— Sério? — Dillon indagou.

Ela consentiu com a cabeça. — Mas nada de parentes, por favor. — Fez uma expressão de dor. — Sério, nunca acaba bem.



AKIRA RECEBERA instruções claras sobre onde deixar o carro, mas quando chegou ao estacionamento, ficou preocupada. Ao contrário de um serviço comum de aluguel de carros, lhe disseram que alguém iria ao seu encontro para pegar as chaves.

— Você se lembra do que eu disse,

certo? — Perguntou a Dillon.

— Palavra por palavra — ele garantiu.

— Trabalhe o alongamento. Sei que ser puxado de volta não é divertido, mas, se praticar, irá descobrir que é capaz de chegar cada vez mais longe do carro. É como praticar exercícios, será dolorido no início, no entanto, a recompensa fará valer a pena.

— Com certeza. Está brincando, né? Sair deste carro seria ótimo. Praticarei todos os dias.

— E evite espíritos com um brilho vermelho. Se vir alguém que pareça estar contornado em vermelho, siga na direção

oposta.

— Certo — ele prometeu, agora com menos entusiasmo.

— É sério. Sei que se sente sozinho e, provavelmente, pensa que qualquer companhia é melhor que isso, mas não é verdade. Espíritos vermelhos são más notícias.

— Já estou morto. O que podem fazer comigo?

— Ah, querido! — Akira balançou a cabeça. — Se acha que o tédio é o pior que pode acontecer, então, você não assistiu televisão o bastante quando estava vivo. Confie em mim — se virou e o fitou, sabendo que era a primeira pessoa

que olhava diretamente desde sua morte.
— Fique longe dos fantasmas com contornos vermelhos.

Ele consentiu com a cabeça.

— E alongue — ela apontou um dedo para ele e sorriu; Dillon devolveu o sorriso com uma gama de emoções lutando por precedência em seu rosto.

Ela notou alguém se aproximar pela janela de trás e disse rapidamente: — Preciso ir. Cuide-se.

Saindo do carro, cumprimentou a jovem. Ao entregar as chaves, disse por impulso: — Vou me mudar para esta área em algumas semanas e precisarei alugar um carro. É possível que este fique

disponível?

A garota ficou surpresa. Ela olhou do carro para Akira e, novamente, para o carro antes de dizer: — Este carro? Mas... er, bem, acho que sim. Quero dizer, não sei. Posso perguntar — seu tom expressava incredulidade.

— Seria ótimo — Akira agradeceu. — Há um número ou alguém com quem eu possa falar quando voltar?

— Claro. Sim. Pergunte na General Directions. Fale com Grace — a garota assentiu com a cabeça, desaparecendo sua incerteza. — Grace saberá informar. E poderá ajudar.

CAPÍTULO DOIS



Akira decidiu que a Flórida era um lugar assustador. Começava a questionar sua decisão de se mudar para lá. Novamente. Só pela centésima vez.

Mal saiu do carro na primeira casa

que Meredith, a corretora de imóveis, queria lhe mostrar, apesar dos protestos da profissional: — Ah, mas é uma linda casinha. Reformada recentemente, totalmente atualizada por dentro, com os eletrodomésticos mais modernos e o aluguel é razoável. Akira apenas agiu sem dar muita importância e disse: — Não é ideal para mim. — O espírito mal-humorado de uma mulher na varanda lhe mostrou um punho cerrado enquanto se afastavam, embora Akira estivesse certa de que o "Vai tarde" que ouviu foi apenas sua imaginação.

Na segunda casa, Akira parou diante da porta do quarto e engoliu seco. Não era

mobiliado e as paredes pintadas recentemente com um branco sujo. Meredith entrou a passos largos, falando sobre o banheiro adjacente como se a garota translúcida no chão, chorando com um bebê no colo e balançando-se para frente e para trás fosse invisível. O que, com certeza, era verdade — para a corretora de imóveis. “Suicídio?”, Akira pensou impassível. “Talvez causas naturais para o bebê e a mãe, movida pela dor, tirou a própria vida? Ou talvez uma depressão pós-parto causasse um assassinato seguido de suicídio?”

— Não vai dar uma olhada? É adorável. — A voz de Meredith era

jovial. Akira começava a sentir antipatia.

— Não, obrigada — respondeu com calma. — Não acho que seja ideal para mim. — Virou-se, marchou para fora da casa e diretamente para o carro. Quando Meredith a alcançou, já estava sentada no assento do passageiro e com o cinto de segurança afivelado, olhando fixamente para frente.

— Você vai se adaptar muito bem por aqui — Meredith disse ao colocar a chave na ignição e se afastar da sarjeta.

Akira lançou um olhar curioso em sua direção. Qual era o significado daquilo?

Meredith sorriu, meio a contragosto. — A próxima casa é grande para você, no

entanto, está dentro do seu orçamento e o Dr. Latimer sugeriu que pode lhe interessar.

— Dr. Latimer? Zane Latimer?

— Não, não, Max Latimer. Foi ele quem agendou seu horário.

Akira franziu as sobrancelhas. Ela tentou buscar informações sobre a empresa quando estava na Califórnia, mas era quase invisível. Ah, havia um web site, um web site completamente vago. O redator que do texto devia ser um mestre em dizer nada em muitas, muitas palavras. Além disso, o nome era muito genérico. A expressão “general directions” gerou catorze milhões de resultados no Google,

mapas em sua maioria. Akira deduziu que a empresa era propriedade privada, mas foi o mais longe que chegou.

— Acredito que não o conheci — disse a Meredith.

— Não? — A voz da corretora soou casual. Ela colocou uma mecha de seu longo cabelo vermelho atrás da orelha enquanto, ostentadamente, prestava atenção no trânsito, que estava vazio.

— Há algo que deva saber sobre ele? — Akira perguntou, impaciente. Já estava ficando cansada do mistério. Ao longo do último mês, havia anunciado sua saída da universidade, alugou sua casa, empacotou seus pertences, colocando alguns em um

depósito e providenciando que o resto fosse transportado para a Flórida; se despediu de todos e tudo que conhecia e partiu para Orlando.

Desta vez, não havia nenhum avião particular para deixá-la quase que diretamente na General Directions, portanto, precisou fazer a longa viagem em um carro alugado. Chegou à Tassamara com a expectativa de se hospedar em um hotel e começar a trabalhar imediatamente. Em vez disso, Grace sugeriu que tirasse o tempo necessário para se estabelecer e a apresentou a Meredith, uma ruiva com trinta e poucos anos que iria mostrar a ela

“tudo que fosse importante”. Até onde Akira podia afirmar, não havia nada importante em Tassamara. Não estava nem mesmo certa de já ter visto a cidade. Parecia ser um ponto do mapa que, se piscar, você não vê.

— A maioria das pessoas em Tassamara trabalha para ele, direta ou indiretamente — Meredith finalmente relatou. — General Directions é a única empresa da cidade.

— E isso significa o quê? Que ele administra o lugar como se fosse uma cidade mineradora antiquada? O que diz é lei?

— Ah, não, não — Meredith riu. —

Vai gostar dele, tenho certeza. Todos gostam. Ele apenas... bem, você verá — ela guiou o carro para o lado da estrada e parou.

Akira não fez questão de sair do carro. — Ele apenas o quê? Escolha uma palavra, qualquer palavra. Vim de longe, da Califórnia, não conheço ninguém aqui e, se cometi um grande erro, quanto mais cedo descobrir, melhor — sabia que tinha sido seca demais, entretanto, não conseguiu evitar.

Aceitar um trabalho tão longe de casa era um ato que negava em sua imaginação: convencera a si mesma a seguir em frente, concentrando-se no laboratório e no

trabalho. Evitou imaginar como a vida seria, sua casa, onde faria compras ou iria caminhar, quem seriam seus amigos ou o que faria nos finais de semana. Muito propositalmente não pensou nos desafios de navegar lugares desconhecidos, casas estranhas, paisagens exóticas. Se pensasse em todas essas coisas... bem, possivelmente, estaria trabalhando na loja de conveniências na esquina de sua rua, na Califórnia, e passando fome para pagar as contas em vez de desbravar essa incerteza.

Não que fosse covarde, assegurou-se. Todavia, seus desafios eram diferentes daqueles que a maioria das pessoas tinha

e precisava ter cuidados que pessoas normais não entenderiam. Tudo bem, talvez fosse um pouco covarde.

Meredith sorriu em sua direção. — Excêntrico. Doutor Latimer é excêntrico. Mas, na verdade, acho que você vai se dar muito bem em Tassamara. É uma cidadezinha peculiar — indicou a casa atrás de Akira. — Este é o lugar. Dê uma olhada.

Peculiar? Akira não se sentia melhor. Mas virou e olhou na direção indicada. A casa tinha dois andares, batentes brancos, com uma varanda contornando toda a extensão e uma pequena torre. Lançou um olhar surpreso para Meredith. Era

brincadeira? — Irei morar sozinha, sabe. Não trarei uma família.

Meredith já saía do carro. — Venha dar uma olhada. Como eu disse, é um pouco grande, no entanto, o Doutor Latimer pensou que poderia gostar.

Akira a seguiu pela passarela diminuta. A casa foi construída próxima à rua e Akira olhou curiosa para a vizinhança. — Estamos perto da cidade?

— Estamos. Millard Street é a principal avenida, há dois quarteirões daqui. Uma caminhada fácil, se não gostar de dirigir.

Akira não se importava em dirigir, mas poder caminhar para realizar

pequenos afazeres seria agradável. Pensar em dirigir a fez lembrar-se do Taurus preto e de Dillon. Havia perguntado a Grace se poderia alugar o carro que dirigiu naquele primeiro dia, sem saber o que responder quando Grace perguntou por quê. Afinal, era apenas um carro comum, com muitos anos de uso, sem nada especial – a menos que você pudesse ver o fantasma de uma adolescente habitando o banco traseiro –, sem motivo para querer aquele carro em vez de um modelo mais novo.

No entanto, Grace não questionou os motivos de Akira. Ela apenas fez uma pausa, seu rosto ficou imóvel antes de se

virar para outro lado e cuidar de alguns arquivos e de se virar, outra vez, sorrindo e declarando: — Acho que pode ser providenciado. Estará à sua espera no aeroporto.

Akira ainda não sabia ao certo se viu algo na expressão de Grace — tristeza? preocupação? — ou se foi apenas sua imaginação. Ficou, porém, aliviada demais por Grace não fazer nenhuma pergunta difícil para tentar decifrar sua reação.

Meredith destrancou a porta e deu um empurrão forte para abri-la. — Está um pouco emperrada, precisaremos chamar alguém para cuidar disso. — Ela entrou

na casa e Akira a seguiu, sentindo-se desconfiada.

Os dois primeiros cômodos estavam vazios e faziam eco. Os pisos de madeira estavam velhos e gastos, mostrando sinais de uso contínuo, e a lareira na sala de visitas estava enegrecida com anos de uso. Mas a iluminação era aconchegante e o teto alto, com ventiladores. Uma escada estreita levava ao andar superior e a um corredor que se estendia para os dois lados. Outro corredor levava aos fundos da casa.

Meredith tagarelava sobre as cores da pintura e dos móveis, mas Akira não prestava muita atenção. Ela se virou

devagar, olhando ao redor. A casa transmitia uma impressão, mas não era uma impressão ruim. Deveria causar a sensação de abandono, solidão, como casas desabitadas tinham uma tendência a causar. Não aquela casa que, apesar do vazio, parecia vivaz. A desconfiança de Akira aumentou. Aquela cidade era infestada de fantasmas?

Seguiu Meredith pelo corredor até a cozinha, passando por um pequeno lavabo.

— Rose! Temos visitas — um velho dobrou o jornal e se levantou quando Akira entrou no cômodo. Ela olhou rapidamente para Meredith. Nenhuma

reação. Certo, então era um fantasma. Akira manteve os olhos longe dele, não permitindo que percebesse que podia ser visto; tentou o observar pelo canto dos olhos enquanto murmurava uma resposta vaga para os comentários incessantes de Meredith.

Ele parecia um avô gentil. Não o avô gentil dela – nunca conheceu seus avós – mas como a versão televisava de um avô gentil, com cabelos brancos, marcas de expressão e um pouco mais de barriga do que deveria ser bom para ele. Vestia algo que a fez pensar em roupas de golfe: uma camisa de manga curta, com um colete de lã e calças de tom claro.

— Ah, oba! — Um vendaval entrou por uma porta que Akira não havia notado e ela precisou se concentrar em Meredith para evitar olhar diretamente. A jovem bateu palmas e rodopiou no centro do cômodo, com sua saia cor-de-pêssego alargando-se ao seu redor. — Talvez ela receba TV por assinatura. Talvez aquele programa de música. Rápido, o que fazemos para ficar com ela? Eu sei: que tal fazer o ar cheirar a biscoito de chocolate?

O velho riu: — É uma boa ideia. Trabalhe nisso. Seria agradável se conseguisse fazer isso acontecer.

— Ah, realmente espero que ela fique.

Devo mandar os meninos entrarem? — Rose dançou até a porta dos fundos, dentro do campo de visão de Akira, e encostou-se nela, espiando pela janela. Alta, esbelta, com longos cachos loiros, vestia uma saia longa e uma blusa típicas da década de 50.

— Bem, Rose, você sabe que faz muito tempo desde que entraram na casa pela última vez. Deixe-os em paz. Estão bem.

Rose se virou e Akira rapidamente redirecionou sua atenção para Meredith. — Sinto muito, o que você disse?

Meredith a observava e notou uma expressão curiosa em seu rosto. —

Algumas pessoas acreditam que esta casa é assombrada — comentou com calma, de modo quase casual, sem qualquer resquício de emoção na voz.

— Nãoooo! — Rose gemeu. — Não faça isso. Vai assustá-la.

— Ah, minha nossa, isso é ruim — o velho murmurou. — Deve ser por isso que a casa está vazia há tanto tempo.

— Foi a última moradora, aquela que acendia coisas fedidas e tentava falar com a gente. Mas, não podia ouvir nada — Rose bateu os pés.

— Dizem que os fantasmas são amigáveis — Meredith sorria, entretanto, seu olhar era intenso demais, cheio de

expectativa.

— Nós somos, somos amigáveis, sim!

— Rose exclamou. — Gostamos de pessoas. Ah, por favor, venha morar aqui. Sinto falta da televisão. Sinto falta de música. É muito quieto sem pessoas.

— E você acredita em fantasmas amigáveis? — Akira tentou carregar seu tom com ceticismo.

— Em Tassamara, acreditar em seis coisas impossíveis antes do café da manhã é normal. Mas vamos continuar. Como pode ver, a cozinha é bonita, nada especial, mas com um bom design. Todos os eletrodomésticos, até mesmo o refrigerador, estão inclusos e há uma

máquina de lavar e uma secadora ali, onde costumava ser a dispensa. — Meredith abriu a porta dos fundos e saiu. — O quintal é cercado por todos os lados e espaçoso para esta parte da cidade. Tem uma piscina pequena e a manutenção também está inclusa no aluguel.

Akira a seguiu, mas ainda ponderava as primeiras palavras de Meredith. Que coisas impossíveis? Ao olhar para fora, contudo, seus pensamentos foram esquecidos.

Um pedacinho do paraíso. Plantas floridas e arbustos exuberantes criavam um contorno deslumbrante no pequeno quintal, onde uma piscina oval, cercada

por ladrilhos de cerâmica, era a peça principal. Dois espíritos corriam e brincavam como se a piscina não existisse.

Eles eram o tipo de fantasma que Akira chamava de desvanecidos. Diferentes dos fantasmas na cozinha, aqueles garotos eram translúcidos, suas cores desbotadas e opacas. Mas ela podia ouvir suas risadas e não conseguiu conter um sorriso.

— É lindo.

— Duas árvores cítricas. Você vai adorar o aroma das flores de laranjeira em algumas semanas e a fruta seria sua, claro. Deixe-me mostrar o andar superior.

— Meredith voltou a assumir uma postura séria de corretora de imóveis e Akira a seguiu de volta para dentro da casa e escada acima, imaginando em que a corretora pensava.

No segundo andar, Meredith parou diante da primeira porta. — Quatro quartos, portanto, como disse, é grande, mas você poderá escolher o que preferir e, talvez, usar outro como escritório. E há muito espaço para estocagem, claro. O aluguel é razoável, apesar do tamanho.

— Aquele é meu quarto. — Akira não reagiu ao ouvir a voz de Rose logo atrás, apenas estampou um sorriso no rosto para o benefício de Meredith. — Pode dividir

comigo, se quiser. Não me importaria em dividir. Ah, e se você gosta de assistir televisão à noite, seria perfeito. Prometo que não falo muito.

Akira observou o quarto. Era grande e iluminado, e continuou andando. O quarto seguinte era menor e teria sido de uma criança um dia. Também passou por ele.

— Henry fica a maior parte do tempo lá embaixo, então, não precisa se preocupar com ele — o tom de Rose era meio triste e Akira abriu a porta que levava ao quarto na pequena torre e entrou.

Foi até a janela e estudou a paisagem, com a intenção para esconder seu rosto de

uma Meredith aparentemente perceptiva.

Por uma questão de princípio, Akira evitava fantasmas. Sabia por experiência que suas interações com os espíritos podiam ser perigosas. Porém, aqueles fantasmas não eram do tipo perigoso: Rose disse que eram amigáveis, mas Akira não precisou de suas palavras. Podia reconhecer um espírito perigoso de longe, às vezes, apenas por meio de uma vibração no ar.

Claro, qualquer fantasma pode se tornar perigoso. Se seu pai soubesse que considerava viver com fantasmas... embora não precisasse se preocupar mais com a reação dele.

E, também, havia Dillon. Falar com ele foi um impulso. Quando o rapaz suspirou e mencionou o estacionamento, Akira suspeitou que ele estivesse preso ao carro. Isso significava segurança: ele não iria segui-la até a casa. Não apareceria em seu quarto ou no chuveiro ou em sua sala de aula, como o espírito com quem havia falado, quando ainda era adolescente, e que tornara a vida dela um inferno, por meses, devido à solidão e ao sofrimento dele.

Ela arriscou, pensando que seria apenas por uma tarde, pois gostou dele. Começaram a conversar como se fossem velhos amigos, falando sobre astronomia,

ciência, filmes e Harry Potter. Como a maioria dos espíritos, ele parecia desesperadamente só, mas também era curioso e interessado no mundo. E estava disposto a aceitar que Akira não tinha as respostas que procurava.

Ao alugar aquela casa, aceitara um risco ainda maior. E trazer o menino aqui, para esta casa, poderia lhe fazer bem. Ele teria, pelo menos, dois outros espíritos com quem conversar, talvez mais se os desvanecidos no quintal ainda estivessem conectados ao mundo. Não seria como viver, claro, e sempre que fosse para o trabalho, ele teria que acompanhá-la.

Decisão tomada, voltou-se para

Meredith e disse: — Fico com ela.

— Você...? Tudo bem. Vou preparar a documentação — Meredith a olhava surpresa, porém, contente, ainda que sua reação fosse apática se comparada à de Rose, que gritava com alegria e corria chamando: — Henry, Henry, ela vai morar aqui!

— Meu escritório é na Millard. Por que não vamos até lá e você dá uma olhada na cidade enquanto preparo o contrato?

— Parece uma boa ideia — Akira estudou o quarto na pequena torre e sorriu. Tudo bem, seu raciocínio era lógico. Cientificamente confiável.

Todavia, podia admitir para si que viver em uma torre era a realização de um sonho de criança.

Na Millard Street, Akira foi dar um passeio enquanto Meredith agilizava os documentos, retornando mais tarde e se sentando em um banco em frente à imobiliária. A avenida principal tinha o conjunto de estabelecimentos comerciais usuais: posto de gasolina, com uma loja de conveniências ao lado, mercado com estacionamento na frente e até uma pequena loja de ferragens. Um restaurante, que era uma mistura de café com lanchonete, ficava ao lado de uma pequena livraria, uma loja de antiguidades

e uma loja que não parecia vender nada além de cristais.

Parou de andar porque as lojas pareciam ter chegado ao fim e os prédios se tornaram casas ou pequenos escritórios, de advogados e contadores, e talvez um ou outro médico ou dentista. Tudo parecia muito normal. No entanto, havia algo estranho. Era como uma cidade turística, porém, menor, mais empoeirada, sem luzes coloridas e sem aquela simpatia artificial. Como a cidade sobrevivia?

— Minha nossa, que aura bonita você tem, querida — Akira automaticamente olhou na direção da voz, mas depois desviou os olhos, esperando que o

fantasma não notasse sua reação. Uma mulher diminuta, menor ainda que a própria Akira, usando um vestido largo e florido parou ao seu lado e a encarava. — É adorável. Ora, este azul é quando iridescente. Não sei se já vi esse tom antes. Você tem algum dom especial, querida?

— Olá, Sra. Swanson. — Meredith abriu a porta da imobiliária e Akira se levantou, surpresa. A mulher não era um fantasma?

— Olá, Meredith. Como sua mãe está? Não é de hoje que quero lhe fazer uma visita.

— Ah, ela ficaria encantada em vê-la.

Está um pouco melhor, mas sempre quer saber o que acontece pela cidade.

— Notou a aura da sua amiga? É fora do comum. — A mulherzinha estendeu a mão como se fosse tocar Akira, no entanto, tocou apenas o ar perto dela. Akira se mexeu, desconfortável, evitando que seu recuo fosse óbvio. Lançou um olhar desesperado para Meredith, contudo, a corretora de imóveis sorria.

— O que ela revela?

— Bem, não tenho certeza. Acabei de perguntar se ela tem um dom. Não acredito que tenha visto uma aura assim antes.

— Esta é Akira Malone. Akira, a Sra.

Swanson é uma das moradoras mais antigas de Tassamara. É proprietária de um pequeno negócio a alguns quarteirões daqui. Akira é a nova cientista contratada pela General Directions, Sra. Swanson. Acabei de levá-la para ver algumas casas e ela alugou a antiga residência dos Harris.

— Uma cientista? Bem, isso não parece certo. Mas é um prazer conhecê-la, criança. — a mulher pegou ambas as mãos de Akira, apertando-as quase como um cumprimento, ao mesmo tempo em que inspecionava a região ao redor de sua cabeça.

— Eu, hum, o prazer é meu, tenho

certeza — Akira resmungou, tentando libertar suas mãos com sucesso.

— Akira precisa entrar para assinar o contrato, Sra. Swanson. Nos vemos depois — Meredith acenou e Akira gesticulou um adeus com a cabeça ao entrar no escritório.

— Ela é... o que foi aquilo? O que ela fez? — Akira perguntou. Havia um jeito educado de descobrir se a Sra. Swanson sempre abordava estranhos na rua?

Meredith sentou-se atrás de sua mesa. — Ela lê auras, claro.

— Como?

— Ela lê auras — Meredith pronunciou aquelas palavras naturalmente.

Akira olhou pela janela para a mulher que se afastava e, depois, para Meredith. — Está falando sério? — Akira perguntou ao se sentar diante da mesa de Meredith.

Meredith pareceu surpreender-se. — Claro. Não somos nenhuma Cassadaga, mas Tassamara é uma cidade de pessoas sensitivas. Isso nos torna um pouco incomuns.

— Uma cidade de quê?

— Pessoas sensitivas. Cassadaga, claro, é famosa por seus espiritualistas. Somos muito mais reservados aqui. — Ela se inclinou para frente e, baixando o tom de voz, segredou: — Acho que temos mais sensitivos de verdade aqui, mas não

posso julgar.

Akira sentiu seu rosto empalidecer. Meredith passou o contrato para Akira e colocou as chaves ao lado, sorrindo.

Por um momento, Akira permaneceu imóvel. Em que se envolveu? Mordendo o lábio, pegou uma caneta e assinou o contrato, depois agarrou as chaves.

Aquela cidade podia ser louca.

Mas, por outro lado, ela também.

CAPÍTULO TRÊS



O carro estava vazio. Akira ficou surpresa com a pontada de decepção que sentiu. Espíritos desapareciam e ela sabia disso. Nunca soube exatamente o que acontecia com eles, mas num dia estavam

ali, no outro, partiam.

Como física, tinha teorias, apesar de que, com exceção daquele parágrafo destruidor de carreiras em um artigo acadêmico, apenas em particular, nunca em público. Espíritos eram uma forma de energia? Dissipavam-se lentamente em alguns casos, como os desvanecidos, e desapareciam rapidamente em outros? Ou isso mudava? A primeira lei de termodinâmica diz que energia não pode ser criada nem destruída, apenas transformada, portanto, isso significava que espíritos se transformam em outra forma de energia? E se for o caso, em quê?

Naquele momento, contudo, a questão era que acabara de alugar um Taurus velho por nenhum motivo e queria ficar com ele? Olhou para o pequeno aeroporto. Pegou as chaves na recepção, como Grace pediu que fizesse. Supôs que poderia voltar e dizer que mudou de ideia, mas seria tão difícil explicar sua desistência quanto justificar por que quis o carro em primeiro lugar. Melhor ficar com ele.

Sentou-se atrás do volante e ajustou o assento, depois, os espelhos. A última pessoa que o dirigiu era muito mais alta que ela. Preparada para partir, colocou a chave na ignição, deu ré para deixar a

vaga no estacionamento e começou a se afastar.

O grito foi tão agudo em intensidade quanto assustador em volume.

Akira pisou no freio e o carro derrapou. Um flash, um estalido alto, e o carro estava cheio de fumaça.

A próxima coisa de que teve ciência foi a sensação de uma mão quente e forte em suas costas enquanto tossia, e a voz de um adolescente dizendo: — Desculpe-me, sinto muito — repetidamente.

— Apenas relaxe e respire — era uma voz mais velha, porém, familiar. Akira ergueu os olhos. Por um momento, não reconheceu aquele rosto inesperado. Mas

aqueles cabelos negros, os olhos azuis — finalmente as peças do quebra-cabeça se juntaram e percebeu que era Zane Latimer, seu novo chefe. — Vou chamar uma ambulância — ele continuou.

Akira negou com a cabeça freneticamente, enquanto recusava as muitas desculpas de Dillon. Mesmo tossindo, conseguiu pedir: — Sem ambulâncias. Nem pensar.

— Ah, sim, ambulância — Zane disse. — Você estava inconsciente. Precisei tirar você do carro por causa do pó do airbag. Só Deus sabe que dano posso ter causado.

Ainda tossindo, mesmo com a dor que começava a sentir, Akira tinha espaço

para uma explosão de medo. Ambulâncias levavam aos hospitais e hospitais eram ruins. Muito ruins.

Notou que estava sentada sobre o pedregulho do estacionamento e Zane agachado ao seu lado com a mão ainda em suas costas enquanto ela se apoiava nas pernas dele. Dillon estava do outro lado. Havia parado de pedir desculpas, mas tinha o punho pressionado contra a boca e uma expressão preocupada estampava seu rosto.

Tentou sorrir para ele, mas, provavelmente, pareceu uma careta. Doía respirar. Pensou que era apenas por causa da tosse, ainda que soubesse estar

lesionada pelo cinto de segurança. Seus braços também doíam – marcas longas em seu pulso eram quase escoriações, arranhados e esfolados com o impacto do airbag.

— Ficarei bem. — Suas palavras soaram sufocadas, mas conseguiu pronunciá-las.

— Você estava inconsciente — Zane repetiu. — Não sou médico, mas sei o bastante para entender que isso é ruim. Você precisa ser examinada.

— Estou bem — Akira insistiu. — Foi apenas o airbag. Não dirigia depressa. Com o quê colidi? — Tentou se levantar, apoiando-se em uma das mãos. Zane

colocou um braço sob seu cotovelo e ajudou-a a se erguer; ele próprio se levantando com uma graciosidade que ela não conseguiria imitar.

— Parece um parquímetro. Você não causou muito estrago, apenas amassou o para-lama. É uma pena quanto aos airbags. A limpeza vai custar caro. E é um carro velho, não vale muito. A seguradora, provavelmente, vai dar perda total.

— Perda total?— Akira olhou para Zane apavorada.

Ao lado do carro, Dillon arregalou os olhos e colocou uma mão sobre o capô, em um gesto possessivo. — O que vai

acontecer comigo?

Akira começou a negar com a cabeça: — Não, não, não precisa acionar a seguradora. Vou mandar arrumar.

Zane cerrou os olhos. — Você está muito determinada a ficar com este carro.

Akira hesitou. Olhou para Dillon, mordeu o lábio, desviou o olhar. O que poderia dizer? Tossiu algumas vezes — uma tática de retardamento no momento em que pensava sobre a situação. Deveria aceitar a perda total do carro? Seria levado para algum ferro-velho? Desmantelado para retirada de peças ainda úteis antes de ser prensado? O que aconteceria com Dillon?

Se, pelo menos, seu pai estivesse ali... mas não estava. Estava morto há três anos.

Levantando o queixo com determinação, disse: — Sim, estou. Vou mandar arrumar o carro.

— O que você acha de um acordo — Zane ofereceu. — Venha comigo para o hospital, deixe um médico examinar você e eu providencio o conserto do carro.

Akira negou com a cabeça. — Nada de hospitais. Eu não... não vou ao hospital.

— Como assim, não vai ao hospital? Você está machucada. Pode ter ferimentos internos, uma contusão, até mesmo algum dano cerebral.

— Estou bem — a careta que fez quando tocou o próprio peito não ajudou a convencê-lo, porém, acreditava estar bem, apenas contundida.

— Sou seu chefe. Ir ao hospital é uma ordem — Zane afirmou, exasperado.

Akira lançou-lhe um olhar. Obedecer às ordens para ir ao hospital não estava na descrição de suas responsabilidades. Era uma descrição vaga. No entanto, se incluísse visitas ao hospital, ela não ficaria no emprego – com ou sem contrato. E se ele era, tecnicamente, seu chefe, seria difícil pensar nele daquela forma. Mesmo no ambiente formal da entrevista, tinha um ar casual que demonstrava sua

preferência pela diversão em vez de trabalhar. E, hoje, com jeans e camiseta, não era, nem de longe, uma figura de autoridade.

— Sei, acho que isso não irá funcionar.

Zane coçou a cabeça. — E que tal isso: minha irmã é médica e a General Directions tem um laboratório médico com todos os equipamentos de última geração. Aceita que ela examine você?

Akira pensou a respeito e, então, concordou. O problema não era ver um médico. Apenas não gostava de hospitais.

— Tudo bem. — Ele tocou o queixo de Akira com dois dedos e ergueu sua

cabeça. Ela encontrou seu olhar, surpresa por sentir uma sensação de calor em suas faces. O que ele pretendia? Seus lábios se abriram levemente, quase sem querer, e ela notou como Zane era atraente. Não havia pensado nele daquele jeito, mas estar tão próxima, com os braços dele ao seu redor e seu olhar intenso estudando o dela, não pôde evitar.

— Suas pupilas estão do mesmo tamanho. É a única coisa que sei que devo verificar.

Ela se afastou. — Não tenho uma concussão.

— Vou ligar para Nat e pedir que nos encontre na General Directions. Espere

por mim aqui.

A confusão de Akira deve ter sido óbvia.

— Dirigi o carro até aqui — ele disse, indicando o Taurus. — Estava a caminho de uma aula de pilotagem, portanto, minha carona não chegará por algum tempo. Vamos ver se é possível limpar o Taurus o bastante para dirigi-lo. Pelo menos o bastante para chegarmos à General Directions.

— Sabe, se tiver algo para fazer... eu ficarei bem — Akira começou.

— Boa tentativa — ele correu um dedo por seu rosto. — Espere aqui. Volto logo.

Akira se encostou contra o carro.

Conforme Zane se afastava, Dillon disse: — Sinto muito. Estava praticando o alongamento. Estava no hangar. Mas quando o carro começou a se mover, doeu muito. Não percebi o que estava acontecendo.

— Está tudo bem — Akira falou baixinho, procurando por alguém que pudesse vê-los. — Lamento estragar seu carro.

— O que você acha que aconteceria comigo se o carro fosse prensado? — Dillon perguntou com um tom de fascínio e dúvida.

— Acho que você se mudaria para um ferro-velho — Akira respondeu. — Nunca

soube como ou por que espíritos ficam presos a certos lugares. E em um carro, bem, não sei. Pode, dependendo do que, exatamente, prende você a ele. Se fossem os assentos ou o acendedor de cigarro ou as lanternas – talvez se mudasse com uma das peças do carro?

— Uau, que ideia maluca. Seria bem estranho. Mais estranho que ser um fantasma, para começar.

— Acho que sim. Que bom que você não precisa se preocupar com isso.

— Mas poderia ser útil saber. — Agora que Dillon não precisava ter medo, por Akira ou por ele mesmo, começava a se animar. — Imagine só, se estivesse

preso a uma tomada, poderiam me colocar em um lugar mais maneiro. Como em uma lan house ou algo assim. Ou em um cinema. Não me importaria em assombrar um cinema.

Akira sorriu para ele. — Talvez possamos fazer um teste. Mas acho que encontrei um lugar onde você vai gostar de morar.

— Morar? — A expressão de Dillon tranquilizou-se. — Você está... Ele parou e Akira pôde ver toda solidão e tristeza que sentiu preso naquele carro há meses, talvez anos, estampadas em seu rosto. Apenas a possibilidade de uma mudança o paralisou com dúvida. Sentiu uma onda de

simpatia por ele. Sabia como era sentir-se só, não ter com quem conversar.

— Aluguei o carro, portanto, você ficará comigo — Akira tentava não se envolver com os fantasmas que via. Mas Dillon era diferente. Talvez não pudesse ajudá-lo a encontrar a luz ou resolver o que o tornou um fantasma em primeiro lugar, no entanto, podia garantir a permanência do seu carro em algum lugar mais interessante do que um estacionamento. — Mas teremos que estabelecer algumas regras.

— Chega de estacionamento?

— Chega — Akira balançou a cabeça, rindo da expressão em seu rosto. — E,

como eu disse, acho que vai gostar do lugar onde vamos morar. Se já conseguiu chegar até o hangar, com certeza conseguirá entrar na casa. Talvez até chegue à avenida principal da cidade, o que seria divertido, apesar de ser um lugar estranho. Mas, ei, espere, primeira regra — ela se virou de modo que ficasse de costas para Zane, que se aproximava rapidamente. — Nunca fale comigo quando houver pessoas por perto. Nunca, entendeu? As coisas ficam confusas para mim quando isso acontece.

— Certo. Mas obrigado, obrigado, obrigado. Você é a pessoa mais legal do mundo. É a melhor. Você... — Dillon

colocou a mão sobre a boca, como se quisesse calar a si mesmo.

Akira tentou parar de sorrir e fingir que inspecionava o carro, todavia, a expressão de Dillon era tão empolgante, que ficou praticamente impossível não ser contagiada.

— Ainda se sente bem? — Zane perguntou.

— Hum hum — afirmou, sem olhar para ele.

— Dave me emprestou o aspirador portátil; vou cortar o airbag e limpar um pouco desse pó. Vai levar uns dez minutos. Quer entrar e se sentar?

— Não, estou bem. — Akira

finalmente ficou de frente para Zane, esperando que sua expressão estivesse sob controle. Ele parou por um momento, estudando-a intensamente, então, continuou o trabalho, passando o aspirador portátil pelos assentos cobertos de pó e pelo restante do interior do carro. Tinha as sobrancelhas erguidas e seu rosto estava pensativo.

Akira olhou para Dillon, que abraçava a si mesmo com alegria. Pressionou os lábios, tentando não sorrir, mas sabia que seus olhos revelavam o que sentia. Deu uma espiada em Zane. Ele a observava sorrateiramente e virou-se para o carro assim que notou que ela o olhava, mas,

felizmente, o aspirador fazia barulho suficiente para não permitir conversas.

Em poucos minutos, o carro estava limpo o bastante para partirem. Dillon estava no banco traseiro, quieto, mas ainda transbordando felicidade.

Zane olhou para Akira enquanto deixavam o estacionamento, com sucesso desta vez. Ele dirigia. — O que você acha de jogarmos “Vinte Perguntas”?

— Animal, vegetal ou mineral?— Ela perguntou incrédula.

— Talvez Pingue-Pongue seja um título melhor. Eu faço uma pergunta, você responde; você me faz uma pergunta, eu respondo...

Akira considerou a ideia. Queria saber mais sobre a General Directions, sobre o excêntrico Max Latimer, sobre Tassamara, mas, queria responder às perguntas de Zane? Era óbvio que perguntaria sobre o carro e o que ela diria então?

— Por exemplo, esse carro — ele continuou. — É óbvio que gosta dele. Mas não está curiosa? De onde veio? De quem era? Por que era o único carro disponível quando você nos visitou pela primeira vez? — E com isso, ele a deixou interessada. Poderia perguntar sobre o carro, mas, claro, ela também tinha perguntas.

— Tudo bem. Mas eu começo. Por que era o único carro disponível?

Zane sorriu: — Era um teste. Minha vez. Por que quer ficar com ele?

— Um teste? Mas isso não é uma resposta — Akira protestou.

— Claro que é. Por que quer ficar com ele?

— Por motivos sentimentais. Que tipo de teste?

— Um teste de percepção potencial. Sempre é sentimental com carros que dirige apenas uma vez?

— Não. Percepção potencial? — Akira franziu o a testa com dúvida. — Passei no teste?

— Ah, sim, com honras, acho. Você foi a única candidata que expressou qualquer relutância em usar o carro. Por isso é tão intrigante que queira ficar em ele agora — Zane hesitou. As primeiras rodadas de seu jogo de pingue-pongue foram rápidas, perguntas e respostas atiradas para todo lado. Ele tamborilava seus dedos longos sobre o volante.

Akira ergueu as sobrancelhas e olhou para o banco de trás. Dillon estava inclinado para frente, curioso. Ele abriu a boca para dizer alguma coisa e ela fez sinal negativo com a cabeça, de modo sutil, para indicar que ainda não. Conduzir duas conversas ao mesmo tempo era

arriscado.

— Por que relutou em aceitar o carro?

— Zane finalmente a indagou, tirando os olhos da estrada para observá-la responder.

— Eu... — Akira não queria responder àquela pergunta. O que poderia dizer, afinal? Talvez fosse hora de mudar de assunto. — Sou muito perceptiva, acho. Por que me ofereceu um emprego?

— Minha irmã, Natalya, a médica que vamos ver, disse que devíamos contratá-la.

— Mas nem mesmo a conheci.

— Espero que isso não seja uma pergunta. É minha vez.

— Não é uma pergunta, é uma afirmação. Como poderia...

— Agora, isso soa como uma pergunta

— Zane a interrompeu. — Ainda é minha vez. Espere a sua. Não aprendeu no jardim de infância que cada um tem sua vez?

— Sim, aprendi. E você acabou de usar sua pergunta com isso — o tom de Akira era de irritação, mas Zane riu.

Dirigiam pela mesma estrada estreita que Akira percorreu quando esteve ali pela primeira vez. Carvalhos cobertos com musgos se alinhavam em ambos os lados da estrada, produzindo um salpicado de sol e sombra sobre o asfalto.

Para Akira, acostumada com as colinas secas e os campos abertos da Califórnia, a sensação de tranquilidade em um espaço fechado transmitia mistério e atração. Era verde, bonito e selvagem.

Mas também estranho.

Pensou com cuidado antes de lançar a próxima pergunta. — Por que seu pai pediu que eu viesse aqui?

— Ah, essa é ótima. Meu pai procura um médium há muito tempo. E pensou que você pudesse ser uma.

— Uma médium? Você quer dizer uma pessoa que fala com pessoas mortas? — Horrorizada, Akira se inclinou em direção a Zane, mas foi puxada de volta ao

assento pela pressão do cinto de segurança. — O que o fez acreditar nisso?

— Não é a sua vez — Zane a olhou preocupado. — Não vai começar a tossir sangue, vai?

— Não, só estou contundida. O que fez seu pai acreditar que sou médium?

Zane pegou a estrada que levava à General Directions, diminuindo a velocidade ao se aproximar da guarita de segurança e parando apenas para um breve aceno ao guarda que abriu o portão.

— Meu pai gosta de acreditar que tem um talento para encontrar o que deseja por acaso. É muito bom em unir partes aleatórias de informações e,

aparentemente, aquele artigo que você escreveu o intrigou. Intrigou o bastante para convidá-la a vir aqui.

— Não consigo falar com os mortos — Akira declarou. Em rara ocasião, uma pessoa morta, talvez; mas apenas se forem fantasmas. Porém, a maioria das pessoas apenas morre. A mãe dela não se tornou um fantasma. Seu pai não se tornou um fantasma. Às vezes, ainda acreditava que era insana e que seus fantasmas eram alucinações. Talvez fosse apenas uma esquizofrênica funcional.

— Tenho certeza de que estou morto. Demorei um pouco para entender, mas era a única coisa que fazia sentido — Dillon

disparou e Akira lançou um olhar furioso em sua direção, arregalando os olhos para lembrá-lo que infringia as regras. Não era um momento para ficar confusa. — Desculpe — ele acrescentou, se acomodando outra vez no banco traseiro e fingindo passar um zíper nos lábios.

— Hum — Zane fez um grunhido e Akira rangeu os dentes de frustração.

— Não tenho certeza de que falar com os mortos é tão estranho assim. Qualquer pessoa pode fazer isso. O que é estranho é quando respondem.

Zane direcionou o carro para estacionar e se virou para encarar Akira. Com muita delicadeza, perguntou: — Os

mortos falam com você, Akira Malone?

— Não! Não! — Akira desviou o olhar, não querendo mentir, não querendo dizer a verdade, entretanto, incapaz de encontrar aquele olhar penetrante.

— Meu sobrinho morreu neste carro — Zane disse.

Aquelas palavras foram tão inesperadas, tão aleatórias, que o olhar de Akira se voltou para ele e, antes que ela pudesse pensar, disse: — Dillon é seu sobrinho?

Zane apenas a fitou. No banco de trás, Dillon ironizou: — Morreu na praia. Desculpe pelo trocadilho. Diga ao tio Zane que mando um oi.

— Sim. É minha vez de perguntar — a voz de Zane ainda era gentil. — Como sabe o nome do meu sobrinho?

Akira virou o rosto, tentando decidir o que fazer. O que Meredith havia dito mesmo? Que Tassamara era uma cidade de pessoas sensitivas? Talvez fosse seguro admitir a verdade naquele lugar. E talvez não tivesse escolha, pois era tarde demais agora.

— Os mortos não falam comigo — admitiu com relutância. — Apenas os fantasmas. Fantasmas falam comigo. — Ela suspirou e depois acrescentou: — Mas evito responder.

CAPÍTULO QUATRO



— *U*au — Era mais um suspiro do que uma exclamação e Zane balançava a cabeça. — Uau.

Akira esperou, mordendo o lábio inferior.

As pessoas reagiam de modos diferentes quando descobriam que ela via fantasmas. Zombaria, descrença, ceticismo, não se importava com nada disso; um “claro que estava brincando” rápido e zombeteiro colocava um ponto-final no assunto. Entusiasmo alucinado e empolgação? Às vezes, acontecia, mas tudo bem. Sua melhor amiga, quando criança, adorava suas histórias de fantasmas – pelo menos até que os pais dela conversaram com o pai de Akira. De modo inconsciente, enquanto observava Zane, Akira esfregava o braço.

Na melhor das circunstâncias, era como havia acontecido com a Sra. Sato,

sua vizinha da frente, quando Akira tinha dez anos. Ela passou meses sendo mimada e alimentada com biscoitos e leite, enquanto dava voz ao falecido marido da mulher, até o dia em que a Sra. Sato não atendeu a porta. Ela morreu dormindo e Akira nunca mais viu o Sr. e a Sra. Sato outra vez.

Já, a pior possibilidade, bem, era muito ruim. E eram sempre os parentes que davam trabalho, pois, para algumas pessoas, saber que um ente querido estava presente, mas fora de alcance, era devastador. Akira nunca encontrou as palavras que poderiam tornar a perda suportável ou a morte significativa.

— Se importa em dizer a Dillon que, se não estivesse morto, eu o mataria por ser tão estúpido? — Zane finalmente disse com muita calma.

O alívio foi como uma brisa refrescante em um dia de calor. Akira engoliu um sorriso.

— Aaah! — Dillon gritou do banco de trás. — Finalmente posso responder. Pode dizer ao meu tio que ele diz isso toda vez que dirige este carro? Já sei!

— Ele pode ouvir você — Akira resumiu para Zane.

— Oh — ele a olhou. — Certo — chacoalhou a cabeça. — Uau — repetiu.

Zane olhou para ela com mais

intensidade desta vez. — Você... — começou, então, hesitou. — Precisamos ver se você está bem. Vamos cuidar disso primeiro. Dillon não vai a lugar nenhum, certo?

Akira olhou para Dillon e deu de ombros. Nunca soube como ou quando um espírito desaparecia.

— É, vá ver se não está machucada — Dillon concordou. — Ficarei bem. Sem querer ser egoísta ou algo assim, seria uma tamanha sacanagem para mim se você resolvesse morrer agora.

Desta vez, Akira não se incomodou em esconder um sorriso maroto. — Seria irônico, não seria? Mas não estou

machucada, juro.

Zane fez uma careta e Akira percebeu que acabara de responder a palavras que ele não podia ouvir. Rapidamente, confirmou: — Dillon concorda que devo ser examinada.

Apesar da calma de Zane ao saber que tinha um sobrinho fantasma, Akira aprendeu há muito tempo que era melhor e mais seguro ser cuidadosa.

Dentro da sede da General Directions, Zane a guiou por um corredor inócuo e por uma porta sem identificação atrás da recepção, até uma pequena sala de segurança, onde um guarda vigiava diversos monitores. O guarda

cumprimentou Zane com um gesto lacônico, mas seus olhos alertas examinaram Akira enquanto atravessavam a sala e seguiam para um corredor que levava a um elevador.

Era um lugar tão estranho. Aquele guarda tinha a mesma musculatura e cabelos raspados de um soldado e a parede de monitores era da mais alta tecnologia. Laboratórios de pesquisa tinham segurança, claro, mas este era no meio de lugar nenhum. E era um domingo. Realmente precisavam dessas precauções? E se fosse o caso, por quê?

Quando as portas do elevador se abriram, Akira parou de se preocupar com

isso. A mulher esperando do outro lado tinha que ser a irmã de Zane: compartilhavam a mesma cor de cabelo, o da mulher era longo e trançado, os mesmos olhos azuis acinzentados e pele clara. Só que, enquanto Zane tinha uma aparência marota, Natalya tinha camadas escondidas, como se dotada com o tipo de serenidade de quem mantém a calma no meio de um desastre, a presença tranquilizadora em uma sala de emergência em pânico.

— Papai estava certo — Zane a observou em vez de cumprimentá-la.

Os olhos de Natalya se arregalaram.
— Dillon? — perguntou.

Os olhos de Akira também se arregalaram. Se soubesse que Zane seria tão nobre com seu segredo, não teria dito nada! “Exceto, claro, que havia se entregado”, corrigiu seus pensamentos. Ainda assim, deveria tê-lo feito jurar que guardaria segredo antes de admitir a verdade.

— Isso — Zane concordou. Ele olhou para Akira. — Ele está aqui?

— Ham, ah — Akira gaguejou um pouco, tentando decidir o que dizer, como deveria responder, antes de admitir que não tinha mais jeito de não informar: — Não. Ele está ligado ao carro. Não pode se afastar muito.

O queixo de Natalya caiu, mas apenas um pouco antes que ela percebesse, e disse: — Fantasmas são reais. E assombram carros?

Akira fez uma careta para Zane e deu de ombros.

— E meu sobrinho é um fantasma?

A careta de Akira ficou mais acentuada. Maldito seja por colocá-la naquela posição. Ela não fazia essas coisas! Não falava com parentes de fantasmas, pois isso apenas causava cenas desconfortáveis e confusas, ainda mais quando Akira admitia não saber por que Dillon era um fantasma ou como ajudá-lo, ou que não sabia nadinha de nada.

Parentes sempre nutriam expectativas de que ela teria as respostas, como se sua habilidade de ver os espíritos viesse com um manual de instruções gigantesco. Não vinha. Ou, se viesse, sua cópia ficou perdida no correio.

— E papai estava certo? — Aquela última pergunta não foi para Akira, mas para Zane, que estava sorrindo.

— Deveríamos saber que é melhor não apostar contra ele — reconheceu.

— Foi você quem duvidou — Natalya contestou. — Eu sabia. E mal posso esperar pelo jantar de Ação de Graças. É melhor você começar a praticar.

Talvez a confusão de Akira fosse

visível, pois Zane começou a explicar no momento em que caminhavam por um corredor: — Há dois anos, meu pai conheceu uma mulher que se dizia médium. Ela disse que o carro era assombrado. Ele tem procurado outro médium desde então. Apostei que cozinharía o jantar de Ação de Graças se fosse verdade, entretanto, ele acreditou. Meu pai, geralmente, não erra, portanto, apostar contra ele não foi uma das minhas melhores decisões.

Entrando na sala de exames, Natalya mandou seu irmão seguir para outra porta mais adiante no corredor.

— Não estamos em um hospital — ela

explicou. — Sou formada em medicina, mas dedico a maior parte do tempo a pesquisas. Não concordaria com isso, porém, Zane disse que você não acredita estar machucada. Nosso escâner é muito melhor que qualquer equipamento do hospital local, assim, se tiver um minúsculo sangramento interno, vou descobrir. Usamos um equipamento de imagem com grande sensibilidade às diferenças de susceptibilidade magnética dos tecidos, um com sistema 3T, e o contraste é espetacular para ferimentos traumáticos

Expressando desaprovação aos arranhões nos braços de Akira, Natalya

lhe entregou uma camisola hospitalar.

Akira estava desnorteada.

Ninguém reagia à notícia de que fantasmas são reais daquele jeito. Era como se Natalya ouvisse suas palavras, aceitasse-as imediatamente e seguisse com sua rotina em um piscar de olhos.

Onde estavam as perguntas? As dúvidas? As exigências por provas?

Natalya deve ter confundido sua surpresa com falta de interesse, pois continuou a sorrir: — Certo, posso ver que não se importa muito com meu tesouro. Vou pular as observações técnicas. Apenas remova toda a roupa, particularmente metais, e vista a camisola.

Não há nenhum implante metálico em seu corpo, certo? Nenhum marca-passo ou pino? — Akira negou com a cabeça e Natalya continuou: — O escâner fica na sala ao lado e estarei na sala de acompanhamento com Zane. Apenas entre quando estiver pronta e deite-se na mesa. Estarei lá para ajudá-la a ficar confortável. — Com isso, ela desapareceu pela porta.

Devagar, Akira vestiu a camisola, dobrando suas roupas e deixando-as sobre uma cadeira.

Talvez tenha batido a cabeça com muita força?

Talvez estivesse sonhando?

Mas, não, os arranhões em seus braços doíam muito; como apenas esfoliações e cortes com papel podiam doer: uma dor aguda e latejante. Não era possível que estivesse imaginando aquilo.

A mesa estava gelada, mas a mente de Akira estava tão conturbada com pensamentos que ela mal notou enquanto a máquina girava ao seu redor. O breve período em que conversou com Zane no carro apenas aumentou sua lista de perguntas. Tentou esconder sua insanidade por tanto tempo, porém, todos que encontrava naquela cidade pareciam dispostos a aceitar naturalmente, ainda que afirmasse que o céu era cor-de-rosa.

O que havia de errado com eles?



NA SALA DE OBSERVAÇÃO, Natalya estudava as imagens que apareciam na tela do computador, slide após slide. Zane, por outro lado, estudava as solas dos pés de Akira através da janela de vidro. Ela tinha pés bonitos. Não que pudesse ver muito bem de onde estava, mas pareciam atraentes, estreitos e pálidos.

— Ai! — Natalya exclamou em voz baixa, balançando a cabeça enquanto observava o monitor.

— Ela está bem? — Zane perguntou e

imediatamente voltou sua atenção para a tela do computador. As imagens eram apenas formas brancas e cinzas – ele não fazia ideia do que via ou o que significavam. Parecia olhar para a foto de uma paisagem de Marte pelo que sabia.

— Está — Natalya confirmou com seus lábios se movendo como se estivesse contando. — Ela está bem. Agora, pelo menos.

— E não estava bem antes? — Zane perguntou. Os olhos semicerrados de Natalya, concentrados na tela, deixaram-no nervoso. Mais de uma vez, viu sua irmã examinando pessoas e ela, geralmente, não prestava tanta atenção

assim, apenas registrava os dados para estudá-los mais tarde. Claro, aquele exame era diferente, uma vez que procurava por ferimentos, mas se não encontrava nada, por que observava com tanta atenção?

Não se incomodando em responder, Natalya digitou alguma coisa e, de repente, a tela exibiu o que Zane reconheceu como os ossos de uma mão. — Veja isso — Natalya quase suspirou. — O que pode ter acontecido?

— Não tenho ideia? — Zane apontou com um toque de impaciência. — O que estamos vendo?

— Ah, certo — Natalia o olhou como

se tivesse esquecido a presença dele ali e, com certa relutância, indicou alguns pontos da tela. — Vê estes pontos mais claros? É sinal de calcificação. Ela quebrou alguns ossos da mão. Cinco lugares, acho, e, provavelmente, todos na mesma época, portanto, de algum modo, sua mão foi esmagada. Mas esse padrão de lesão... não sei como poderia ter acontecido. — Olhou para sua própria mão, tentando imaginar um modo de quebrar os ossos naqueles pontos.

— Mas ela está bem agora? — Zane questionou e, desta vez, sua impaciência era palpável. Havia algum problema ou não?

— Ah, sim. — Natalya fitou a tela outra vez antes de se mexer na cadeira, depois digitou mais algumas palavras e a tela voltou a exigir manchas cinzentas disformes.

— Nat?

Ela respirou fundo e digitou outra vez, agora, muito mais comandos. A tela exibiu a imagem de um esqueleto. — Conte os pontos mais claros.

Zane estudou a tela. Havia muitos pontos claros. — O que são?

— Pontos onde os ossos foram quebrados no passado. Os ossos de seu braço direito, em muitos lugares, sua clavícula, as costelas algumas vezes, a

mandíbula. Além da mão. E talvez algum osso do pé. A maioria aconteceu há muito tempo, mas não foi apenas um acidente ruim. É possível notar pelos níveis de calcificação que ocorreram em momentos diferentes. A mão foi recente — ela olhou para Zane, pensativa. — Sua garota viveu perigosamente.

— Minha garota? — A surpresa de Zane era visível. — Ela não é minha. É apenas a segunda vez que a vejo — ele não mencionou o número de vezes que pensou nela desde aquela entrevista um mês antes. Foram mais que algumas vezes.

— Ah, tá — Natalya se concentrou no teclado outra vez, envergonhada.

— Vamos lá, querida irmã, o que você sabe que eu não sei?

Ela sorriu para ele. — Bem, todo o currículo de uma universidade de medicina, para começar...

— Você sabe o que eu quis dizer. Você viu alguma coisa, não viu?

— E você sabe que prefiro não falar sobre essas coisas. Podemos controlar nosso futuro. Tudo que vejo são apenas possibilidades.

Zane suspirou. Sua irmã foi a única da família a herdar o dom de seu pai. Max se autodenominava serendipista, no entanto, o resto do mundo o chamaria de pré-cognitivo. Nem sempre, não com

consistência, e apenas correto em algumas ocasiões, mas com frequência quando era importante, ele podia prever o futuro.

E Nat também. Ao contrário de seu pai, ela evitava usar seu conhecimento e não o compartilhava. As exceções eram raras, aleatórias e, Zane suspeitava, o contrato de dois anos de Akira foi uma delas. E quando ela decidia guardar segredo, nada, exceto uma intervenção divina, iria fazê-la abrir a boca. Zane não se incomodou em tentar.

— Como você acha que ela quebrou todos esses ossos? — ele perguntou, apontando para Akira.

Natalya olhou na mesma direção e

ergueu as sobrancelhas. — Pode perguntar a ela, mas...

Quando Nat parou, foi a vez de Zane franzir o cenho — Mas?

Ela permaneceu em silêncio.

— Vamos, Nat. Diga-me o que você sabe. — A resposta estava bem diante de seus olhos, se ele soubesse como interpretar as imagens.

— Isso é confidencial entre paciente e médico — finalmente disse.

— Estou na sala com você, estudando as imagens do escâner e ela sabe que estou aqui. Ela poderia ir a um hospital adequado, mas não quis, portanto, me diga o que sabe — ele raramente insistia desse

modo, todavia, estava incomodado por Nat saber mais sobre Akira que ele. Já era ruim ela não dizer o que seu dom revelou, mas ele sabia que deveria entender isso sozinho.

— Costelas, mandíbula, fraturas nos braços? E aquela mão... — Nat colocou a imagem da mão na tela outra vez e a estudou, balançando a cabeça.

— O que é? — Ele perguntou. Olhou pela janela de vidro.

O comando que Nat digitou fez a mesa sair do escâner e Akira se levantou.

— Se estivéssemos em um pronto-socorro e essas fraturas fossem recentes, acionaria um assistente social antes de dar

alta. E talvez um policial também — Nat confessou. — Mas já que só tenho você, vá fazer um curativo naqueles arranhões.

CAPÍTULO CINCO



A kira esperou inquieta. A mesa de metal, a luz fraca, a sensação do tecido da camisola contra sua pele – tudo trazia lembranças e, no momento em que tentava sentir-se grata com a preocupação de

Zane e a ajuda de Natalya, queria mesmo era ir embora. Logo.

A porta da sala se abriu e Zane entrou, tentando equilibrar algumas caixas em uma mão enquanto fechava a porta com a outra, sem olhar em sua direção. Não sorria, Akira notou; suas sobrancelhas se erguiam sobre seus olhos azuis acinzentados e sua expressão era sombria.

Ficou confusa. Sentia-se bem, dolorida, mas não seriamente machucada. — Estou bem, não estou?

Ele parecia incerto, quase assustado. — Ah, sim, você está bem — ele sorriu, mas Akira notou que era um sorriso levemente forçado. — Nat delegou seus

curativos a mim — acrescentou, mostrando os suprimentos.

Ele examinou seus ferimentos, girando seus braços para que pudesse ver. Eram apenas arranhões, não eram profundos e não sangravam, mas a pele estava esfolada e vermelha. — Espero que tenha Band-Aids grandes.

Ele fez uma careta com simpatia. — Nat me deu gaze e esparadrapos. A General Directions não é um hospital, contudo, fazemos uma série de pesquisas médicas, portanto, temos ataduras em estoque. Nat provavelmente daria conta de qualquer coisa, exceto de um apocalipse zumbi. — Ele colocou as

caixas sobre a mesa, pegou o que precisava e se postou diante de Akira.

Quando ele pegou o braço dela com suas mãos calorosas, Akira fechou os olhos e rangeu os dentes. Não seria confortável. Não pôde evitar um tremor quando ele a tocou, mas pressionou os lábios e ficou em silêncio enquanto Zane limpava o ferimento e aplicava creme antibiótico, primeiro em um braço, depois no outro.

— Prontinho — ele declarou.

Akira respirou fundo. O antibiótico deveria ter qualidades anestésicas, uma vez que a dor aguda começava a desaparecer.

— Você é estoica, não é? — Zane perguntou, entregando-lhe o esparadrapo para segurar. Akira deu de ombros. Como poderia responder? Eram apenas arranhões, afinal. Ele abriu a gaze e começou a posicioná-la sobre seu braço, revelando sua falta de prática com a tarefa.

— E, então, você pratica esportes radicais? — Aquela pergunta soava casual, porém, Akira observou sua expressão com cuidado. Esportes radicais?

— Não. Por que pergunta? — Retrucou.

— Minha irmã me disse que você

fraturou muitos ossos no passado.

Akira lançou um olhar para a janela de vidro que separava as salas. O escâner mostraria aquilo, não mostraria? — Acho que quebrei boa parte.

Ele estendeu a mão para pegar o esparadrapo e ela lhe entregou a fita. Casualmente, cortou um pedaço com os dentes antes de perguntar: — Mas não foi praticando skate? Ou escalando montanhas? Saltando de paraquedas?

— Não. — Ela tinha a aparência de quem andava de skate? Sorriu com a imagem mental: saltando de uma rampa e girando no ar.

Após terminar com seu braço, ele

ergueu os olhos e encontrou seu o olhar com intensidade. — Posso matar alguém por você? — perguntou.

Espantada, seu sorriso desapareceu. — Perdão?

Ele havia pronunciado aquelas palavras com tanta seriedade.

— A pessoa que a maltratava em você ainda está viva? — Perguntou com paciência, sem raiva, sem desviar o olhar.

Ela mordeu o lábio. E, então, distanciando seu olhar, apenas por pura força de vontade, e voltando sua atenção para o lado para fugir daquela atenção fixa, disse: — Não é simples assim. — Mas, então, percebeu que a resposta mais

simples era também a mais verdadeira. — Não, não está.

— Que bom — ele comemorou, tocando seu braço com gentileza e buscou o outro.

Sentiu uma onda de carinho por ele. Sua pergunta foi possivelmente a coisa mais gentil que alguém já havia dito a ela. Mais ou menos. Também foi um pouco assustadora. Zane não tinha a aparência de um assassino, mas como poderia adivinhar como um assassino deveria ser? — O que você faria se eu tivesse respondido que sim?

— Chamaria meu irmão — ele respondeu, fitando-a com um sorriso torto.

— Admito, essa não é minha especialidade, mas se você estivesse em perigo, Lucas cuidaria do problema — terminou a frase soando inflexível.

— Não estou. Mas... obrigada. Acho.

— Mas ele não comete assassinatos

— Zane continuou mais animado. — Conhecendo Lucas, iria elaborar um plano complicado que envolveria viagens no meio da noite, telefones que não pudessem ser rastreados e muito planejamento. No fim, você estaria tão segura quanto possível.

— Ele também trabalha para a General Directions? — Akira perguntou. Ele tinha alguma relação com o guarda

superqualificado que observava tudo de uma sala durante o fim de semana? O que aquela empresa fazia, exatamente?

— Sim, mas passa a maior parte do tempo na estrada. É responsável por grande parte do trabalho para o governo.

— Zane terminou o curativo em seu outro braço no exato momento em que a porta se abriu e Natalya entrou, carregando um bloco de receitas.

Sorrindo, mas com um toque de reprovação na voz, disse: — Você deveria deixá-la se vestir primeiro, Zane.

Zane ficou momentaneamente desnortado e, então, pela primeira vez, pareceu notar o que Akira vestia. Sua

camisola era o típico modelo hospitalar, largo, de algodão branco estampado com pequenas flores, aberta atrás, permitindo que uma brisa fresca tocasse a pele. Natalya tinha pedido que tirasse toda a roupa e Akira não pensou duas vezes, entretanto, sob o olhar de Zane sentiu-se, de repente, ciente de que estava completamente nua.

— Desculpe-me, estava mais preocupado com os... quero dizer, estava preocupado com os resultados do exame — ele gaguejou até parar, se afastando rapidamente. — Vou... Vou esperar lá fora — indicou a porta e saiu rapidamente, deixando o esparadrapo cair sobre uma

mesa.

— Acho que o envergonhei — Natalya soava surpresa, fitando a direção que Zane seguiu. Voltou-se para Akira, que sentiu seu rosto enrubescer ao passo que uma onda de calor percorreu seu corpo. — E envergonhei você também. Desculpe-me.

Akira balançou a cabeça, evitando enrubescer ainda mais. — Não tem problema.

— Ele não fica envergonhado com facilidade — Natalya acrescentou, estudando Akira, que se moveu, constrangida.

— Bem, deixe-me dar uma olhada. —

Natalya verificou o curativo em seus braços e passou algumas instruções sobre os cuidados, ignorando o desconforto de Akira. Depois de entregar uma receita de analgésicos a ela, acrescentou: — Somos um laboratório de pesquisa, não um consultório tradicional, portanto, não posso providenciar o medicamento. Terá que passar em uma farmácia.

Akira aceitou a receita, concordando, porém a tarefa de encontrar uma farmácia era desanimadora. E precisava chamar um mecânico para consertar o Taurus. Além de ir à agência de aluguel de carros para solicitar outro veículo temporariamente. Ou talvez um serviço de táxi? Por um

momento, desejou estar de volta à Califórnia, de volta àquele mundo familiar.

— Vou sair para que você possa se vestir. — Natalya parecia enxergar através de Akira. — E não se preocupe. Ficará tudo bem.

“Fácil para ela dizer”, Akira pensou ao retornar para a saleta privativa e se vestir rapidamente, colocando a camisa com um gemido de dor. Podia sentir que seu cabelo estava despenteado, com as mechas embaraçadas, e correu os dedos entre os fios, desejando um espelho.

Uma batida hesitante a interrompeu e Akira abriu a porta. Zane estava do outro

lado, com uma mão erguida contra o batente e a outra segurando o celular junto ao seu ouvido. — Certo, pai — dizia com calma. — Me dê um instante para ver se é possível. — Abaixou o telefone e perguntou: — Quer encontrar meu pai para jantar hoje à noite? Podemos passar por uma farmácia, deixar a receita e pegar o medicamento mais tarde, quando eu levar você para o hotel depois que comermos.

Akira abriu a boca para protestar que aquilo tudo não era necessário, no entanto, não disse nada. Não precisava ser indelicada – se ele estava disposto a levá-la aos lugares que precisava ir, apenas

agradeceria. Além disso, estava ansiosa para conhecer o misterioso doutor Max Latimer. — Claro, tudo bem.

Ele colocou uma mão embaixo do cotovelo dela e a levou por um corredor até o elevador, ainda falando ao telefone. Aquele momento de embaraço motivado por sua nudez sob a camisola não havia passado: Akira sentiu o calor de seu toque vividamente, como se fosse um carinho proposital e não um gesto casual. Seu coração batia um pouco mais acelerado e sentiu um frio no estômago. Ah, minha nossa. Havia uma dúzia de motivos que concordavam ser uma má ideia sentir atração por seu chefe, começando pelo

fato de que tinha um contrato de dois anos para trabalhar com ele.

Mas Zane era incrivelmente bonito, admitiu. Aquele cabelo despenteado, o sorriso, o modo casual com que se movia! E ainda o jeito gentil e doce com o qual cuidou de seus ferimentos, com um toque cuidadoso e preocupado. Imaginou como seria na cama, se era um daqueles caras que só pensavam no orgasmo ou se era brincalhão e paciente. Ele desligou o telefone e declarou, em tom sério: — Providenciei para que o carro de Dillon seja guinchado e consertado. Precisamos conversar sobre seu aluguel.

Ah, claro. Havia segundas intenções

por detrás do motivo de Akira estar ali. Não a contrataram por sua pesquisa e conhecimento científico, mas por sua capacidade de conversar com espíritos. E isso não era algo que pretendia fazer. O frio que sentia no estômago não desapareceu exatamente, no entanto, e ela decididamente o suprimiu, afastando seu cotovelo do alcance de Zane.

— Meu aluguel? — Perguntou ao deixar o elevador e sair do prédio.

Já era fim de tarde, mas o sol ainda brilhava em um céu azul e claro. Um guincho estava estacionado ao lado do Taurus e um homem, vagamente familiar, vestindo jeans e camiseta, estava

encostado no veículo, com as mãos no bolso.

— Olá, Dave — Zane o cumprimentou, jogando as chaves do carro em sua direção.

O homem tirou as mãos do bolso e agarrou as chaves no ar. — Falou sério sobre estar com pressa?

— Sim.

Akira, alguns passos atrás de Zane, viu Dillon sentado de pernas cruzadas sobre o capô do carro. Ele acenou, mas não disse nada. Ela sorriu, grata por ele ter se lembrado de não conversar com ela quando outras pessoas estivessem por perto.

Dave balançou a cabeça. — Então, Kyle diz que tudo bem. Pelo triplo, ele dormiria com mais... — Dave titubeou e parou assim que notou Akira, mas continuou como se não tivesse hesitado. — Ele ficará feliz em consertar o amassado e instalar novos airbags. E você está com sorte; ele conseguirá os airbags de outro veículo. Você pode ter essa coisa de volta amanhã. — Deu um chute de leve no pneu do carro.

— Que bom — Zane aprovou. Ele abriu a porta do carro e colocou a cabeça para dentro. — Oi, Dillon! Dave vai levar o carro, mas é só até amanhã. Você quer que Kyle, sei lá, toque alguma música ou

algo assim? — Olhou por cima dos ombros para Akira, que estava parada ao lado do carro e olhando-o fixamente: — O que ele diz?

— Cara, com quem você está falando?
— Dave perguntou, enquanto Akira pressionava os lábios. Não acreditava em Zane. O que ele estava fazendo?

— O carro é assombrado — Zane respondeu, se levantando. Fez um gesto na direção de Akira. — Ela consegue ver fantasmas.

Akira arregalou os olhos e abriu a boca no momento em que lançava um olhar ameaçador. Este homem não tem nem um pingo de bom senso? Nessa

velocidade, o mundo inteiro saberia que ela é louca.

Dave ergueu as sobrancelhas, todavia, engoliu qualquer comentário cético que estivesse na ponta de sua língua, dando alguns passos adiante e estendendo a mão para cumprimentar Akira. — Dave Voigt — ele se apresentou. — É um prazer.

— Akira Malone — cumprimentou-o, apertando sua mão e desejando ter coragem de fornecer um nome falso. Mas Zane desmentiria isso imediatamente se ousasse.

— O que ele diz? — Zane repetiu.

— É, o que ele diz? — Dave sorriu e não era um sorriso malicioso.

Droga, não sabia o que fazer. Olhou para Dillon, que se mostrou indiferente. — Talking Heads? — Ele sugeriu.

Akira ficou confusa. Uma escolha estranha para um adolescente. Pensou que fosse um fantasma recente, com apenas alguns anos, mas supôs que sua vestimenta casual poderia ser do final dos anos 90. Ainda assim, se Zane era seu tio e o conheceu em vida, não poderia ser tão antigo assim. — Você não é um pouco jovem para conhecê-los? Fizeram sucesso antes de você nascer.

Ela ignorou o olhar surpreso de Dave, que estava ao seu lado. Zane, seguindo a direção em que olhava, percebeu que

Dillon estava fora do carro. Afastou-se do veículo e fechou a porta.

— Meu pai é um grande fã — Dillon respondeu. — Costumava ouvi-los o tempo todo. E Kyle deve ter um CD deles na oficina.

Bem, certo, então. — Talking Heads — Akira disse.

Zane concordou com a cabeça e, por um momento, Dave pareceu assustado, com os olhos arregalados e o corpo rígido. Depois, relaxou e declarou: — Maneiro. Seu pai deve estar eufórico. Olá, Dillon.

Foi a vez de Akira ficar surpresa. Que diabos havia de errado com as pessoas

daquela cidade? Acreditavam em tudo que ouviam?

CAPÍTULO SEIS



Akira discutiu com Zane por dez minutos, depois, passou o resto do percurso enfurecida.

Como ele não conseguia entender que era uma péssima ideia que as pessoas

soubessem que podia ver fantasmas? Era perigoso!

Se não acreditassem, pensariam que era louca. E se acreditassem, seria pior. Ela era um cientista, uma pesquisadora racional que acreditava nas leis da lógica e no método científico. Ver fantasmas era um problema. Um defeito. Não era algo que gostaria que as pessoas soubessem.

Tentou explicar isso a ele, no entanto, Zane apenas desconsiderou sua preocupação: — Dave já viu coisas mais estranhas e Nat é mais estranha ainda. Não se preocupe.

Mais estranha! Sua irmã médica? Natalya parecia tão comum quanto uma

torta de mirtilo. E era enfurecedor que sua ansiedade tenha sido descartada assim. Além disso, havia os fantasmas. Zane não compreendia os riscos e sua aceitação da presença de seu sobrinho não significava que estava pronto para acreditar em um lado mais sombrio da energia espiritual. Centenas de anos de histórias assustadoras não mentiam: nem todos os espíritos eram como Dillon. Mas como explicar isso sem soar maluca? Ou seria pior explicar?

Ao estacionar o carro em uma vaga na avenida principal, Zane zombou: — Você é uma rabugenta, não é?

Rabugenta? Akira nunca teve um

irmão, mas reconhecia o tipo. Ele era um zombeteiro. — E você é o irmão mais novo, não é?

Ele riu e ela saiu do carro. — É sério — repetiu enquanto ele contornava o veículo. — Não quero que as pessoas saibam disso.

— Não é como se eu anunciasse na CNN — ele comentou e começaram a andar lado a lado. Seguiam para o restaurante que Akira notou quando fez aquela breve visita à cidade, aquele que parecia uma combinação de café com lanchonete. — Conteí a minha irmã e ela descobriria de qualquer jeito por causa de Dillon. E Dave não dirá a ninguém.

— Natalya não... ela não... — Akira não sabia como formular a pergunta educadamente. Teve certeza de que Natalya não era a mãe de Dillon por causa de sua reação serena ao descobrir que ele era um fantasma; sabia muito pouco sobre a família Latimer.

Por um instante efêmero, a expressão de Zane pareceu amarga. — Não. Lucas, o irmão que mencionei antes, é o pai de Dillon. Mas ele não fica muito por aqui. Meus pais criaram Dillon.

— Perder um filho é difícil, imagino. É por isso que seu pai... — Akira buscou as palavras adequadas e, finalmente, concluiu: — Procura por um médium? —

Parecia mais diplomático do que dizer que perdeu a cabeça e decidiu que fantasmas existem. Certamente, ela sabia que eram reais, pois podia vê-los. Por que alguém que não tinha a mesma habilidade decidiria perseguir uma ilusão?

— Dillon e minha mãe morreram com três dias de diferença — Zane continuou. — Dillon de overdose e minha mãe de um derrame cerebral. Dois anos atrás, meu pai conheceu uma mulher que lhe disse que o carro era assombrado, mas ela... bem, desde então, ele procura por alguém que consiga se comunicar com espíritos.

Akira praticamente não ouviu nada depois de overdose. Pobre Zane. Perder a

mãe e o sobrinho na mesma semana. Ela sempre teve apenas seu pai, porém, o vazio que tomou conta de sua casa por meses depois da morte dele foi terrível. E não havia sido algo inesperado: cedo demais, sim, mas sabiam muito antes que a luta contra o câncer estava perdida. E uma overdose? Um adolescente tão jovem quanto Dillon? Uma tragédia.

— Lamento por sua perda — ela disse.

Ele a fitou. No sol do fim de tarde, os olhos de Zane estavam mais azuis, quase da mesma cor do céu atrás dele, e era possível ler em sua expressão como sofreu. Mas, então, ele sorriu e disse: —

É, não foi uma semana memorável. — E abriu a porta do restaurante, indicando que ela deveria entrar primeiro.

O lugar era uma mistura eclética de estilos: como se alguém com gosto moderno, sem dinheiro ou tempo para reformar tudo, assumisse a gerência de uma lanchonete antiquada. O chão era de linóleo cinza e feio, havia um balcão longo no meio do ambiente, com uma cozinha logo atrás. As mesas eram cobertas com toalhas coloridas, que combinavam com os guardanapos de pano; existia uma fileira de espaços reservados ao longo de uma parede com mesas de madeira e poltronas de couro.

Ao olhar ao redor, notando peças de arte sofisticadas nas paredes, Akira percebeu que o restaurante estava lotado, quase todas as mesas ocupadas, e a maioria das pessoas parecia olhar em sua direção. Ou olhava para Zane? Deu uma espiada nele.

— Cidade pequena, rosto novo — ele murmurou em seu ouvido e colocou uma mão reconfortante em suas costas para guiá-la na direção de uma cabine nos fundos, cumprimentando pessoas em todas as mesas ao passar. — Nada com que se preocupar.

“Não estou preocupada”, pensou defensiva. Ou melhor, não exatamente

preocupada. Apenas queria ter encontrado uma escova de cabelos e um espelho, talvez um pouco de maquiagem, enquanto estava na General Directions. Enfrentar um ambiente repleto de estranhos curiosos com a aparência de quem esteve em um acidente não inspirava confiança.

Havia um homem, de costas para o restaurante, sentado à mesa para a qual Zane se dirigia. “Esse deve ser o excêntrico Max Latimer”, Akira pensou. Ao se sentar à sua frente, ele ergueu os olhos sorrindo e, quase sem querer, Akira correspondeu ao sorriso. Cabelos negros, grisalhos nas têmporas, olhos azuis com marcas de expressão profundas,

sobrancelhas espessas e um sorriso que iluminava seu rosto. Akira notou sua semelhança com os filhos e o neto.

— Você deve ser a médium — ele disse, estendendo a mão para cumprimentá-la.

O sorriso de Akira desapareceu imediatamente. — Não sou médium — disse, lançando um olhar para Zane, que se sentava ao seu lado. O que ele disse para seu pai? Não havia deixado claro quando confessou que podia ver fantasmas? Médiuns recebem mensagens de espíritos invisíveis. São espiritualistas que acreditam em um “outro lado” mítico. Organizam sessões espíritas e entram em

transe!

— Ela vê fantasmas — Zane elucidou.
— Parece que há uma diferença.

A compaixão que Akira sentia por ele momentos antes se evaporou quando sua irritação retornou. Ele não ouviu uma palavra do que ela disse?

— Ah, deixe disso — ele prosseguiu, notando sua expressão. — Tínhamos que contar para ele.

— Não! — Akira revoltou-se. — Não tínhamos. Isso não é... sou uma cientista. Uma física. Com o que, admito, é um... — ela pausou, buscando o termo adequado.

— Dom? — Max sugeriu.

Akira negou com a cabeça, rejeitando

sua escolha e optando por outra expressão: — Peculiaridade. Apenas uma peculiaridade. Não quero que as pessoas saibam disso.

Max e Zane trocaram olhares. — Tassamara é uma cidade que atrai pessoas com peculiaridades — Max registrou. — Ninguém aqui irá julgá-la por isso.

Akira suspirou. Era uma cidadezinha estranha, precisava admitir. Mas isso não significava que ver fantasmas era uma habilidade socialmente aceitável. — Não gosto de fantasmas — disse devagar, tentando explicar como se sentia, mas Max interrompeu-a antes que pudesse continuar.

— Srta. Malone — começou, depois sorriu e estendeu um braço sobre a mesa, dando tapinhas na mão de Akira. — Akira. Você alugou um carro com um fantasma. Alugou uma casa famosa por ser assombrada. Não pode temer tanto assim sua ligação com o mundo espiritual.

Mundo espiritual? “Ah, caramba”, Akira pensou antes de protestar: — Todos os lugares que a corretora de imóveis me mostrou eram assombrados!

— O último lugar da lista era um apartamento novo — Zane revelou. — Cerca de vinte quilômetros fora da cidade, não muito conveniente, mas novinho em folha e provavelmente sem

moradores espectrais.

— Você sabia quais as propriedades que ela iria me mostrar? — Akira perguntou.

Ele deu de ombros. — Testes de percepção, lembra? Não procuramos por você porque precisávamos de uma física.

— Mas sou física — Akira protestou. — Prestem atenção, fantasmas são apenas um tipo de energia. Só isso. Não é loucura acreditar que os seres humanos possam ser mais que matéria orgânica. Somos um sistema complexo. Sim, tenho essa habilidade, mas não é como ter um superpaladar ou ser um tetracromata, é apenas alguma variação genética na

faculdade sensorial. Rara, com certeza, mas tetracromatas também são.

— Conheço pessoas com superpaladar — Max comentou. — São chatos para comer, pois com papilas gustativas com mais sensibilidade o sabor da comida deve ser mais intenso para eles. Mas o que é um tetracromata?

— A maioria das pessoas tem três tipos de célula cônica nos olhos, cada uma responde a uma extensão de ondas visíveis. Três células cônicas, portanto, somos tricromatas — Akira explicou. — Contudo, algumas pessoas, mulheres em sua maioria, por causa dos dois cromossomos X, podem ter quatro tipos

de células cônicas. Em teoria, podem ver o ultravioleta, como os peixes-zebra. Um humano normal distingue, em média, um milhão de tons, mas um tetracromata pode distinguir cerca de cem milhões de tonalidades. — Momentaneamente distraída com a possibilidade, declarou pensativa: — Deve ser um inferno se vestir. Nada deve parecer combinar. — Balançou a cabeça e continuou: — É cientificamente possível que tenho um sentido que permita que eu enxergue energia. Um determinado tipo de energia. Um tipo que outras pessoas não conseguem perceber, como enxergar o ultravioleta, mas não exatamente porque...

— Suas palavras se perderam quando notou que Max sorria gentilmente.

— Você também os ouve, não ouve?

— Zane perguntou. — Como explica isso se é apenas um sentido visual?

“Ele é tão prosaico”, Akira pensou. Havia algo profundamente irritante nisso. Ela respirou fundo. — Certo, então é um pouco mais que uma habilidade visual. Ver ondas diferentes, ouvir frequências diferentes. Ou talvez meu cérebro apenas traduza esse sentido a mais de modo compreensível para mim? O ponto é que não sou assim. É como ser canhota ou ter um arremesso perfeito, é apenas uma... uma peculiaridade — acenou com a mão

de modo desdenhoso.

— Uma peculiaridade que lhe permite conversar com meu neto — Max ressaltou. — E, espero, com minha esposa.

Akira queria gritar. Parentes. Ah, como odiava lidar com parentes. — Sim — apenas sem dar muita relevância. — Ou talvez, não sei quanto à sua esposa. Mas, sim, posso conversar com Dillon. E...

— O que você quer dizer? — Max perguntou.

— E depois? — Foi a vez de Akira questionar. — Sim, posso conversar com seus parentes. Você também, para falar a

verdade, mas, certo, posso realmente ter um diálogo com eles. E depois?

— Não pode ajudá-los a seguir em frente ou seja lá o que for que deveriam fazer?

Ela negou com a cabeça. — Não. Fantasmas são... eles apenas existem. Não há um problema para ser resolvido. Exceto para mim, às vezes. Mas não são algo que precisa de conserto, não mais que, digamos, um relâmpago precise de conserto. São apenas energias. Energia remanescente.

Max esfregou o queixo. — Mas ainda estão aqui?

Akira proferiu tão rápido que foi

quase uma gargalhada: — Me pergunte sobre dinâmica de colisão em baixa temperatura. Terá uma resposta melhor.

— Não estou interessado em dinâmica de colisão em baixa temperatura — Max respondeu de modo seco.

Akira torceu os lábios. Não foi um sorriso. — Nem sonoluminescência, presumo?

— Nem sei o que isso significa — Max admitiu.

Akira fechou os olhos e suspirou, se repreendendo em silêncio. Deveria ter feito mais perguntas. Deveria ter se lembrado de que parecia bom demais para ser verdade. — Não sei por que fantasmas

existem — admitiu. — Por motivos óbvios, não é um assunto facilmente pesquisado. E eu não os “conserto”, não os faço ir embora e, antes que pergunte, não sei nada sobre luzes brilhantes.

Pressionou os lábios. Do outro lado da mesa, Maxi permaneceu em silêncio e sua decepção era visível. — Acho que devo voltar para a Califórnia — Akira conjecturou. — Se eu soubesse que vocês... — deixou a frase morrer ali. Não queria fazer acusações a nenhum deles. Ainda assim, sua decepção era intensa. Queria acreditar que esse lugar seria perfeito para ela, que encontrara um novo lar.

— Sem chances — Zane contrapôs-se.

Ela lançou um olhar em sua direção. Claro, havia assinado um contrato, mas não havia nada nele sobre fantasmas.

— Comprei um osciloscópio digital espetacular para você e tirei o dinheiro da verba do Smithson — Zane continuou. — Se não aparecer amanhã para brincar com ele, Smithson ficará irritado e um Smithson irritado nunca é divertido. Grace vai gritar comigo e a coisa toda será um horror — ele sorriu e foi um sorriso tão consolador que causou a impressão de que Zane estava massageando as costas dela.

— É verdade — Max concordou. Ele

também sorriu, um sorriso um pouco mais contido, mais decepcionado, contudo, ainda era um sorriso. — Independente de me ajudar ou não, esse é um ótimo lugar para você. Tenho certeza de que sua pesquisa será interessante. — Por um momento, os olhos de Max ficaram imóveis e, então, acrescentou com um tom de alegria: — Hum, lucrativa, também. Isso é bom.

— Lucrativa? — Akira ficou preocupada.

— Não essa sono- sei lá o que, não é isso. Ou outra coisa.

Akira olhou para Zane novamente. Sobre o que seu pai falava?

— Max é pré-cognitivo — ele explicou. — Pode ver o futuro.

Pré-cognitivo.

Okay.

Estavam brincando, certo?

Um pequeno sorriso brigava por espaço nos lábios de Zane, entretanto, ele não olhava em sua direção. Parecia concentrado em chamar a atenção da garçonete.

De acordo com Einstein, passado, presente e futuro são apenas uma ilusão insistente. Akira não era uma especialista em física quântica, porém, sabia que postulavam que, em um nível atômico, o futuro podia ser previsto. Se estivessem

certos, então, em teoria, prever o futuro é possível. Ainda assim, soava improvável na opinião de Akira. Apesar de que não é muito diferente de ver fantasmas.

Talvez seja hora de um pouco de investigação científica básica. — Então, sabia que teríamos essa conversa? — Tentou não deixar qualquer emoção transparecer em suas palavras e elas soaram tão calmas e neutras o quanto possível, mas ainda deixou um leve tom de ceticismo escapar.

O sorriso de Max aprovava. — Não. Se pudesse ver tudo, estaria institucionalizado, com certeza. Seria impossível ser funcional. Não, apenas sei

o resultado de algo antes que aconteça, às vezes. Eventos bem aleatórios, ao que parece. Há eventos que daria qualquer coisa para prever, mas que permaneceram obscuros. A tristeza em seus olhos não combinava com seu sorriso.

— Ele é bom com dinheiro — Zane disse, voltando sua atenção para a mesa.

— Dinheiro?— Akira estava surpresa. Parecia prático.

— Com coisas que produzem dinheiro, na verdade — Max corrigiu seu filho. — Dinheiro, em particular, era com minha esposa.

Akira ergueu as sobrancelhas, encorajando Max a continuar. — Minha

esposa era a força por detrás da General Directions. A empresa é, primeiramente, um local de investimentos. Compramos e vendemos ações de outras empresas e, às vezes, compramos patentes úteis. Tenho certeza de que pode imaginar como conhecimento prévio é uma vantagem nesse ramo.

— Isso não é ilegal? — Akira estava fascinada. Nunca pensou em um uso prático para sua própria habilidade. Não que espíritos seriam úteis ao comprar ações, mas talvez de outras maneiras, supôs. Quem sabe?

— Ah, provavelmente — Max concordou. — Mas não gostaria de ser o

político a apresentar essa proposta de lei.

— Ou o advogado tentando processar

— Zane complementou. — É difícil provar. Acontece que saber o futuro se parece muito com negociação interna, pelo menos aos olhos do Conselho de Supervisão do Mercado de Ações, ou essa foi nossa experiência.

Max acenou, como se desprezasse a entidade. — Resolvemos aquele problema.

Akira ainda tentava compreender o quebra-cabeça. — Se é uma empresa de investimentos, por que vocês têm laboratórios de pesquisa? — Perguntou. Os laboratórios que viu em sua primeira

visita eram impressionantes e bem equipados, o escâner que Nat usou naquele dia era uma peça que valia milhões de dólares. Nada daquilo se encaixava na imagem de uma empresa que apenas investia em outras empresas.

— Gosto de pesquisas — Max respondeu, como se aquilo fosse explicação suficiente.

— Precisamos gastar o dinheiro de algum jeito — Zane murmurou para Akira.
— Minha mãe sempre gastava com investimentos, mas meu pai usa parte dos lucros para suprir interesses próprios.

— Temos alguns projetos fascinantes no momento. Alguns, claro, exploram

nossos... bem, nossas peculiaridades se você assim prefere, mas financiamos algumas pesquisas bioquímicas incríveis. E há um projeto sobre teletransporte quântico que pode interessar você. — Max parecia ansioso para compartilhar essas informações e Akira ouvia suas palavras com curiosidade. Peculiaridades?

— Vocês pesquisam fenômenos psíquicos? — Perguntou, incerta de como se sentia com aquilo. Em termos acadêmicos era, obviamente, um desastre. Aquele único parágrafo especulativo gerou críticas severas do seu chefe de departamento, cochichos na sala de

descanso, piadas de seus colegas e um fim à sua carreira acadêmica.

— Contrato pessoas com dons — Max observou. — Ou ideias interessantes. E vejo o que fazem. Com frequência, pesquisam os fenômenos que os afetam diretamente.

Akira não entendia muito de negócios, uma vez que passou a maior parte da vida no mundo acadêmico, mas as táticas de Max soavam arriscadas para ela. Talvez realmente pudesse ver o futuro: a empresa poderia usar essa vantagem apenas para sobreviver.

— Ah, finalmente — Zane disse quando a garçonete se aproximou,

equilibrando três pratos de comida. —
Aqui vamos nós.

A garçonete era adolescente, com cachos loiros curtos e maquiagem demais, porém, seu sorriso cintilava quando colocou os pratos sobre a mesa, cada um na frente de cada cliente. O prato de Akira trazia um cheeseburger, espesso e suculento, a alface verdinha, o tomate viçoso e fritas que ainda chiavam e estalavam. Mas não tinha pedido um cheeseburger. Na verdade, não tinha pedido nada.

— O que é isso? — Zane olhava para seu prato com uma expressão de tristeza.

— Não sei. Nunca vi isso antes — a

garçonete olhou para trás, para a porta aberta da cozinha, e sussurrou: — Quer que eu leve de volta? Maggie vai ficar furiosa.

— Acho que talvez você tenha confundido os pratos — Max disse para a garçonete, não de modo rude, ao pegar o garfo. Akira notou que em seu prato tinha salmão grelhado e brócolis.

— Você quer isso?— Zane perguntou a Akira, claramente em dúvida.

Akira estudou o prato de Zane: arroz dourado com pedaços de couve-flor, cenoura, vagem, batatas, amêndoas e passas. — É biryani de legumes — disse aliviada. — Sim, quero. — Ela passou

seu prato para Zane e ele empurrou o prato de arroz em sua direção, depois perguntou a Max: — Como sabia?

— Sabia o quê? — Ele perguntou, pegando uma porção de salmão.

— O que eu queria comer.

Akira era pragmática com sua comida: comia o que era servido. Mas quando cozinhava, tendia para o vegetarianismo. Max havia investigado seus hábitos? Ou foi um exemplo de suas habilidades pré-cognitivas?

— Ah, não sabia — ele respondeu e Akira começou a comer. — Pedi três especiais quando cheguei. Maggie decide o que vai ser.

— Maggie?

— Esse restaurante é dela — Max respondeu. — Assumiu o negócio há seis ou sete anos. Costumava ser uma lanchonete, basicamente ovos fritos e bacon para o café da manhã, almôndegas e batatas para o jantar. Nada ruim, porém, nada especial. Maggie deu uma sacudida nas coisas.

O biryani estava ótimo, o arroz macio, o tempero perfeito. Akira comeu pensativa. Biryani de legumes no meio do nada, Flórida. Não, opção vegetariana no meio do nada, na Flórida. E Max é sensitivo. E Tassamara é uma cidade de pessoas sensitivas.

— Sem cardápios?— Finalmente perguntou.

— Só para turistas — Zane respondeu.

Ela concordou com a cabeça, absorvendo a informação. Começava a compreender como outras pessoas se sentem quando confessam que podem ver fantasmas. Havia dúvida, mas também interesse e confusão absoluta.

— Então, a cidade...

— Atrai pessoas com dons — Max confirmou. — Também procuramos por elas e as trazemos para cá; algumas aparecem sozinhas.

Akira estudou o ambiente. Imaginou

quantas pessoas ali eram como ela. Não que pudessem ver fantasmas, claro: Max não estaria procurando por um médium há tanto tempo se fosse tão fácil encontrar um. Mas pessoas que guardavam segredos e eram alvos de escárnio?

— Vampiros? Lobisomens? Bolhas de ectoplasma?— Finalmente perguntou.

Max pareceu indignado com a pergunta, mas Zane sorriu. — Não, nada disso, e você conhece bolhas de ectoplasma melhor que nós. No entanto, devo admitir que não, pelo menos até onde sabemos. Nunca encontramos um vampiro.

Akira comeu outra colherada de arroz.

Será que isso era apenas uma pegadinha bem elaborada? — Vocês sabem que é difícil acreditar.

— Zane pode provar com mais facilidade — Max frisou.

Akira olhou para Zane. Ele também é sensitivo? Isso foi inesperado. — Você pode me dizer o que vou comer no café da manhã?

— Iogurte — ele respondeu prontamente e, em seguida, riu da expressão de Akira. — Acertei?

— Sim — ela respondeu, todavia, o divertimento estampado nos olhos de Zane a deixou mais intrigada que convencida.

Max balançou a cabeça. — Você suja

o nomes dos sensitivos, Zane — suspirou. — Isso foi uma leitura fria. Não ouça o que ele diz. Não sabe de nada sobre o futuro.

— Comida de coelho, garota da Califórnia? Foi fácil adivinhar — Zane concordou. Observava Akira, que se sentia desconfortável. Sua risada, o calor de seu olhar: aquele formigamento estava de volta e mais inapropriado que nunca. E podia notar seu coração mudar de ritmo e seu pulso acelerar.

— Leitura fria? — Akira questionou, tirando os olhos de Zane com muito esforço e fitando Max.

— Há muito mais sensitivos falsos

que verdadeiros no mundo. Uma leitura fria é quando um embusteiro faz afirmações prováveis e usa a reação das pessoas para outras previsões. Zane tem um dom, mas não é precognição.

— Encontro coisas — Zane declarou.
— Perdeu alguma coisa recentemente?

— Não — Akira ponderou por um instante. — Mas a maioria dos meus pertences está em um caminhão em algum lugar. Pode me dizer onde?

Ele concordou e estendeu uma mão em sua direção, com a palma para cima. Ela examinou o gesto e ergueu uma sobrancelha. — É mais fácil se eu tocar você — ele explicou.

Tocá-la? Parecia uma má ideia. Akira colocou sua mão sobre a dele, cujos dedos quentes envolveram os seus, e tentou ignorar aquela sensação de calor que queimava em seu estômago. Ele fechou os olhos e ela o observou fascinada, imaginando o que ele sentia e o que acontecia dentro de sua cabeça.

E, então, suas pálpebras se ergueram e seus olhos encontraram os dela; as pupilas negras e dilatadas quase ocultavam o azul e, por um momento, ele se inclinou em sua direção. Rapidamente, soltou sua mão, se afastou e, com uma leve hesitação na voz, disse: — Nos arredores de Jacksonville. O caminhão chegará amanhã.

Amanhã? Poderia ser um chute.

Descobriria logo.

CAPÍTULO SETE



*A*kira andava de um lado ao outro da varanda.

Quem dera chegasse antes dos transportadores. No entanto, eles chegaram cedo demais. Conhecia

vagamente a geografia da Flórida, mas Zane provavelmente estava certo na noite anterior, quando disse que seus pertences estavam próximos a Jacksonville. De qualquer forma, a transportadora foi rápida. Recebeu a chamada no hotel e, quando ela conseguiu uma carona até a casa, já estavam lá. Infelizmente, isso significava que não teve oportunidade de se apresentar para os fantasmas.

Estava ansiosa com aquilo. Parecia simples quando tomou a decisão de alugar a casa. O quarto na pequena torre, o lindo jardim, o entusiasmo de Rose, Dillon... valia a pena correr o risco por tudo aquilo. Imaginou que começaria sentando-

se na cozinha, onde conversaria com os espíritos residentes e determinaria as regras, estabelecendo normas para que pudessem conviver bem. Se fossem como os outros, teriam muitas perguntas, que, provavelmente, não poderia responder e, talvez, esperassem algo dela. Contanto que não envolvessem parentes, não se importava em executar algumas tarefas para os espíritos.

Em vez disso, foi forçada a fingir que não podia ouvir os comentários incessantes de Rose enquanto os carregadores levavam seus pertences para dentro da casa.

— Sim, isso vai para a sala de visitas

— Akira instruiu os carregadores que traziam o sofá.

— Oh, aqueles músculos são divinos

— Rose saltou sobre um dos módulos do sofá, admirando o jovem vestindo uma camiseta justa, o qual carregava um dos lados. — Você é meu tipo. Imagino se gosta de dançar. Adoraria dançar com você.

Enquanto os carregadores arrumavam o sofá, Rose se aproximou do homem até que ele estremeceu.

— Está frio aqui — ele comentou com outro carregador.

Akira mordeu o lábio enquanto Rose suspirava e desabava sobre o sofá com

muito drama, até que se levantou outra vez e seguiu os trabalhadores de volta para fora.

— Essa é uma cadeira bonita — Rose opinou sobre uma poltrona com padrão florido que um carregador tirava do caminhão. — Mas muito antiquada. Acho que você herdou seus móveis. Não parece o tipo que gosta de estampas floridas. Quero dizer, veja suas roupas. E seu batom. Não, acho que essa poltrona foi de sua avó.

Akira conseguiu, com esforço, não olhar para suas roupas. Jeans e camiseta pareciam uma escolha prática. E qual era o problema com seu batom?

— Ah, falando em divino — Rose uniu suas mãos sob o queixo e deu um suspiro apreciativo. Akira seguiu a direção de seu olhar e tentou não sorrir. O Taurus estava estacionado atrás do caminhão de mudanças e Zane saía de dentro dele. Divino, é?

— Ele pode nos visitar a qualquer hora — Rose continuou. — Olhe aquele cabelo. Queria correr meus dedos por ele.

Era um cabelo atraente, Akira concordou em silêncio, escuro e ondulado, que brilhava em tons de cobre no sol.

Depois de trocar algumas palavras com os carregadores, Zane atravessou a

passarela. Ao ver Akira na varanda, sorriu.

Deixando as mãos caírem, Rose agarrou uma coluna da varanda. — Ah, e que sorriso — ela gemeu. Akira não conseguiu evitar que seu próprio sorriso aparecesse. Ainda no Taurus, Dillon pairava incerto ao lado da porta, olhando em sua direção. Akira fez um gesto e tombou a cabeça, um leve sinal para indicar que podia entrar.

— Jacksonville, ontem à noite — Zane congratulou-se ao se aproximar. — Convencida?

— Não exatamente — ela respondeu, colocando as mãos nos bolsos do jeans e

chacoalhando os ombros. — Pode ser apenas um chute certo.

— Eca. Uma cética. Não esperava isso.

— Por quê? Só porque... — Akira parou de falar quando os carregadores vieram em sua direção.

— A televisão fica na sala, senhorita? — um deles perguntou.

— Não, não — respondeu rapidamente. — Coloque-a no andar superior, no quarto à direita da escada. Ah, e coloque aquela poltrona florida no mesmo quarto, por favor.

— Oh, uau, uma televisão no meu quarto! E a poltrona? Mas isso é... no

quarto? No meu quarto? — Rose olhava fixamente para Akira, que não resistiu e arregalou os olhos em sua direção.

— Você consegue me ver? — A voz de Rose era um sussurro. — Pode me ouvir?

Akira olhou para Dillon e franziu a testa, sinalizando que ele deveria explicar a situação para Rose, mas ele olhava para Rose fixamente, de boca aberta. Akira olhou para Rose outra vez.

Ah. Ups.

— Quantos anos Dillon tinha? — Ela perguntou.

— Quando ele...? — Zane começou, mas logo respondeu: — Quinze. Por quê?

Maravilha. Akira acabou de colocar um garoto fantasma de quinze anos, que ficou sozinho por muito tempo, perto de uma garota fantasma muito bonita. Que boa ideia foi essa. Colocou a mão sobre a boca, escondendo o sorriso que não conseguia conter, e balançou a cabeça. Zane a olhava, esperando uma resposta. Rose a encarava. Dillon encarava Rose. E os carregadores ainda levavam caixas e móveis para dentro da casa.

— Talvez todos... quero dizer, talvez devêssemos ir para a cozinha? — Sugeriu. — Aceita um chá?

— Chá? — Seu tom não disfarçou o horror de Zane. — Que tal café? — Ele

propôs.

— Chá verde é muito bom para você. Polifenóis, antioxidantes, diminui o colesterol. É uma boa ideia para um cara que gosta de cheeseburger e fritas.

— Também tem um gosto horrível. De mato e não o tipo divertido de mato.

Ela virou os olhos. — Vou preparar chá de hortelã, então. Tem sabor de chiclete.

— Você consegue me ver? — Rose repetiu com urgência, ignorando que Zane e Akira conversavam.

— Hum, sim, ela consegue — Dillon respondeu, finalmente encontrando a voz, enquanto Akira se virou e entrou na casa,

com Zane e os fantasmas logo atrás.

No corredor, estremeceu quando Rose passou por ela, chamando Henry. Ao entrar na cozinha, notou o velho fantasma colocando seu jornal sob o braço e dizendo calmamente: — Rose, querida, devagar. Você está falando tão rápido que não consigo entender.

— Ela pode me ver, Henry, ela pode me ver — Rose vibrou. — E, veja, trouxe um de nós com ela — abriu os braços, indicando Dillon.

— Ora, como vai, filho? — Henry estendeu a mão para cumprimentar Dillon, no entanto, suas mãos passaram uma pela outra. — Ah. Ele parecia surpreso, mas

Dillon não se preocupou, apenas transformou o cumprimento em um aceno casual. Depois que superou sua incredulidade, Akira notou, Henry movia os pés com empolgação.

Akira olhou ao redor, ponderando o próximo passo. Com os carregadores na casa e Zane na cozinha, não deveria falar com os fantasmas. Ou talvez sim. Talvez fosse hora de ver se Zane realmente era tão indiferente a isso quanto parecia. Imaginou abrir a boca e dizer olá para os fantasmas diante dele, mas seu coração fraquejou. Mordeu o lábio, incerta.

— Aha, um teste perfeito — Zane declarou. Olhava ao redor da cozinha,

ignorante com relação à conversa entre os fantasmas. Os carregadores haviam empilhado meia dúzia de caixas ao lado da pia e ele foi na direção delas, atravessando Henry sem piscar, mas Akira pestanejou. Passando a mão ao lado das caixas de papelão, ele parou e se agachou. — Sempre a última.

Levantando-se, trocou as caixas de posição, depois pegou a que havia escolhido. Olhou sobre os ombros para Akira e inclinou a caixa para que ela pudesse ver o rótulo no topo. Reconhecendo sua própria caligrafia, leu "Cozinha. Abrir Primeiro."

— Convencida? — Zane perguntou.

Ela sorriu e seu momento de incerteza passou. — Você mesmo disse: o que você quer está sempre por último.

Ele tentava puxar a ponta da fita adesiva para abrir a caixa. — E suponho que todos saibam que a primeira coisa necessária quando você acaba de se mudar é algo com o que fazer água fervente ter sabor de mato? — Ele sorriu e arrancou a longa fita da caixa. — Se fosse comigo, esta caixa teria um abridor de garrafa, meia dúzia de cervejas e algo para ouvir música.

Ele abriu as abas da caixa e encontrou no topo as caixas de som do iPod de Akira, cuidadosamente protegidos por

plástico bolha.

— Quase certo — ela zombou. Pegou os alto-falantes e entregou-os a Zane antes de procurar a chaleira, as canecas e as caixas de chá.

— Música? — Rose perguntou, espiando sobre o ombro de Zane. — Isso toca música?

— Toca — Akira respondeu, não se incomodando em explicar que era necessário conectar a um iPod.

Zane, que desembrulhava os alto-falantes, lançou um olhar em sua direção. Akira respirou fundo. Realmente fizera aquilo? Em frente a um estranho?

“Quase um estranho”, corrigiu. “Um

quase estranho que alegava ser sensitivo. Um quase estranho que...”, interrompeu seus pensamentos antes que ficassem inadequados. Não estava preparada para pensar nesses detalhes sobre ele. Agora não, ainda não. O calor que sentia ao olhar para ele era resposta suficiente para uma pergunta constante: era seguro? Sim. Sim, era seguro.

Pelo menos, esperava que fosse.

— Meu nome é Akira — disse para Rose e Henry. — E, sim, posso ver e ouvi-los.

— Mas você está viva — Rose protestou.

— Minha nossa — Henry disse, se

balançando um pouco e com aparência assustada. — Não sei se já encontrei um médium de verdade antes.

Akira suspirou. Sério? Teria que repetir a mesma conversa quantas vezes? — Não sou médium.

— Ela só fala com fantasmas — Dillon contribuiu. — Não com qualquer pessoa que morreu.

Zane parou de desembrulhar e segurava um alto-falante em uma mão e o plástico bolha em outra. Podia vê-lo tentando seguir a direção do seu olhar, sem ver ninguém.

— Obrigada, Dillon — o tom de Akira foi seco. Supôs que deveria

agradecer por sua contribuição.

— Isso é interessante — Henry parecia satisfeito, todavia, Rose estava desconsolada.

Rose cruzou os braços, levantou o queixo e disse: — Bem, eu não vou.

Akira a olhou com suspeita. Não gostava quando fantasmas ficavam emotivos. — Não vai para onde?

— Não vai tentar nos exorcizar? — Rose abaixou os braços, sua rebelião diminuiu e Akira relaxou.

— Ah, não. Não planejava isso — respondeu. — Não saberia como. Além disso, pensei que Dillon pudesse gostar de companhia.

— Companhia! — Rose aplaudiu. —
Temos companhia, Henry.



ZANE OBSERVOU Akira conversando com o vazio e imaginou como deveria ser para ela. Qual era a aparência dos fantasmas? Eram formas brancas e translúcidas? Eram sombras? Ela havia mencionado que eram energia – se pareciam com seres feitos de energia ou pareciam humanos?

Pareciam mortos? Uh, era uma ideia pavorosa.

Havia visitado Dillon no hospital. Sua aparência era cinza e gelada, como se

toda cor houvesse sido sugada de seus lábios e de sua pele. Ele tinha a mesma aparência agora? Se sim, Zane estava contente por não ser capaz de vê-lo. Era estranho o bastante aceitar sua presença na sala e que o tempo não o havia mudado, que ficou preso no momento de sua morte.

Zane mal podia se lembrar de como Dillon era quando morreu. Quando pensava nele, se lembrava de todas as fases: o bebê Dillon, com olhos arregalados e pacatos; o Dillon que engatinhava, finalmente com cabelo de verdade depois de meses com apenas um tufo; o Dillon com seis anos de idade,

guiando carrinhos pelo jardim por horas; o Dillon com nove anos, teorizando a estratégia perfeita em um jogo complicado. Todos aqueles Dillons já não estavam mais ali na noite em que o jovem de quinze anos tentou disparar seu dom psíquico com uma overdose de drogas alucinógenas.

Idiota.

Zane voltou a desembrulhar os alto-falantes, ainda ouvindo a parte de Akira na conversa. Havia notado seu olhar preocupado. Sabia que estava desconfortável e pôde adivinhar que confiar nas pessoas não era algo fácil para ela. Precisava ser cauteloso.

Pela conversa (ou talvez discussão) que tiveram no carro no dia anterior, sabia que manter sua habilidade em segredo era importante para ela. E realmente não queria saber o porquê. A mãe dele sempre insistiu que seus dons deveriam ficar em segredo, pois ela os via como uma vantagem competitiva nos negócios, algo mais parecido com a fórmula da Coca-Cola do que com segredos obscuros na família. Mas Akira deixou claro que pensava ser perigoso permitir que as pessoas soubessem que podia ver fantasmas.

Talvez estivesse certa. Droga, mas ele ainda queria saber mais sobre aqueles

ossos fraturados. Baseado no modo como ela havia reagido, não conseguiria respostas tão cedo.

E não estava preparado para pressioná-la. Nunca antes conheceu alguém que houvesse sofrido abusos – não que soubesse. Claro, não tinha certeza se conhecia agora, na verdade. Mesmo assim, não queria que nada a machucasse. Nem agora, nem nunca.

Isso significava não demonstrar como era estranho estar ali, ouvindo seu bate-papo com pessoas invisíveis.

A campainha tocou e ele colocou os alto-falantes sobre a mesa. — Quer que eu atenda?

Mas Meredith não esperou ser atendida. — Olá — chamou da porta. — Você está aí, Akira?

— Na cozinha — Zane respondeu.

Akira parecia ansiosa, seus olhos negros estavam preocupados. — Não tive tempo de conversar com vocês sobre isso — disse logo. — Por favor, não... — mas Meredith entrou na cozinha carregando uma bandeja coberta com papel alumínio e Akira ficou em silêncio.

“Por favor, não?”, Zane pensou. O que ela não queria que ele fizesse?

— Akira, oi! Bom ver que a transportadora encontrou o lugar. E Zane, olá! Não o vejo há séculos — a ruiva

cumprimentou-os animada.

— Olá, Mer! — Zane deu um passo à frente e beijou sua face erguida. — Como está sua mãe?

— Ah, há dias bons e ruins, sabe como é — Meredith respondeu. — Seu pai fez uma visita na semana passada e a deixou informada sobre as fofocas mais recentes. Você sabia que a filha mais nova dos Terrel entrou em Yale?

— Sim — Zane sabia o que vinha a seguir.

— Ela é a única naquela família com um cérebro de esquilo — Meredith criticou. Zane esfregou o queixo para esconder o riso. Meredith sempre foi o

tipo de guardar rancor.

Mas, então, Meredith franziu a testa.

— O que você está fazendo aqui, Zane?

— Perguntou. Pelo modo que ela olhava dele para Akira, e vice-versa, Zane pôde notar que ela já tinha se dado conta de que Akira não era apenas uma cientista. — Akira trabalha para você? — Questionou com um tom de presunção, como se soubesse de tudo desde o início.

Ôpa.

Seria inútil mentir: rumores percorriam Tassamara mais rápido que a velocidade da luz e se Smithson ainda não reclamou com ninguém que Zane usurpou suas prerrogativas, então não conhecia o

homem. Portanto, Zane deu de ombros e disse: — Sim.

Meredith hesitou, como se esperasse mais, porém, ao ver que Zane não diria mais nada e Akira parecia apenas confusa, ela ergueu uma sobrancelha. — Um presente de boas-vindas, cumprimentos da Maggie. Ela pediu para dizer que está feliz por você ter se mudado para a cidade.

— Obrigada. — Akira pegou a badeja que Meredith lhe entregou com dúvidas. Zane imaginou o que poderia ser. Maggie gostava de preparar pratos estranhos; deve estar contente por encontrar um público mais apreciativo.

— Ao que parece, você é mais interessante que o resto de nós — Meredith comentou com uma gargalhada.

— Já conheci Maggie? — As palavras de Akira não eram bem uma pergunta, mas também não eram uma afirmação. Zane podia ver que ponderava o motivo de Maggie ter um interesse nela e sorriu para acalmá-la. Maggie não gostava de interrupções enquanto cozinhava ou teria as apresentado na noite anterior. Embora conhecer Maggie não fosse tão relevante, pois, se você entrasse no bistrô, ela já saberia o que você gostaria de comer.

— Não? — Meredith ergueu um ombro. — Isso nunca incomoda Maggie.

Mas se você gostasse do mesmo tipo de comida que este aqui — apontou para Zane —, ela provavelmente não se daria ao trabalho de cozinhar para você.

— Ei, não há nada de mal em hambúrgueres e fritas — Zane protestou. — E gosto do bolo de carne da Maggie.

Meredith virou os olhos. — Maggie me disse o que é isso, mas não me lembro muito bem. Aloo... alguma coisa.

Akira espiou sob o papel alumínio. — Aloo gobi. Delicioso.

Não soava delicioso. Soava apimentado.

— Bem, aproveite. Avise-me se precisar de alguma coisa, Akira. Vejo

vocês mais tarde. — Em um giro rápido, Meredith partiu.

— O que isto significa?— Akira perguntou imediatamente, colocando o prato sobre o balcão da cozinha.

— Isto o quê? — Ele perguntou, praguejando em silêncio. — Que Maggie gosta de cozinhar coisas estranhas? O que tem nisso? — Ele cutucou o prato.

— Não, que trabalho para você.

Ah, droga. Ela ficaria furiosa, sabia. Ele precisava pensar em um modo de frasear sua explicação com cuidado.

— Assuntos Especiais? O que isso significa? — Ela continuou.

Mas ele não havia dito nada. Franziu

as sobrancelhas.

— Eu... o quê? — Akira agarrou os cabelos como se fosse arrancá-los. — Você não está falando sério. Mas isso significa que todo mundo vai saber que tenho um... uma peculiaridade!

Zane finalmente entendeu.

— Quietos, Dillon — Zane ordenou. Seu sobrinho obviamente respondia às perguntas de Akira e sem muito cuidado.

— Isto é terrível — Akira olhou para ele furiosa. E ele notou que era mais atraente quando estava furiosa do que quando ficava preocupada. Aquele olhar de ansiedade foi substituído por faces rosadas.

— Talvez não seja terrível — tentou.

— Um pouco inconveniente, quem sabe?

— A divisão de Pesquisas é para cientistas — Akira o informou, como se ele não soubesse. — Assuntos Especiais são para sensitivos. Você gerencia a divisão de Assuntos Especiais, eu trabalho para você e isso significa que todas as pessoas que souberam disso, conseqüentemente, saberão que sou louca!

— Ou que todos somos — ele sugeriu.

Realmente não queria deixá-la mais exasperada, mas achava difícil não sorrir ao ver sua carranca mal-humorada. Talvez estivesse certa e fosse perigoso ser reconhecida como uma paranormal, mas

Tassamara era seu lar e ninguém ali julgaria aquilo. Simplesmente era assim.

— Você não entende — ela explodiu, fazendo gestos exagerados com as mãos. — Fantasmas são perigosos! E... ah, sim, certo, exceto pela nossa companhia no momento e... não, desculpe, Rose — ela se virou para o outro lado. — Não quis dizer... Não. Bem, obrigada. Aprecio isso.

Akira lançou um olhar exasperado para Zane.

Rose? Todos sabiam que a casa dos Harris era assombrada, no entanto, aquela foi a primeira vez que Zane ouviu o nome do fantasma. Fez uma anotação mental. Tentaria descobrir mais, depois.

Podia reconhecer, por meio do silêncio e da postura de Akira, que ela ouvia algo que ele não podia ouvir, mas, quando ela finalmente falou, suas palavras não eram o que ele queria ouvir. — Deveria voltar para casa — disse, com a voz desanimada. — Voltar para a Califórnia.

— Desculpe-me, Rose — Zane se apressou em interromper. Dando um passo à frente, pegou as mãos de Akira e puxou, de modo que ela fosse obrigada a olhar para ele. — Um mês.

Ela apenas o olhou, seus olhos negros estavam incertos.

— Um mês — ele repetiu. — Fique

por um mês. Se tiver problemas com as pessoas daqui por ser sensível, ajudaremos você a encontrar outro emprego onde ninguém saiba nada sobre você. — Os dedos dela estavam frios e ele os apertou, tentando transmitir seu próprio calor para ela.

Esse era um lugar seguro.

Ele sabia que era.

Contudo, ela precisava acreditar nele.

CAPÍTULO OITO



*S*eis semanas depois

— DILLON, você destruiu meu Kindle outra vez? — Akira tentou esconder a

acusação de sua voz. Talvez tenha apenas esquecido de carregar seu e-reader. Entretanto, percebeu que estava certa ao notar a expressão acanhada de Dillon. Estavam sentados em uma mesa de piquenique, em uma área sombreada nas imediações da General Directions próxima ao estacionamento. — Este é o terceiro! O que faço agora? Queria ler enquanto almoçava.

— Desculpe. — Ele chutou o chão. — Rose estava assistindo a um show de dança de salão e era muito chato. Andei praticando. E pensei que conseguiria fazer funcionar.

Desde que Rose descobriu que podia

mudar o canal da televisão com o controle remoto, Dillon tentava conseguir a mesma proeza, sem muita sorte. Rose podia acionar o circuito que mudava os canais como alguém pressionasse os botões. Contanto que o controle estivesse posicionado corretamente, apontado para a televisão, ela podia controlar o que assistiam.

Akira se sentia aliviada e fascinada: ser despertada por um fantasma entediado pedindo para que ela mudasse o canal da TV era, até então, a única coisa de que não gostava ao morar em uma casa assombrada. Exceto pela obsessão de Rose com a televisão, seus inquilinos

fantasmagóricos eram boa companhia. Henry se sentava à mesa enquanto ela tomava café toda manhã, calmo e animador, nunca se esquecendo de lhe desejar um bom dia quando saía. Os risos dos garotos no quintal faziam Akira sorrir em seus momentos de maior ansiedade. E Rose e Dillon? Bem, estavam tão contentes com a vida, ou pós-vida, que a alegria deles era contagiante.

É, viver em uma casa assombrada acabou bem.

E a General Directions provava ser melhor que bom, também.

No terceiro dia de trabalho de Akira, Zane entrou em seu laboratório – um lindo

e brilhante laboratório com um osciloscópio digital, um galvanômetro, um espectrômetro e um computador de última geração, além de outros equipamentos – e disse: — Venha comigo.

— Sabe de uma coisa, sonoluminescência pode ser causada por radiação quântica a vácuo — ela respondeu, sem tirar os olhos dos números em seu monitor. — Porém, a liberação de energia seria muito grande.

— Hum, certo — Zane disse. — Quer me ver trabalhar ou não?

— O quê? — Isso chamou sua atenção e Akira girou sua cadeira – sua cadeira novinha, confortável e ergonomicamente

correta – para olhar na direção dele.

Zane sorriu. — Você queria provas. Tenho um caso no Departamento de Combate às Drogas a apenas uns cinquenta quilômetros daqui. Quer vir?

Os dois se encontraram com uma mulher de aparência estafada em um casaco preto, que não escondia o coldre pendurando em seu ombro. — Sabemos que as drogas chegaram aqui — ela informou. — Mas não conseguimos encontrá-las. Estamos procurando há horas.

A casa não combinava com a imagem que Akira tinha de um antro de tráfico. Tinha no máximo uns dois anos; uma casa

grande e pretenciosa, porém, revestida com estuco, em uma vizinhança que parecia quase abandonada. Um homem hispânico e mal-encarado estava ao lado de um carro de polícia, com as mãos algemadas nas costas. Akira o observou enquanto Zane se aproximou e conversou com o homem por alguns minutos, tocando em seu antebraço com uma tapinha amigável, antes de retornar e falar com a mulher. — Estão procurando na casa errada — ele informou.

— O quê? — Sua surpresa era evidente.

Ele fez um gesto com a cabeça para a terceira casa rua acima. — Consiga um

mandado para aquele lugar — falou.

— Mas sabemos que as drogas chegaram aqui, a essa casa — ela insistiu.

— Então procurem pelo túnel — aconselhou com um chacoalhar de ombros.

Ele e Akira esperaram.

Cerca de uma hora depois, um novo mandado de buscas chegou, mas Zane demorou apenas cinco minutos para encontrar as drogas, juntamente com uma pilha de armas e alguns montes de dinheiro, além da entrada de um túnel que levava diretamente para uma área remota do quintal da primeira casa.

Akira ficou impressionada. E confusa.

A ideia de uma habilidade paranormal que permitia encontrar objetos aleatórios contanto que fossem associados a pessoas não fazia sentido. — Deve ser uma forma de complicação quântica — declarou finalmente ao se aproximarem do estacionamento da General Directions.

— Se você diz que é — seu tom era agradável, mas Akira suspeitava que caçoasse dela.

Cerrou os olhos em sua direção.

— Talvez queira me estudar depois que terminar sua pesquisa com sonolu... sei lá o quê — ele sugeriu com um sorriso.

Akira balançou a cabeça e suspirou,

mas foi obrigada a sorrir.

Aquele foi o começo de uma série de semanas divertidas. Ela, rapidamente, se acomodou em uma rotina. Na maior parte dos dias, lia e pesquisava pela manhã, depois almoçava com Dillon. Mesmo que a General Directions tivesse uma lanchonete, mais parecida com um restaurante, Akira a considerava um tanto quanto assustadora. Ficava geralmente lotada e lugares com muitos estranhos não eram sua praia. Em vez disso, levava seu almoço de casa e encontrava Dillon do lado de fora.

Max havia oferecido outro carro para que Dillon pudesse ficar estacionado em

um local de sua preferência, mas Dillon revelou que preferia variar um pouco e vinha com ela para o trabalho frequentemente. Ele conseguiu aumentar a extensão em que conseguia se afastar do carro, todavia, era necessário muito esforço, sendo assim, preferia ficar no estacionamento em vez de segui-la até o laboratório.

No início, ela encontrou um lugar agradável sob uma árvore perto do carro. O chão arenoso era seco e sentar-se ali significava ficar quase totalmente escondida das pessoas que passavam pelo lugar. Comia seu almoço e conversava com Dillon sobre as pessoas que

conheceu e o trabalho que fazia, enquanto ele falava sobre sua família, sobre a General Directions e Tassamara.

Durante sua segunda semana na General Directions, encontrou Zane em seu lugar preferido, encostado a um mesa de piquenique novinha em folha.

— Dillon está aqui? — Ele perguntou, sem cumprimentá-la.

— Sim — ela respondeu.

— Ótimo — Zane continuou. — Peça que ele lhe conte sobre as lava-pés.

— Lava-pés?

— Isso mesmo.

Akira esperou por mais informações, mas ele pareceu não notar. Girava um

pequeno pacote em sua mão, pensativo.

— Certo, vou perguntar, obrigada — Akira finalmente respondeu, ainda sem saber o que tudo aquilo significava.

Zane a olhou e seus olhos azuis encontraram os dela. Era um belo dia, céu claro, ar fresco e, sob a luz intensa do sol, os olhos de Zane eram mais azuis que o normal. Akira sentiu seu coração acelerar, só um pouco, e seu rosto começou a ruborizar diante daquele olhar fixo.

“Droga, ele é atraente.”

— Você senta no chão para que as pessoas não a vejam? — Ele a indagou, brusco e direto ao ponto.

— Eu, bem... — Akira não sabia o

que dizer, sentindo-se na defensiva. Então, deu de ombros. — Não gosto que as pessoas pensem que falo sozinha. Não quero... — deixou suas palavras emudecerem. Como poderia explicar? Não queria pessoas falando sobre ela. Era mais seguro se ninguém notasse.

— Ninguém em Tassamara irá julgá-la por isso — ele atestou. — Muitas pessoas aqui são...

— A palavra que você procura é lunáticos. — A voz dela era sarcástica, mas ele sorriu.

— Aqui — jogou o pacote em sua direção.

Ela o pegou com facilidade. — O que

é?

— Fones para Bluetooth. Use-os e converse o quanto quiser. As pessoas vão apenas pensar que está falando ao telefone.

E, então, sua rotina mudou. Em vez de se sentar no chão, arriscando um ataque de formigas lava-pés, sentava-se à mesa de piquenique, usando os fones de ouvido e fingindo falar ao telefone quando as pessoas passavam e olhavam-na. Não sabia ao certo qual presente era mais atencioso: a mesa ou os fones.

Desde então, Zane também passou a aparecer para almoçar com ela. Não era sempre, não eram todos os dias. Mas,

ultimamente, ocorria na maioria dos dias. E, se fosse honesta, tinha que admitir que aqueles eram os melhores dias.

— Não achei que fosse ler durante o almoço — Dillon continuou com sua justificativa. — Zane não vem?

— Não sei. — Akira pegou seu telefone e checkou as mensagens. Não havia nada dele. Deveria tentar falar com ele?

“Você vem almoçar?”, digitou rapidamente e pressionou o botão para enviar; seu coração batia um pouco mais rápido. Com Zane ela geralmente trocava mensagens – parecia que era o modo de comunicação preferido dele. Mas

costumava responder às mensagens que ele enviava. Essa foi a primeira vez que precisou iniciar a conversa.

A resposta foi quase instantânea: “Saudades de mim?”

Um pequeno sorriso enfeitou os lábios de Akira enquanto pensava em uma resposta. “Sim”. E era verdade. Era honestidade demais? “Dillon quebrou meu Kindle”, ela enviou.

“Outra vez?”

Aquela era uma resposta óbvia. “Outra vez. Precisamos de você para nos entreter”, ela digitou com cuidado e hesitou com o dedo sobre o botão, sorrindo, mas também mordendo o lábio.

Parece descarado demais? Muito sugestivo? Zane nunca a convidou para sair, nunca foi além da amizade. E era seu chefe, aparentemente.

Não que ele parecesse levar seu papel a sério. Uma vez, exasperada com a falta de estrutura, havia perguntado: — Vai me pagar se apenas ficar sentada o dia todo?

Ele sorriu. — Sim. Mas sei que não vai. Vocês, cientistas, são péssimos em se divertir sozinhos. — Ele estava relaxado em sua cadeira com os pés sobre a escrivaninha, arremessando uma bola fisioterápica no ar e agarrando-a no momento em que caía.

— Eu não sou... — ela começou a

responder, antes de parar e franzir a testa.

— O que você quer dizer com isso?

— Vocês ficam entediados. Ninguém se torna um PhD em física, porque gosta de assistir televisão.

Akira não tinha uma boa resposta, pois era verdade. Amava aquilo com que trabalhava. A liberdade trazia momentos de pânico, manhãs em que um dia inteiro estava começando: sem aulas, sem alunos, sem reuniões. E o que ela faria? Mas encontrou uma série de respostas constantes. Apesar de seu trabalho em sonoluminescência ser um fracasso até o momento, se ocupava redigindo um relatório sobre as falhas e preparando

novos experimentos. E ela tinha tantas ideias para explorar, tantas experiências para fazer, tanto material para ler.

Ainda assim, o papel de Zane como gerente não impedia um relacionamento de outro tipo. Nada sério, claro: Akira não tinha relacionamentos sérios. Nem mesmo quando seus relacionamentos casuais morriam rápido. Era incrível como os caras desapareciam ao descobrir que ela via, ou pensava que via, espíritos.

Mas Zane já conhecia seu segredo. E, ah, ele era tão atraente. Aqueles olhos azuis, o sorriso, os músculos, as mãos delgadas... Realmente gostava daquelas mãos. Já havia passado mais que um ou

dois minutos de muito prazer imaginando ser tocada por elas.

— Está paquerando meu tio?

Akira pressionou o botão de enviar. Então, olhou para Dillon, que cruzou os braços e a olhou carrancudo. — Algum problema com isso? — Ela perguntou. Podia compartilhar sua vida com fantasmas no momento, mas não permitiria que mandassem nela. Poderia ter desistido de enviar aquela mensagem, mas não por causa de uma desaprovação de Dillon.

Ele descruzou os braços. — Acho que não. — Deu de ombros. — Mas, é que... meu tio, meio que... bem, ele já teve muitas namoradas.

Ah, Dillon não a repreendia, estava apenas preocupado. Isso era gentil. Mesmo que fosse um pouco encanado. Ele a havia alertado sobre como dirigia rápido demais, sobre os conservantes em sua comida, sobre as emissões de seu telefone celular.

Akira nunca lhe perguntou sobre sua morte, pois não era um assunto seguro com fantasmas, mas imaginava como um garoto tão cuidadoso acabou sofrendo uma overdose. Talvez fosse mais ousado antes de morrer.

— Obrigada — respondeu e sorriu. — Não se preocupe, não procuro um final feliz. Não vou começar a fantasiar

grandes romances com ele.

Seu telefone vibrou em sua mão. Ela olhou para baixo: “Quem me dera pudesse. Preso em reunião”.

Droga. A ferroadada de decepção que sentiu foi forte demais. “Paquera casual”, lembrou a si mesma. Era tudo que fazia. Nada com que se desapontar.

“Mas preciso ver você. Venha ao meu escritório, às 16h”.

Aquilo soava quase formal.

“Precisa, não quer?”, Akira se perguntou. De repente, aquele pequeno vislumbre de empolgação desapareceu, substituído por ansiedade.

“OK”, ela respondeu. Deveria

perguntar sobre o que se tratava?

“Até lá”. Sua resposta veio rapidamente e soava como um ponto-final. Franzindo a testa, Akira colocou o telefone na bolsa. Ela e Dillon teriam que almoçar sozinhos.

E enquanto ela comia, Dillon a informava sobre as antigas namoradas de Zane.



— NADA.

Às 16h02 Akira estava diante da porta do escritório de Zane, incerta se deveria interromper. Grace estava sentada em um

canto da mesa dele, com as costas para a porta, bloqueando a visão de Zane.

— Tente outra vez — Grace exigiu.

— Grace, nada significa nada — Zane soava resignado e impaciente.

Grace respirou fundo e se levantou, colocando um pedaço de papel, uma fotografia talvez, em uma pasta de arquivo. — Quer que ela venha até aqui ou você vai até lá?

— Nenhuma das opções.

— Lucas aceitou o trabalho, Zane. O que está feito, está feito. Você terá que fazer isso.

— Ou não — Zane resmungou, antes de acrescentar: — Diga a eles, bem, diga

a eles que é improvável que eu possa ajudar. Se ainda quiserem que eu vá, vou até lá amanhã. E diga a Lucas que seu próximo trabalho será na Antártida.

Grace estendeu a mão e bagunçou o cabelo do seu irmão, dizendo com um sorriso: — Lucas adoraria visitar a Antártida, querido. Terá que fazer melhor que isso.

Zane se afastou dela. — Odeio trabalhos como este, Grace. Diga a Lucas... ah, oi, Akira! — Seu movimento foi o suficiente que a visse. Akira deu um sorriso hesitante.

Grace olhou sobre o ombro, notou Akira e imediatamente se virou e foi até a

porta. — Informo você mais tarde, porém, sabe muito bem que vão querer que vá. Oi, Akira!

Akira abaixou o queixo, respondendo ao cumprimento de Grace, entretanto, sentia-se desconfortável por interrompê-los. — Se estão ocupados, posso voltar depois — propôs.

Ficou surpresa quando descobriu que Grace era irmã de Zane: a loira não se parecia em nada com seus irmãos. Ficou ainda mais surpresa ao descobrir que a mulher que julgou ser a recepcionista em seu primeiro dia era, na verdade, a principal executiva do negócio, responsável por gerenciar as operações

desde a aposentaria de Max. Max ainda estava envolvido, como presidente da Comissão de Diretores, mas Zane e Smithson – líderes dos departamentos de Assuntos Especiais e Pesquisa, respectivamente – reportavam à Grace. Dillon conjecturou que, às vezes, ela sentava na recepção porque foi ali que começou e ainda gostava do trabalho.

— Não estamos ocupados — Zane parecia sério, mas Grace também balançou a cabeça.

Ao chegar à porta, Grace disse baixinho para que apenas Akira pudesse ouvir: — Tente animá-lo, se puder. Amanhã será um dia difícil.

Akira a olhou rapidamente. O que aquilo significava? O que Grace esperava? Mas a loira apenas apertou seu braço ao passar e saiu da sala. Akira entrou no escritório de Zane. Ele esfregava a testa, com a aparência cansada.

— Hum, ainda quer me ver? — Perguntou. Será deveria estar ali? Independente das ordens de Grace para animá-lo, ele não parecia querer companhia.

Zane ergueu os olhos e sorriu, mas foi forçado. — Eu... ah! — Foi como se a ficha tivesse caído e seus lábios se transformaram em um sorriso maroto. —

Sim, quero ver você. — Ele acenou com a mão em direção ao espaço atrás dela. —
Dá uma olhada.

Akira olhou. A primeira vez que visitou a sala de jogos, a qual Zane chamava de escritório, Akira gargalhou alto, pois o local fazia muito mais sentido que a sala estéril que ele usou para entrevistá-la.

No quarto andar, era um cômodo amplo, em forma de L, que parecia projetado para ser uma sala de conferências ou — se o lugar fora construído para ser uma escola particular, como ela suspeitava — uma combinação entre sala de aula e laboratório. Zane,

contudo, havia transformado uma perna do L em um uma sala de jogos, com cinco videogames antigos, uma mesa de pebolim e uma mesa de hóquei de ar. A segunda perna do L era uma pequena sala de estar, com um sofá confortável, duas poltronas, uma televisão de tela plana enorme em uma das paredes e mais consoles de videogames do que ela conhecia. Apenas o canto do L lembrava um escritório, com uma escrivaninha, cadeiras, materiais de escritório e até armários de arquivo.

Agora, na sala de jogos, as mesas de pebolim e de hóquei de ar foram substituídas por uma mesa de sinuca. E não uma mesa de sinuca qualquer – uma

de verdade, com pernas esculpidas, acabamento em mogno, feltro verde macio: o tipo de mesa de sinuca que custa milhares de dólares. Seus olhos se arregalaram.

— Uma mesa de sinuca? — Perguntou. — É por isso que queria me ver?

— Isso mesmo. — Uma expressão levemente culpada passou pelo rosto de Zane. — Acho que poderia ter esperado até a próxima semana, em nosso horário de costume.

Zane se encontrava com todos os empregados da divisão de Assuntos Especiais individualmente, uma vez por

semana, para designar tarefas, se atualizar com relação ao progresso das atividades atuais, discutir problemas, entre outras coisas. Oficialmente, pelo menos. Com base em suas próprias reuniões com ele, Akira pensava que Zane, provavelmente, passasse muito tempo jogando pebolim ou Halo.

— Mas o que aconteceu com o pebolim? Pensei que você amasse pebolim.

— Decidi que era hora de mudar — ele respondeu, antes de se levantar e deixar a mesa. Parou ao lado dela, seus ombros quase se tocando, e ela ergueu os olhos para vê-lo. Ele admirava a mesa,

seu sorriso ainda brincando em sua boca, porém, ele olhou para baixo, para ela, como se sentisse seu olhar e torceu os lábios. — E você disse que jogava sinuca.

— Eu disse? — Ela questionou. — Quando eu disse isso?

Toda vez que se reuniam, ele tentava convencê-la a jogar alguma coisa: primeiro, foi pebolim, depois, outro videogame. E, sempre, ela recusava. Tentava manter o profissionalismo em suas reuniões. Recentemente, contudo, ao passo que seu relacionamento ultrapassava os limites e se tornava pessoal de qualquer maneira, ficava mais difícil resistir. Em sua última reunião,

gargalhava ao dizer não para uma partida de boliche no Kinect.

— Foi quando você ficou toda ofendida por causa da Sra. Pac-Man.

Akira tentou se lembrar. Aquilo ocorrera há semanas. — Ofendida? Só por que eu disse ser machismo presumir que eu gostaria mais da Sra. Pac-Man do que de Halo? — Suas palavras podiam soar como um desafio, mas ele pôde ouvir o riso em sua voz.

— Grace gosta mais da Sra. Pac-Man, Nat também. Não foi machismo, apenas uma generalização baseada em minha experiência — ele se defendeu suavemente. — E se você recorda, você

disse...

— Eu disse que garotas podem gostar da Sra. Pac-Man, mas que físicos gostam de sinuca — Akira interrompeu, juntando-se a ele ao lado dos tacos e estudando suas opções antes de escolher um que parecia ser adequado. Ela o pegou com cuidado, verificando o peso e a pegada antes de devolvê-lo ao suporte e escolher outro. — Eu me lembro.

— Isso significa que vai jogar sinuca comigo?

— Ah, sim — Akira confirmou, com ciclos abaixados, cobrindo seus olhos. — Bola 8? Cantando a jogada. Tacada contínua.

Sim, ela definitivamente jogaria com ele. E não apenas sinuca. O fervor correndo por suas veias dizia que sua tendência impulsiva – a mesma que a trouxe para Tassamara, para começar – acabou de tomar uma decisão.

A única dúvida restante era o quão direta seria para colocar sua decisão em prática. E concluiu que a resposta era muito direta. Animá-lo? Claro, ela podia fazer isso.

Zane ainda não sabia, mas sua paquera casual acabava de ser promovida.



ZANE ESTAVA MAIS feliz por encontrar um jogo que Akira gostasse antes dela destruí-lo em seis partidas consecutivas.

— Melhor de, hum, treze? — Ele sugeriu, encontrando-se na mesa com um suspiro. Ela riu. Akira havia removido seu casaco há algum tempo, revelando uma regata preta, e ele queria justificar suas derrotas culpando a distração que aqueles cachos escuros roçando aqueles ombros quase nus causavam, mas, quando o assunto era sinuca, ela era muito superior. Até mesmo deixou que ele começasse uma vez, mas isso não fez diferença. — Ou talvez um pouco de Halo?

— Está pronto para começar a atirar em mim? — Ela indagou, com um meio sorriso curvando seus lábios enquanto terminava de preparar as bolas.

— Apenas no mundo virtual — ele resmungou. Na verdade, atirar nela não seria sua primeira escolha. Durante a última hora, observou o modo como ela se movia ao redor da mesa: a concentração em sua expressão, a graciosidade com que segurava o taco e, ah, caramba, a curva de suas nádegas quando ela se inclinava para dar uma tacada, além da sombra no decote de sua camisa... Ele queria mesmo era tocá-la. Senti-la. Sentá-la sobre a beirada da mesa e capturar seus lábios; sentir

aquelas pernas ao seu redor, puxando-o para mais perto.

Mas sabia que não podia apressá-la. Ela era cautelosa e desconfiada e, apesar de conseguir manter Max longe dela, ao se recusar permitir que pressioná-la a se comunicar com sua esposa, Zane ainda tinha dúvidas de que ela não fugiria um dia.

— Físicos devem ser bons em Halo também — ele destacou. — Sinuca não é o único jogo onde ângulos são importantes.

— Ah, sinuca certamente não é o único jogo em que físicos se destacam — Akira respondeu, colocando seu taco de

volta ao suporte.

— Ah, é? De que outros jogos físicos gostam? — Ele a observava, mais atento às suas pernas que às suas palavras, tentando imaginar como seriam sob suas calças, como se sentiria se pudesse tocá-las.

— Sexo.

Ele piscou, seu olhar imediatamente buscando o rosto dela. Ela realmente disse aquilo?

— Químicos pensam que tudo tem a ver com química — ela continuou. Seguindo em sua direção, ela pegou o taco que ele segurava e guardou-o no suporte, depois voltou até ele, enquanto falava.

Suas palavras eram casuais, coloquiais, no entanto, havia um indício de falta de ar em sua voz que lhe dizia que eram mais que teoria.

— Hormônios e feromônios. Alguns peptídeos, um pouco de oxitocina, vasopressina e isso é tudo. Mas o que eles sabem? Na verdade, sexo é física.

Ela estava à sua frente e, olhando-o fixamente, seja o que for que viu em seu rosto era o que queria ver, pois ela pegou sua mão e, com um pequeno sorriso, o levou até o outro lado da sala.

Ele seguiu, dizendo com a voz rouca: — Não sei. A química parece funcionar muito bem comigo. — Seus jeans ficaram

abruptamente apertados quando ela o empurrou sobre o sofá de couro marrom.

— É porque não começamos a brincar com a física ainda. — Ela foi até a porta do escritório, trancou-a e se virou de frente para ele. — Você não tem nenhuma objeção profissional em brincar desse jogo em seu escritório, tem?

A travessura em seu sorriso revelou que ela sabia exatamente como aquilo era improvável. — Nenhuma — ele garantiu.

— Ah, mas... — ela pausou e mordeu o lábio.

“Não, não, não”, ele pensou fervorosamente. “Não mude de ideia”. A atração que sentiu no dia em que se

conheceram havia aumentado nas últimas semanas: algo naquela combinação de fragilidade e determinação, em seu pavor insistente o agarrou como ninguém conseguiu antes. Ele queria provocá-la, protegê-la, fazer amor com ela – às vezes, tudo ao mesmo tempo.

— Não vim preparada para, como direi, este tipo de jogo — ela continuou. — Você está... você... você teria...? — Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e tombou a cabeça para um lado, fitando-o como se esperasse que ele lesse sua mente; suas faces ficaram levemente rosadas. — Meu jogo exige equipamento de proteção.

“Ah, diabos!” Zane tentou se lembrar se alguma vez teve motivos para trazer camisinhas para o trabalho e, então, se deu conta de que poderia haver alguma no kit de viagens que guardava para emergências. Levantou e foi até sua mesa, abriu a última gaveta, encontrou sua bolsa e remexeu dentro dela, o tempo todo ciente dos olhos dela fixos nele e de seu coração batendo rápido. Ah, finalmente.

Erguendo o pacote, perguntou: — É isso que você procura?

Ela sorriu com modéstia e ele segurou o pacotinho com mais força ao sentir seu corpo responder com uma sobrecarga de libido. — Exatamente.

Akira fez um gesto com a cabeça em direção ao sofá e ele a encontrou na frente do móvel, deixando a camisinha cair sobre a mesa de canto quando ela colocou uma mão delicada sobre seu peito. — Então, o que há de errado com a química? — Ele perguntou em um sussurro, inclinando a cabeça na direção de Akira, com a intenção de beijá-la, até que ela colocou um dedo sobre seus lábios.

— Nada — ela respondeu. — Mas a física é melhor.

Ele deixou que ela resistisse, esperando para ver até onde iria.

— Veja, a física consiste no toque e no movimento — ela afirmou, sem olhar

para seu rosto. Correu as mãos sobre sua camisa e, depois, cuidadosa e lentamente, abriu um botão de cada vez e começou a acariciar, traçando desenhos em seu peito, circulando os dedos delicadamente ao redor de seus mamilos e seguindo para baixo, e mais baixo, antes de voltar para cima. Ela o fitou com um brilho de humor nos olhos e Zane percebeu que Akira sabia exatamente o que fazia. — Poderia contar tudo sobre seu sistema sensorial, o modo como seus neurônios transmitem impulsos elétricos, os íons que atravessam as paredes celulares, mas vamos nos concentrar no atrito por enquanto.

— Atrito, é? — Ele removeu a camisa, deixando-a cair no chão atrás dele, e colocou as mãos na cintura de Akira, puxando-a para mais perto, de modo que pudesse sentir suas curvas suaves. Ela agitou-se contra ele e Zane fechou os olhos, tentando resistir à necessidade de ir mais rápido. Muito, muito mais rápido. Mas respirou fundo, escorregou as mãos sob a regata dela, tocando o calor de sua pele nua enquanto ela continuava.

— Atrito — ela disse, movendo as mãos sobre o peito de Zane — é a força que resiste ao movimento de duas superfícies, uma contra a outra. Muito

atrito é ruim, claro, mas a quantidade certa...

Suas mãos continuavam a acariciá-lo, deslizando até suas costas e descendo sobre seus jeans, e para cima outra vez, puxando sua cabeça de encontro à dela.

Ele seguiu seu comando, se abaixando e permitindo que ela cobrisse sua boca com a dela, deixando seus lábios se abrirem sob sua língua até que não pôde mais resistir e começou a explorar, acariciando seus lábios suaves com sua boca até tombar a cabeça. Akira permitiu que ele mordiscasse e beijasse, um caminho ao longo de seu queixo, descendo pela linha firme de seu pescoço.

— Com a quantidade adequada de atrito, — ela continuou, sem fôlego — a energia cinética é convertida em calor.

— Ah, sim, isso definitivamente está ocorrendo aqui — Zane murmurou contra a sua pele.

— Mmm — foi sua resposta, antes de dar um passo para trás. Ele a deixou ir com relutância, mas ela sorriu, estendendo a mão até a base de sua regata e puxando-a sobre sua cabeça. Ele fechou os olhos, quase sentindo dor diante da visão de sua lingerie de renda preta e suas curvas suaves, mas ela já estava movendo um braço até as costas, desabotoando o sutiã e deixando-o cair ao chão.

Ela enganchou um dedo na cintura do jeans de Zane e o puxou em sua direção. — Posso?

— Ah, por favor.

Ela riu e desfez o primeiro botão, então hesitou: — Talvez devêssemos seguir em frente?

— Para? — Ele buscou a fivela das calças de Akira, desabotoou-a e puxou para baixo de sua cintura, deixando a peça de roupa cair ao chão. Ela pisou fora delas e as chutou para um canto, então, ficou parada ali, com os olhos sonhadores e pensativos, vestida apenas com uma calcinha de seda preta e renda, além de sapatos pretos de salto. Sua pele era

pálida e adorável, seus cachos negros caíam ao redor de seus ombros; suas pupilas estavam escuras e dilatadas e seguir em frente parecia um bom plano em sua opinião. Ele queria mergulhar dentro dela, senti-la ao seu redor, e, cada momento que precisava esperar, era uma tortura interminável.

— Oscilação é sempre interessante — ela murmurou, ainda imóvel. — Você sabe o que é oscilação, certo?

— Movimento? — Ele usou a ponta dos pés para remover seus sapatos sem precisar se curvar, depois os empurrou para debaixo do sofá com os pés antes de mover suas mãos sobre as dela para

ajudá-la com seus próprios botões.

— Não apenas movimento. Uma variação repetitiva ao redor de um ponto. No momento em que deixava seu jeans cair, a mão de Akira se fechou ao redor de membro viril. Ele estendeu a mão em sua direção e ela acrescentou: — Aposto que pode encontrar um bom lugar onde oscilar.

— Meu Deus — ele gemeu, capturando sua boca; suas mãos se emaranhavam nos cabelos dela enquanto a beijava, com intensidade, profundidade, voracidade e vitalidade, ciente das mãos dela ao redor de seu membro rígido e o calor de suas curvas tão próximas dele.

— Nunca imaginei que física fosse tão fascinante.

Ela riu e desabou sobre o sofá, levando-o consigo. Ele explorou seu corpo, tocando-o e saboreando-o, até que a oscilação se tornou irresistível e ele pegou uma camisinha.

Hesitou, lutando para se controlar. — Minhas aulas de ciências nunca foram assim.

— Devo contar a você sobre frequências ressonantes? — Ela sussurrou, deslizando as mãos por suas costas enquanto ele a penetrava.

— Não deve ser melhor que oscilação — ele respondeu, começando a se mover.

Ela era incrível, tão quente e macia, e ele queria que durasse para sempre. Mas também queria se mover cada vez mais rápido e senti-la se movendo com ele.

— Ah, mas são... — ela assegurou sem fôlego, arqueando seu corpo sobre o dele. — Sistemas físicos possuem frequências. — Ela terminou com um gemido quando ele correu as mãos por seu corpo, envolvendo seus seios e afagando seu mamilo firme.

— Hum — ele murmurou.

— Frequências em que vibram. Consiga a frequência correta... a frequência ressonante... e um distúrbio na amplitude... reforça a energia depositada

no sistema.

Ele não tinha ideia do que ela falava. Ideia nenhuma. Mas adorou sua voz ofegante, a rouquidão, e o modo que seu corpo respondia ao dele. Ele se moveu mais rápido e sentiu como estava perto, mas desejando fazer durar, além de almejar que ela chegasse com ele.

— Frequências ressonantes criam música. Estilhaçam vidro. Fazem pontes desabarem. E... Oooh! — Ele podia senti-la se contrair ao redor dele e foi o suficiente, foi demais, e ele perdeu o controle, explodindo dentro dela.

— É, isso também — ela murmurou.

CAPÍTULO NOVE



O êxtase pós-orgasmo durou dois ou três minutos – nada mal para Akira. A ansiedade pós-sexo começou logo em seguida.

Droga. Ela transou com seu chefe. E

não apenas transou com ele, mas o seduziu. Diabos, nem mesmo obrigou-o a pagar um jantar antes. E a regra do terceiro encontro? Dilacerada.

Mas ele havia comprado uma mesa de sinuca para ela, lembrou-se. Ah, não como um presente, claro, porém sabia que aquela mesa de sinuca estava ali para que pudesse jogar com ela. Um pequeno sorriso chegou de mansinho e ela virou o rosto, deixando seus lábios tocarem os ombros nus dele. O braço dele a envolveu mais apertado.

Ainda estavam deitados sobre o sofá, emaranhados. Zane havia se levantado para logo retornar, mudando sua posição

de modo que ela ficou quase sobre ele, presa e segura de um lado do sofá, com suas costas pressionadas contra o encosto.

— E então — Zane murmurou. — Como ficou tão boa em sinuca?

Sinuca? Era nisso que estava interessado? Bem, era em que pensava também. — Prática, prática, prática e...

— Deixe-me adivinhar: mais prática.

— Tínhamos uma mesa de sinuca em casa. Meu pai e eu jogávamos muito. Todos os dias até ele ficar muito doente.

Zane correu a mão por suas costas, um gesto que parecia solidário, não sexual, contudo, antes que pudesse dizer alguma coisa, seu telefone tocou. Houve uma

pausa mútua, uma hesitação nascida da incerteza. Deixariam a interrupção por um fim naquele momento? Akira se mexeu, saindo de cima de Zane e se afastando para que ele pudesse se levantar. Com um suspiro resignado, ele ergueu as pernas do sofá e procurou seu jeans. Enquanto ele pegava o telefone, Akira reuniu suas roupas e, rapidamente, começou a se vestir.

— Droga — ele resmungou ao ler a mensagem de texto.

— Más notícias?

— Pode-se dizer que sim — ele concordou, sem tirar os olhos do telefone, digitando a resposta com apenas uma mão.

Akira vestiu sua regata e procurou seu casaco. Onde havia deixado? Ah, certo, do outro lado da sala, sobre o fliperama Asteroids. Ela o pegou, mas não vestiu, segurando-o enquanto retornava para o sofá. — Bem, vou deixá-lo trabalhar, acho.

— Não, não, não — Zane discordou, rapidamente se aproximando dela.

— Não? — Akira fez a pergunta levianamente, sorrindo e lutando para não deixar o alívio que sentia ao ouvir suas palavras transparecerem. Navegar o território da paquera, sexo casual, amigos coloridos ou algo mais era tão difícil. Não era porque tinha expectativas: agiu

por impulso e, se não passasse de uma noite divertida, bem, ainda foi divertido. No entanto, era bom saber que ele não queria que ela partisse. Talvez mais que bom.

— Não — ele frisou outra vez. Zane não havia se vestido ainda, mas não parecia incomodado com sua nudez ao pegar a mão de Akira e puxá-la para mais perto, colocando a mesma mão em seus lábios e pressionando-os contra seus dedos, antes de soltá-la e envolver o pescoço dela. Akira se deixou pender em sua direção, sentindo aquele calor líquido começar outra vez, o latejar da atração correndo por suas veias. Inclinando-se de

modo que seus lábios ficaram a poucos centímetros da boca de Akira, ele acrescentou: — Uma boa professora nunca deixa seus alunos com dúvidas.

— Com dúvidas? — Akira perguntou ofegante, com seus olhos fixos na boca dele.

— Sou um péssimo aluno de física — ele confessou. — Fiquei perdido em amplitudes.

— Ah, não sei — ela disse, se erguendo para capturar seus lábios. Akira deixou o beijo durar, longo e lento, profundo, antes de se afastar e ofegar: — Acho que você tem um talento natural.

— Hum, Akira?

Os olhos de Akira se arregalaram e ela se afastou de Zane. — Dillon? O que você está fazendo aqui?

— Não olhando — Dillon respondeu com a voz seca e Zane ergueu as sobrancelhas. Akira confirmou com a cabeça, dizendo a Zane que, sim, seu sobrinho-fantasma de 15 anos estava na sala.

Ficou grata por estar vestida – e por Dillon não aparecer dez minutos antes – enquanto Zane, sem pressa, pegou sua cueca e seu jeans, e começou a se vestir. — Excelente hora, Dill — disse devagar. — Não sabia que podia chegar até meu escritório.

— É preciso um pouco de esforço — Dillon confessou. — E não é confortável. Sinto-me como um caramelo sendo esticado. Mas é tarde.

— O que ele disse? — Zane perguntou, vestindo a camisa.

Akira balançou a cabeça, evitando dar explicações. — Jogamos sinuca por um tempo e está tarde. Devo ir.

— Leve Dillon para casa — Zane sugeriu. — Pego você mais tarde e podemos sair para jantar. Com meu carro. E, então, descobriremos onde podemos continuar com nossa aula de física sem interrupções. Voltei a morar com meu pai e com Grace depois que minha mãe

morreu, portanto, como você se sentiria com... Ah, imaginei que não — concluiu, notando que ela negava com a cabeça antes mesmo que terminasse de formular a pergunta. Nem pensar em dormir com ele na mesma casa que a Diretora Executiva e o presidente da Comissão de Diretores da empresa em que trabalha moram. Talvez fossem parentes dele, mas assinavam o pagamento dela. — Sua casa?

Akira pensou por um instante. Ainda sentia uma prazerosa sensação de desejo em suas veias. E queria passar mais tempo com Zane. Além disso, se começasse a deixar que seus inquilinos espectrais limitassem suas atividades,

onde iria parar? Ela consentiu com a cabeça. — Preciso ter uma pequena conversa com meus... colegas de quarto primeiro, sobre limites e privacidade.

— Ei, não posso exatamente bater antes de entrar, sabe — Dillon disse enquanto Zane sorria. — Fiquei preocupado. Ainda estou preocupado — ele acrescentou enfaticamente.

Akira lançou um olhar exasperado em sua direção. Já haviam discutido isso durante o almoço. Dillon acreditava que seu tio partiria o coração de Akira. E, mesmo que não tenha dito nada, Dillon estava preocupado com as consequências para si próprio se isso acontecesse. Mas

Akira não tinha medo. Seu coração era forte, suas defesas impenetráveis. Depois de uma vida inteira de segredos e alguns relacionamentos fracassados, sabia que não deveria contar com outras pessoas. Mesmo pessoas que compravam mesas de sinuca para que pudessem jogar com ela. — Estou bem — ela disse a Dillon.

— Ando assistindo muita televisão — Dillon respondeu. — Essas coisas não acabam bem.

— O que você e Rose andam assistindo? — Akira perguntou. — Novelas?

— É um programa sobre donas de casa. Pessoas morrem o tempo todo. E

relacionamentos acabam mal.

Akira sorriu para ele. Ela e Zane estavam apenas se divertindo um pouco: não haveria nada de “desesperado” nisso.



— Ei, quer ir à Carolina do Norte comigo?

Zane acordou disposto. Podia perceber pelo tom de sua voz, todo contente e desperto apesar do pouco sono que tiveram. Droga. Pessoas que acordavam cedo, blah. Abriu um olho relutante e espiou o relógio: 7h47.

— Por que você está acordado? —

Ela resmungou, terminando com um bocejo que escondeu no travesseiro.

— Porque é de manhã? — Ele ironizou em resposta, antes de puxar uma mecha do cabelo negro dela. — Vamos, vamos para a Carolina do Norte comigo.

Ela rolou na cama, ficou de costas, se alongou com os braços acima da cabeça, as costas arqueando e, então, serpenteou na cama um pouco mais sob os lençóis leves que a cobriam. Hum. Mesmo semiacordada, podia ver a reação dele ao seu movimento, o modo como seus olhos escureceram, suas pálpebras semicerradas. — Ou você poderia voltar para a cama — ela sugeriu com sua voz

rouca por causa do sono.

— O corpo está muito, muito a fim — ele disse, deslizando uma mão sobre a barriga dela e se inclinando para beijá-la. — Mas a mente está presa à responsabilidade — acrescentou ao se sentar novamente, torcendo o lábio.

— Na Carolina do Norte? — Akira perguntou, tentando se sentar com o lençol seguro sobre seu corpo.

— É, Lucas... — Zane balançou a cabeça, aparentemente relutante para entrar em detalhes, porém sério. — Ele aceitou um trabalho em meu nome.

— Um trabalho? — Akira ficou surpresa. Zane podia jogar muito pebolim

no trabalho, mas tinha a impressão de que ele era responsável por coordenar tarefas para as pessoas cujo trabalho envolvia... peculiaridades. Não era ele quem dava tarefas a Lucas? — Esses papéis não estão invertidos?

Zane suspirou. — Estão, mas o único motivo para Lucas trabalhar para mim em vez do contrário é que ele não fica muito em casa. Não é do tipo que trabalha em escritórios.

Akira engoliu o riso, mas Zane obviamente percebeu, pois sorriu para ela e correu um dedo ao longo de sua face, antes de dizer: — Ele não sabe o que está perdendo.

— Pensei apenas em como seu escritório não é muito convencional — ela se defendeu. Não havia refletido sobre o que fizeram em seu escritório, mas Zane não parecia estabelecer uma divisão entre trabalho e diversão, como a maioria das pessoas fazia.

— É, bem, Lucas gosta da estrada. Muito do trabalho que fazemos chega por meio de seus contatos. Seja quem for que pediu por mim nesse trabalho sabia que eu diria não. Alguém está pedindo a retribuição de um favor. — Zane se levantou com um suspiro. Akira se deu conta de que ele já estava de banho tomado e quase pronto.

“Isso soa estranho”, pensou. Favores?
Eram da Máfia?

— Não sabe para quem vai trabalhar?

— Perguntou. Sentia uma sensação incômoda de dúvida e curiosidade, uma combinação de incerteza sobre quem Zane era e o que ele fazia, além de vontade de saber mais.

— Parece mais empolgante do que realmente é. — Zane procurava por sua camiseta. — Deve ser alguém do FBI.

— FBI? — Melhor que a máfia, mas não menos empolgante.

— Isso. — Zane vestiu a camiseta. — E então? Quer ir comigo?

— Alguém vai tentar atirar em você?

— Akira perguntou, sem saber o que faria se a resposta fosse sim. Lembrou-se de como Grace havia dito, no dia anterior, sobre aquele ser um dia difícil.

— Quem dera — Zane respondeu, quase para si mesmo. — Seria mais divertido.

As sobrancelhas de Akira arquearam. Grace havia sido compreensiva? O que havia de errado nessa tarefa de Zane? O que exatamente ele faria? Não queria dizer nada, mas ele a olhou e deve ter visto as perguntas estampadas em seu rosto, pois tentou sorrir. — É uma tarefa simples. Vou até lá com avião da empresa, encontro Lucas no aeroporto, seguro a

mão de uma pessoa por cinco minutos, digo que não posso encontrar quem ela procura e volto para casa. Nada de mais, na verdade.

Ele se sentou na beirada da cama outra vez. Ela também estava sentada, com o lençol ao redor do seu corpo, uma mão sob o queixo enquanto ele movia o cabelo que caíra sobre seus ombros. — Então, não vai?

— Você está brincando? — Akira sorriu para ele. Ela não compreendia o que estava acontecendo. Certamente lhe faltava alguma informação. Mas queria descobrir o que era e havia um jeito fácil para isso. — Perder uma chance de passar

o dia nas nuvens em uma lata velha que
balança como um carro alegórico? — Ela
se inclinou e plantou um beijo em seus
lábios. — Tenho tempo para tomar um
banho?



O PILOTO FOI UMA SURPRESA. Era o
motorista do guincho que levou o Taurus
depois de seu acidente, várias semanas
atrás.

— Você pilota aviões e dirige
guinchos? — Akira olhou para Zane
confusa, no entanto, ele estava ocupado
preenchendo formulários na pequena

recepção do aeroporto.

Dave sorriu para ela. — Quem sabe dirigir carroça, dirige qualquer coisa — ele garantiu.

Era por isso que ele pareceu familiar antes, ela percebeu: foi o piloto que a trouxe para Tassamara em sua primeira visita. Ele usava um boné de beisebol e óculos de sol, e ela estava tão nervosa que, no início, mal reconheceu seu rosto.

— Dave costumava pilotar o ônibus espacial — Zane declarou. — Um aviãozinho como esse não é nada para ele.

Zane estava brincando? Akira olhou para Dave e ele chacoalhou os ombros. — Não há muitos empregos na NASA no

momento.

Akira não tinha certeza se era tranquilizador ou não saber que Dave já tinha pilotado no espaço, mas não disse nada quando ele passou o controle para Zane, que pilotou o avião durante a maior parte do percurso até a Carolina do Norte. De seu assento atrás do piloto, ela podia ver as mãos de Zane nos controles. Entre o som suave dos motores, a falta de sono e o voo tranquilo em um céu azul, passou grande parte da viagem em um devaneio agradável, meio sonolenta, pensando em como aquelas mãos tocaram-na e a sensação delas em sua pele.

No aeroporto, contudo, não havia

sinal de Lucas, apenas um carro e um motorista.

— Ah, diabos — Zane reclamou. — Vou matar Lucas.

Ele atravessou a pista e foi em direção ao carro enquanto Akira e Dave seguiam-no.

— E aí — Dave disse com uma voz casual observando Zane se afastar. — Fantasmas, é?

Akira o olhou com uma carranca. Semanas se passaram desde o primeiro encontro deles: por que ele ainda pensava em fantasmas?

— Você deveria ir com ele. — Dave não olhava em sua direção e seu tom não

era revelador.

— Por quê? — Akira perguntou desconfiada.

— Devo ficar com o avião e ele precisa de companhia.

Akira franziu a testa ainda mais. Aquilo tinha alguma relação com fantasmas?

O piloto a fitou e sorriu, um movimento dos lábios que não chegou aos seus olhos. — Você pode ajudar.

— Como? — Akira perguntou.

— Grace me disse, quando telefonou para agendar o voo, que é um caso de criança desaparecida. Se o menino estivesse vivo, Zane já saberia onde ele

está.

Ah, diabos. Zane a levou até ali pensando que ela falaria com um fantasma por ele? A pontada de dor foi quase física; a traição tinha um sabor amargo em sua boca. Mas olhou para Zane, inclinado e conversando com o motorista do carro e mordeu o lábio.

Iria com ele. Veria o que realmente estava acontecendo. E se ele pretendesse manipulá-la... bem, lidaria com isso quando tivesse certeza de que era verdade.



A VIAGEM de carro foi silenciosa.

Akira ficou quieta e olhava pela janela sem notar a paisagem, tentando se lembrar de cada tom, cada nuance dos diálogos que a trouxeram até ali. Zane não havia mencionado fantasmas. Nem crianças desaparecidas, para falar a verdade. Mas também não tentou convencê-la a vir. Nenhuma promessa de diversão e agitação, nenhuma palavra que acionou seu charme.

No entanto, ele mentiu para ela? Sabia que Lucas não iria encontrá-los? Acreditava que não, mas não tinha certeza.

Respirou fundo.

Zane digitava uma mensagem de texto e colocou uma mão sobre a dela, em seu colo, e a apertou antes voltar para seu smartphone. — Desculpe-me por isso — ele disse, sem voltar sua atenção para ela. — Lucas diz que as circunstâncias mudaram, mas não me passa muitas informações. Ainda não sei o que aconteceu.

Akira olhou para o telefone dele. Não seria mais fácil telefonar e falar com Lucas? Enviava mensagens para que ela não pudesse ouvir o que tinha a dizer? Estudou seu rosto, seu perfil voltado para ela, tentando conciliar teorias paranoicas com o homem que pensou conhecer.

Não conseguiu.

Gostava dele, de verdade, e vê-lo como mentiroso e manipulador não fazia sentido. Os avisos de Dillon sobre seu tio eram sobre suas namoradas, relacionamentos casuais, uma falta de compromisso associada à atitude alegre diante da vida; não sobre mentiras. Estava pronta para levar o bolo quando um jogo de beisebol fosse prioridade, mas não para ser enganada com segundas intenções. Não, ele simplesmente não parecia o tipo de cara com segundas intenções.

O telefone dele vibrou. — Ah, diabos — praguejou ao ler a mensagem. Ele

lançou rapidamente um olhar em sua direção, como se quisesse verificar se ela lia a mensagem sobre seu ombro e fez uma careta quando viu que ela o observava. — Não vai gostar disso.

Ela ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada. Podia sentir a tensão em seus ombros. Ele iria perguntar alguma coisa sobre fantasmas?

Ele a fitou preocupado, com os olhos apertados. — Este é um caso de custódia: o pai pegou o filho e desapareceu. Acontece o tempo todo e a maioria das crianças volta para casa em poucos dias. Contudo, esse pai desapareceu, literalmente. Ninguém o viu, nem seu

carro, ou alguma coisa. Não usou nenhum de seus cartões de crédito ou sacou dinheiro de qualquer banco. Na melhor das hipóteses, ele passou muito tempo planejando isso.

— E na pior? — Akira perguntou mesmo já sabendo a resposta.

— É nisso que os agentes federais acreditam agora — Zane suspirou.

— Você me trouxe à cena de um crime de assassinato e suicídio? — Akira não conseguiu conter o tom de acusação e, talvez, de dor. Ele deveria saber o que aquilo significava. Não conversaram muito sobre fantasmas. Ah, sim, ele fez algumas perguntas durante as últimas

semanas, mas principalmente sobre Dillon. Parecia respeitar sua vontade de não discutir o que ela via. Mas ainda que Akira soubesse que muita coisa sobre as histórias de fantasmas era falsa, Zane deveria suspeitar que um assassinato-suicídio, provavelmente, deixaria energia para trás.

Zane arregalou os olhos. — Não — ele protestou. — Certamente que não! Vamos para a casa da mãe e não é possível que alguém tenha morrido lá.

Droga. Talvez devessem ter algumas discussões sobre fantasmas. Nem sempre ficavam presos ao lugar onde morriam. Alguns sim, mas não todos.

— Não — Zane continuou. — O problema é que... o negócio é... veja, o que acontece é que...

O carro desacelerou abruptamente e Akira, olhando sobre o ombro de Zane, viu o porquê. — A mídia descobriu? — Indagou. — E deixe-me adivinhar: o garoto é bonitinho?

Seguindo seu olhar, ele notou o que ela via. Carros. Muitos carros. E vans. daquelas com antenas parabólicas no teto. Luzes piscando nos carros de polícia, pessoas se aglomerando ao redor, repórteres direcionando câmeras, uma multidão de vizinhos e, atrás de tudo aquilo, uma passarela que levava à uma

casa suburbana, elegante e palladiana, com uma placa torta espetada na grama do jardim: “Vende-se”.

— Sinto muito — Zane balbuciou. — Se Lucas tivesse mencionado, não teria pedido que viesse.

— Espero no carro — Akira disse, olhando para a casa atrás da multidão. Era definitivamente assombrada. Podia ver o tremular de energia, quase como uma mudança na cor do ar próximo à porta da frente. Não era apenas um fantasma, era um fantasma recente e com muito poder. Talvez um espírito desesperado. Isso tornava a situação perigosa para ela.

— Lamento, senhorita — o motorista,

no banco da frente, ouviu sua conversa. — Devo apenas deixá-los aqui. O outro Sr. Latimer irá levá-los de volta ao aeroporto. Preciso voltar ao trabalho.

— Não pode levá-la ao aeroporto primeiro? — Zane indagou.

— Não é possível, sinto muito — as palavras do motorista eram firmes.

Zane olhou para Akira. — Quer esperar do lado de fora? Posso encontrar Lucas e forçá-lo a arrumar outro carro.

Akira olhou para a multidão de membros da mídia, ansiosamente já apontando para o carro em que estavam. — Ah, esta é uma ideia empolgante — disse com sarcasmo.

— Sinto muito — Zane repetiu, um pouco menos sincero que da primeira vez. — Se soubesse, não teria trazido você. Mas eu não sabia. Isso não deve demorar mais que alguns minutos.

Alguns minutos. Dependendo da percepção do fantasma, alguns minutos poderiam ser ruins. Akira estudou a expressão de Zane — ansiosa, mas determinada — e percebeu que ele não mentia. Ele não compreendia os riscos e não havia mentido.

— Vou entrar — ela disse. Teriam uma longa conversa depois disso. E ela explicaria para Zane um pouco do que sabia sobre fantasmas. Todavia, se o

passado se repetisse, provavelmente não dormiriam juntos outra vez.

Droga.

Aquele estava se tornando um dia em que deveria ter ficado na cama.

CAPÍTULO DEZ



Lucas era uma versão mais velha, mais robusta, mais musculosa e séria de Zane. Pareciam ser claramente irmãos, no entanto, em Lucas, o charme tinha um semblante de perigo.

Akira conseguiu não fulminá-lo com seu olhar e, simplesmente, esboçou um sorriso apertado quando foram apresentados. Por dentro, contudo, pensava: “Imbecil”. Maldito seja por colocá-la nessa situação.

Ela cerrou os olhos quando notou que ele esfregava sua têmpora com uma expressão de dor e disse: — É um prazer conhecê-la também.

Lucas tinha um dom psíquico como os demais membros de sua família? Ela desconsiderou a ideia quando ele os conduziu pelo hall de entrada, passando por uma sala de estar formal e por um corredor até uma sala mais casual, mas

também luxuosa.

A sala era ocupada por meia dúzia de pessoas e um fantasma muito aborrecido. Akira baixou os olhos assim que o percebeu. Droga. O fantasma estava ajoelhado ao lado de uma mulher loira, sentada na beirada de uma poltrona reclinável e confortável, com o rosto nas mãos como se estivesse cansada, muito abalada para erguer a cabeça. Ele tinha um contorno trêmulo e flamejante, como se sua forma não pudesse conter sua energia. No entanto, estava apenas manchado com um vermelho pálido, Akira se acalmou e arriscou outro olhar. Mal era cor-de-rosa. Aquilo significava que sua

consciência, mesmo naquele tom, ainda mantinha o controle. Mas assassinato-suicídio? E de uma criança? Poderia irrelevante que o fantasma fosse capaz manter o controle se preferisse não fazê-lo. Akira sentia seu coração batendo mais forte, um pulsar insistente em seu pescoço.

Ninguém ali sabia de nada, percebeu. Ninguém seria capaz de ajudá-la se fosse atacada. De repente, pela primeira vez em anos, desejava a presença de seu pai.

Uma mão quente pegou a sua e apertou. — Tudo bem? — Zane perguntou em voz baixa apenas para ela ouvir e com os olhos fixos em seu rosto.

Akira tentou sorrir, mas não conseguiu com sucesso.

Ele não entenderia, ela sabia. Não era apenas o espírito: se ele soubesse que havia um fantasma ali, pensaria em Dillon ou em Rose e não veria problema. Mas energia de espíritos era como qualquer energia: e um choque elétrico não se compara a ser atingido por um relâmpago; o fogo de uma lareira não é nada parecido com uma casa em chamas.

— Vou tentar ser rápido, mas... — ele olhou para a mulher loira e, apesar de Akira não querer correr o risco de ser notada pelo fantasma, ela seguiu seu olhar. A mulher levantou a cabeça e lágrimas

corriam por sua face; seus os olhos vermelhos e sua exaustão eram evidentes, mesmo estando do outro lado da sala.

Akira mordeu o lábio. A mulher perdeu um filho. Zane era sua única chance de encontrá-lo, ou de, pelo menos, encontrar respostas. Ele não deveria se apressar, mas levar o tempo que fosse necessário para ter certeza. Ela pressionou os lábios e disse com calma: — Ficarei bem. Demore o tempo que precisar — esperava que essas palavras fossem verdadeiras.

Ele soltou sua mão, acariciando suas costas e sua nuca por um instante ou dois e, então, consentiu com a cabeça e se

afastou, indo até Lucas, que estava em pé quase em cima do fantasma.

Akira virou para o outro lado. Uma porta de vidro levava a um pátio e seguiu naquela direção, sem ver onde ia dar, tentando ponderar suas opções se o espírito a descobrisse.

Uma fuga rápida? Mas se ele não morreu ali, não estava preso ao lugar. Ela não seria capaz de fugir dele com facilidade.

Mesmo assim, descansou uma mão sobre a porta para abri-la, sentindo o conforto do metal frio sobre sua pele. Havia muitas pessoas na sala, lembrou a si mesma, e nenhum motivo para o

fantasma notá-la em particular. Contanto que não prestasse atenção nele, ele não prestaria atenção nela. Ficaria tudo bem, de verdade.

E, então, seus olhos semicerraram-se. “Ah, minha nossa”.

Olhou para trás, para Zane. A loira havia se levantado e apertava as mãos dele – uma esperança duvidosa visível sem seu rosto. Akira mordeu o lábio e olhou novamente para o quintal.

E, então, com um suspiro, abriu a trava da porta e pisou do lado de fora.

Ela tentou sentir determinação, mas, na verdade, apenas esperava não se arrepender do que estava prestes a fazer.



LUCAS APRESENTOU A MÃE À ZANE, que prontamente esqueceu o nome dela. Não queria se lembrar. Queria apenas passar logo por aquilo e ir embora.

Casos de crianças desaparecidas podiam ser incríveis. Uma vez, ele encontrou um bebê, que havia engatinhado para longe de casa, em uma boca de lobo a uns três quilômetros de distância. Em outra ocasião, encontrou uma garota, que havia sido sequestrada, ainda viva e bem, mas muito assustada, no porta-malas de um carro. Esses casos eram prazerosos.

Na maior parte das vezes, contudo, casos de crianças desaparecidas eram horríveis. Para valer. Claro, era legal aparecer e ser um herói, mas, geralmente, isso não ocorria. Mesmo em casos de custódia, quando a criança quase sempre é encontrada viva e bem, deixavam-no enjoado. Uma vez, ajudou a encontrar e devolver uma garotinha para um pai com custódia exclusiva e o desespero nos olhos da mãe o deixou insone por meses.

E, desta vez, ele já sabia. O nada absoluto que sentiu ao tocar a foto do bebê loiro e lindo significava que o garoto estava morto. Quando tocava a foto de uma pessoa viva, quase sempre sentia

alguma coisa – ah, às vezes, não sentia nada muito claro, mas já era alguma coisa. Uma sensação de distância, se a pessoa estivesse longe; luz, cor e arredores, se a pessoa estivesse perto; convicção do local, se a pessoa estivesse bem próxima. Tocar algo que pertencia à pessoa melhorava seu raio de atuação; tocar um pouco de cabelo, sangue ou outro material com DNA melhorava ainda mais. Nesse caso, entretanto, não fazia qualquer diferença e a esperança no rosto da mãe era quase dolorosa.

Na verdade, casos de fraude em seguros eram um pouco melhor. Por que não podia procurar por joias

desaparecidas? Uma pintura interessante? Quase ninguém chorava por itens roubados.

— Vamos nos sentar — Zane sugeriu para a loira. — Antes de começarmos, preciso confessar que não acredito que possa ajudá-la.

— Seu irmão já disse isso — a mulher admitiu e se esforçou para esboçar um sorriso. — Mas tentarei qualquer coisa. — Seus olhos se encheram de lágrimas e ela piscou para contê-las. Zane tentou esconder seu desconforto. Droga. Se Lucas apenas a tivesse levado para o aeroporto, poderia já ter acabado com isso e estar a caminho de casa.

Depois que se sentaram, ele continuou, tentando ser reconfortante sem soar esperançoso. — O que faço é segurar sua mão por alguns momentos e ver se sinto alguma coisa. Com objetos desaparecidos, tenho um desempenho melhor quando toco a pessoa que o possui e isso, às vezes, também ajuda com parentes que sumiram.

— Se ele não conseguir encontrar Daniel, — Lucas interrompeu — tentará encontrar Rob, o carro, suas roupas, qualquer coisa que Rob possa ter consigo.

“Ah, foda-se”, Zane pensou furiosamente para seu irmão. “Já disse que o garoto está morto. Não procuro por

cadáveres!"

A resposta de Lucas foi um chacoalhar de ombros e Zane soube que foi ouvido. O alcance de Lucas não era muito bom, mas, na distância em que estavam, ele podia ler qualquer coisa que Zane pensasse com pouco esforço. “Vamos apenas decepcioná-la”, Zane acrescentou.

— Sabemos que você precisa de uma resposta, Diane — Lucas continuou e, apesar de suas palavras serem direcionadas para a mãe, seu olhar mirava Zane.

— Sei que não há muita esperança — as palavras de Diane eram suaves. — Mas não saber o que aconteceu? Nunca

descobrir? Isso me mataria. Nunca pensei que pediria ajuda a um paranormal, mas estou desesperada.

Zane evitou suspirar e sorrir de modo tranquilizador. — Você sabe que há muitos psíquicos falsos no mundo, certo?

— Estou desesperada — ela repetiu. — O que você puder fazer...

Maravilha. Ela iria se transformar em uma daquelas pessoas que jogavam as economias de uma vida nas mãos de charlatões se ele não descobrisse alguma coisa, tinha certeza.

Fulminou Lucas com o olhar, de novo. “Você fica me devendo por essa”. Lucas concordou com a cabeça e Zane sabia que

ele entendera sua mensagem, então, pegou a mão de Diane e tentou se concentrar.



— NÃO POSSO EMPURRAR VOCÊ, querido.

— Quero ir mais alto — o garotinho exigiu, fazendo um bico.

Akira suspirou e olhou na direção da casa. Esperava que ninguém estivesse observando. Agarrando as correntes que seguravam o balanço, ela puxou para trás e para cima, tão alto quanto conseguiu alcançar, depois soltou. Ele gargalhou com prazer enquanto o balanço descia e subia, descia e subia outra vez.

— De novo, de novo — ele implorou e Akira obedeceu, com um sorriso relutante curvando seus lábios.

— Foi aqui que você morreu, querido? — Ela perguntou, fazendo parecer que era uma pergunta casual. Não queria aborrecê-lo outra vez. A tempestade de lágrimas espectrais que caiu depois de perguntar a primeira vez ainda marcava a face do garoto.

— Mamãe disse que não — ele respondeu com tristeza. — Nada de balanço, muito pequeno.

No ponto mais alto, com um grito de alegria, ele saltou do balanço e caiu, rolando no ar. Akira não conseguiu

resistir ao horror que sentiu ou à tentativa instintiva de pegá-lo, todavia, era impossível. Ainda que fosse de carne e osso, não conseguiria pegá-lo. Por um instante, um segundo apenas, ele era uma sombra contorcida sobre o chão e, então, ficou em pé outra vez.

Compreendeu que aquele era o lugar onde ele havia morrido. E não foi um assassinato-suicídio, mas um acidente-suicídio.

— Você pode ajudá-lo?

Akira se virou ao ouvir a voz atrás de si. Era o fantasma da casa com seu contorno ainda tremeluzindo e piscando. Ela deu dois passos para trás.

— Não, por favor — o fantasma disse, estendendo uma mão em sua direção, sem se aproximar. — Sei que pode vê-lo. Enxergar nós dois. Não quis assustá-la. Mas, por favor, ajude-o.

Akira engoliu em seco.

— Ajudá-lo como? — Ela perguntou, tentando manter a voz impassível.

— Não consigo me aproximar dele — o fantasma contou. — Alguma coisa começa a acontecer quando tento. Acho que o machuca.

Akira fez um gesto afirmativo com a cabeça. Isso ela sabia. — Sua energia é muito forte. Você absorve a energia ao seu redor e, quando se aproxima de outro

fantasma, bem... você basicamente o destrói. — Ela deu mais um passo para trás, sem vontade de mencionar o que ele poderia fazer com ela.

— Mas por quê? — Ele perguntou com desespero em sua voz e seu nível de energia brilhava um pouco mais forte. — Não era assim no começo.

Ah, minha nossa. Deveria tentar fugir? — Desespero, dor, raiva — ela respondeu. — Quanto mais aborrecido você fica, mais energia absorve. Em um determinado momento, isso funciona de modo similar a uma overdose de neurotransmissores em seres humanos.

— O que isso significa?

Akira respirou fundo. Deveria contar isso a ele? Iria piorar as coisas? Exceto que alguma coisa em sua aparência – seu corpo magro, cabelo despenteado, olhos castanhos profundos, óculos com armação de metal, a pele pálida – gritava “intelectual” para Akira. — Há uma teoria que a psicose é causada por excesso de dopamina. A energia age de forma parecida.

— Vou enlouquecer? — Ele soou horrorizado.

— Se não se acalmar, sim.

— Como posso me acalmar? — Sua energia sobressaltou ainda mais e o cor-de-rosa se intensificou. — Sou um

fantasma!

O coração de Akira começava a entoar em seus ouvidos. Deu mais um passo, olhando para trás para verificar se havia obstáculos. — Se não se acalmar, destruirá seu filho — ela enfatizou, esperando que estivesse certa sobre o acidente. Se ele tirou a vida do menino da primeira vez, a segunda não seria um obstáculo.

— Papai? — O garotinho fantasma se aproximou e seu pai rapidamente distanciou-se. O menino caiu no chão e começou a chorar. Akira se agachou ao lado dele, querendo consolar, entretanto, sem saber como.

— Calma, calma — o pai repetia. Akira podia ver que ele respirava fundo e, por um momento, imaginou como era respirar quando você é um fantasma. Os contornos avermelhados diminuíram um pouco e a aura ao seu redor se retraiu. — Você pode ajudá-lo?

O que ele pedia que ela fizesse? Abrir um orfanato fantasma? Pensou, brevemente, em levar o balanço com ela para a Flórida e colocá-lo no jardim de sua casa. O garotinho poderia se juntar aos meninos mais velhos. Talvez se divertissem juntos. Mas, então, tentou imaginar como explicaria para a mulher em prantos dentro da casa por que queria

o balanço e chacoalhou a cabeça. Nunca daria certo. — O que você quer que eu faça? — Perguntou.

— Nunca esperei que isso pudesse acontecer — o pai disse. — Pensava que a morte seria o fim. O coração para de bater, o cérebro desliga, a vida acaba.

Akira a olhou com suspeita. Ele não parecia chateado com a descoberta, não muito. Não como os fantasmas religiosos que encontrou uma vez e que ficaram muito, muito irritados por não estarem no paraíso. Akira alongou a mão, abrindo e fechando seus dedos. Às vezes, aqueles ossos ainda doíam.

— Mas isso não pode acontecer com

todo mundo. Procurei por outros. Fui ao cemitério, ao hospital.

— Geralmente, há alguns espíritos em hospitais. — Akira tentava ser cautelosa, observando a luz ao redor do fantasma para focar qualquer sinal de falta de controle. No entanto, ele parecia se acalmar e estava sendo cuidadoso também, permanecendo a alguns metros de distância dela e do garotinho.

— Sim — ele concordou. — Porém, um desapareceu enquanto eu falava com ele. E outro me perguntou se via uma porta e, logo, desapareceu também. Portanto, deve haver outro lugar que não seja esse. E algum jeito de ir para lá.

Akira franziu as sobancelhas. Uma porta? Ela havia interagido com muitos fantasmas que desapareceram. Quando era mais jovem, pensava que fossem para algum lugar, contudo, seu pai riu da ideia. “São apenas energia”, ele insistia, energia mudando de forma. — Como falou com eles? — Perguntou. O flamejar em seu contorno seria perigoso para outros fantasmas próximos; como conseguiu chegar perto o bastante?

— Esta aura não apareceu até que encontrei Daniel e percebi o que causei — o fantasma respondeu, com uma expressão de dor em seu rosto ao olhar para o menino, ainda sentado no chão.

Akira fez um gesto afirmativo com a cabeça. Era por isso que evitava falar de alguns assuntos com fantasmas. Mesmo espíritos calmos podiam ficar perigosos quando aborrecidos.

— Estou tentando fazer com que alguém lá dentro me ouça, mas não consigo.

Akira se levantou. O menino não chorava mais, apenas brincava com a grama, tentando fazer as folhas se moverem, sem sucesso. — Não podem vê-lo, nem ouvi-lo.

— Sim — ele concordou. — Por que você pode?

Akira encolheu os ombros. — Tive

sorte, acho — tentou manter as palavras leves.

— Não tanta sorte assim, pois está com medo de mim — o fantasma respondeu. — Não vou machucá-la. Não de propósito.

“Hum”, Akira pensou. Ele era perceptivo para um fantasma. Ou talvez ela deixasse escapar um vislumbre do que realmente sentia. Porém, podia ver que os contornos dele começavam a solidificar. Estava se acalmando.

— Pensei que, talvez, ficaríamos presos aqui até que houvesse uma vigília. Sabe, um funeral. Mas nunca encontrarão nossos corpos.

Akira sabia que não era bem assim. Tinha certeza de que Dillon teve um funeral apropriado, da mesma forma como muitos dos outros espíritos que conheceu no passado. Um funeral não é uma passagem mágica para outro mundo. Ela olhou para a casa, pensando na mulher lá dentro. Não queria mentir para este fantasma, mas também não gostaria de revelar toda verdade.

— Quer que eu diga a eles onde seus corpos estão? — ela perguntou, tentando manter a voz neutra.



UM PARENTE. Droga. Ela estava prestes a conversar com um parente.

Essas coisas nunca acabavam bem.

Akira ficou parada na porta, pensando no que dizer, como introduzir o assunto. “Ah, a propósito, seu marido foi descuidado, não mal-intencionado? Ele não assassinou seu filho, apenas escondeu o corpo?” Não, não era um bom começo.

Zane e a mulher loira estavam sentados no sofá, Zane segurava ambas as mãos da mulher. Apesar de saber que não havia nada romântico ou sexual no gesto, Akira sentiu uma leve alfinetada de irritação. Não que houvesse algo sério entre ela e Zane, mas, ainda assim, há

menos de doze horas aquelas mãos a tocavam em suas partes mais íntimas. Vê-las tocando outra mulher parecia errado demais.

Lucas estava em pé ao lado de Zane, observando seu irmão. Dois homens estavam a alguns passos atrás dele, também observando com atenção. “Agentes do FBI?”, Akira pensou. Supôs que poderiam ser. Encaixavam-se na imagem estereotípica de agentes federais, com seus ternos pouco lisonjeiros, gravatas sem graça e cabelos curtos. Um pouco mais longe, onde a sala dava acesso à cozinha, outro grupo de pessoas estava em pé ao redor de uma mesa,

algumas com as cabeças inclinadas sobre um mapa, conversando em voz baixa.

“Muitas pessoas”, ela pensou. Diabos. Poderia fazer o que pretendia? Antes que tivesse uma chance para decidir, um choque – como se acabassem de lhe jogar um balde de água fria – percorreu seu corpo. Estremeceu convulsivamente e ofegou, sentindo a energia penetrar em suas veias e correndo aos solavancos por sua espinha. O fantasma adulto apareceu na sala; seu contorno não estava mais manchado de cor-de-rosa.

— Não faça isso — ela ciciou para ele. Ai, doía. Ela estremeceu outra vez, piscando para conter lágrimas de dor.

— Você me sentiu? — Ele perguntou, surpreso, ao passo que as pessoas perto da porta, inclusive Zane, olhavam na direção de Akira.

— Claro que sim — começou a dizer irritada, no entanto, antes que mais uma palavra atravessasse seus lábios, notou as pessoas a encarando e ficou quieta, olhando para qualquer coisa exceto para elas.

Antes que tivesse tempo para respirar, Zane estava à sua frente, com as mãos em seus ombros. — Você está bem? — Perguntou. Ela ergueu os olhos. Seu rosto estava sério e podia enxergar a preocupação em seus olhos.

Ela percebeu que não havia dito nada a ele sobre fantasmas. Nada mesmo. Tudo que ele conhecia era sua relutância em permitir que soubessem sobre seu dom e desdenhassem sua habilidade. Mesmo assim, ele se preocupava com ela e deixava tudo que fazia para garantir que ela estava bem. Disse que sim com a cabeça e tentou sorrir.

— Ambos são fantasmas — sussurrou.
— E estão aqui.

Ele arregalou os olhos levemente e mirou sobre seu ombro para a mulher sentada no sofá, depois, novamente para Akira. — O que você quer fazer? — Perguntou com um sussurro.

Ela encolheu os ombros, sentindo-se impotente. — Você contou a Lucas? Sobre Dillon? — Grace, Nat, Max e Zane haviam passado algum tempo no carro depois que Akira confirmou o veículo ser assombrado e que Dillon podia ouvi-los. Mas apenas Zane o visitava com frequência. Akira não sabia se era por que Zane pediu que se afastassem ou por que era muito doloroso. A ideia de um fantasma podia ser consoladora, todavia, era também um lembrete constante da perda. Ela compreendia que era mais fácil para os Latimers deixar Dillon em paz, confiando que ele estava bem na companhia de Akira.

Ela hesitou, pois Zane negava com a cabeça. — Decidimos esperar até que fizesse uma visita.

— Ele sabe sobre mim? — Sussurrou.
— Sobre minha habilidade?

Zane negou mais uma vez. Mas não teve chance de continuar, pois Lucas começou a falar de repente e sua voz chegava ao outro lado da sala: — Pessoal, precisamos de um pouco de privacidade. Por favor, deixem a sala. Jane, por que você não prepara a sala da frente? Mark, talvez possa pegar dois oficiais e comprar alguns sanduíches? — Com rapidez e eficiência, quase implacável, em um espaço de sessenta

segundos, todos – exceto Lucas, Diane, Zane, Akira e o fantasma – estavam longe.

— Ele realmente lê pensamentos, não lê? — Akira perguntou.

Ele sorriu. — Como você adivinhou?

— Certo, o que foi isso sobre Dillon?

— Lucas perguntou, atravessando a sala em sua direção.

— Dillon? — Diane se levantou, também se juntando a eles ao lado da porta. — O que está acontecendo? Quem é Dillon? Tem alguém lá fora?

Akira observou a confusão de Lucas, a aflição de Diane e a preocupação de Zane.

Maravilha.

Duas vezes mais parentes, duas vezes mais problemas. Ela respirou fundo e começou a explicar.

Diane desmaiou. Depois chorou. E então ficou furiosa. Akira ficou impressionada com seu vasto vocabulário e contente que o fantasma fosse o ex-marido e não Diane. Ela não queria descobrir a cor que sua energia teria e Rob parecia aceitar a repreensão sem mesmo uma oscilação em sua energia. Então, Diane chorou mais uma vez.

Lucas, entretanto, ficou mais frio. Seu charme desapareceu, deixando apenas uma obstinação perigosa em seu lugar. Se fosse ele a entrevistá-la em Tassamara,

Akira não teria aceitado o emprego, com certeza. Enquanto Diane chorava e gritava, ele começou a preparar a busca pelos corpos.

Rob disse a Akira que perdera o emprego meses atrás. A casa estava prestes a ser tomada pelo banco, ele e Diane se separaram. Comprara o balanço quando Diane estava grávida e ela sempre dizia que era grande demais para o menino. Quando Daniel caiu enquanto Rob estava na casa, tomando conta dele, Rob chegou ao limite. Pegou o corpo de Daniel e dirigiu até uma velha pedreira que foi inundada – um lugar onde ele e Diane iam para nadar em seus dias mais

felizes. E dirigiu diretamente para a água. Não pensou no que aconteceria depois: estava apenas desesperado.

— Não consegui imaginar como contar a ela — Rob disse enquanto Diana chorava. — Não pensei como seria pior não ser capaz de contar.

Ela consentiu com a cabeça. Ele não era o primeiro fantasma surpreso e frustrado com a vida após a morte.

— O que acontece agora? — Ele perguntou.

Pessoalmente, esperava conseguir uma carona de volta ao aeroporto e um voo tranquilo para casa. Mas não era isso que ele perguntava: ele queria saber o que

aconteceria com ele e com Daniel, e ela não tinha a menor ideia.

— Você não deveria encontrar uma luz para nós?

Akira suspirou. Estava mais confortável com o fantasma de Rob na última meia hora e ele conseguiu suportar as críticas de Diane sem perder o controle; poderia lidar com o que ela, Akira, tinha a dizer. — A década de 70 é culpada por muita coisa. Watergate, calça boca de sino, discoteca. E todo este lance de luz.

Zane estava ao lado de Diane no sofá, consolando-a inutilmente e passando lenços de papel. Ele ergueu os olhos

diante das palavras de Akira. Ela podia ler um apelo em seu olhar. Colocou as mãos atrás das costas e se moveu pela lateral, para perto da porta. Ele fazia um bom trabalho entregando lenços, muito melhor do que ela faria. A expressão de Zane mudou para uma de irritação e ela tentou parecer arrependida sem indicar que ajudaria. Parentes em prantos não eram melhores que parentes furiosos. Ela nunca sabia o que dizer ou fazer.

— Suponho que faça sentido — Rob disse. — Nos mitos mais antigos sobre a pós-vida, não havia luz. No “Mito de Er”, trecho de “A República”, de Platão, havia um arco-íris.

— No mito de quem? — Akira perguntou.

— Er. Isso mesmo, Er. Não eca. Conheço as piadas. — Ele olhou ao seu redor. — Mas deve haver uma passagem primeiro. Uma porta. Uma escada. Ou algo assim.

Ele desapareceu de repente. Assustada, Akira olhou ao redor. Ele se foi? Não, apenas atravessou o vidro. Estava do lado de fora, conversando com o garoto. Agora que Akira havia absorvido um pouco de sua energia e ele estava mais calmo, conseguiu se aproximar do menino sem machucá-lo. Akira abriu a porta e saiu para o pátio.

— Você vê uma porta, Daniel? — O pai dizia.

— Papai, papai! — O garoto ria, abraçando as pernas do pai. — Papai.

— Ah, Daniel — Rob pegou o fantasma no colo, abraçou-o apertado e mergulhou o rosto nos cachos loiros do garotinho por um instante. Então repetiu: — Você enxerga uma porta, Daniel? Procure com muita atenção.

O garoto obedeceu, depois balançou a cabeça. — Porta nos fundos, papai? — Perguntou, apontando para a casa.

— Não a porta da casa, outra porta.

Daniel balançou a cabeça mais uma vez, então, fez uma careta e chutou,

pedindo para descer. — Deste lado? — Ele parecia curioso e passou pelo balanço. Rob observou; seus olhos procuravam como se tentassem enxergar o que Daniel via. — Vem, papai — o garoto insistiu, estendendo a mão. — Vem.

— Não vejo nada, Daniel — Rob soava triste. — Mas vá na frente.

— Não, papai — o garotinho balançou a cabeça e acenou para seu pai com urgência. — Vem. Vem comigo. Deste lado. Vê?

A dor na expressão de Rob era tão intensa que Akira mal podia olhar para ele; sua voz soluçava quando repetiu: — Não vejo nada, Daniel. Vá em frente e

eu... alcanço você um dia.

— Não, papai. — Retornando ao lado do pai, Daniel pegou a mão de Rob. — Deste lado — insistiu.

O pai olhou para baixo e sorriu com pesar, deixando que seu filho o levasse, mas disse: — Vou com você até onde puder, mas, depois, terá que ir sozinho, certo? Você não irá reconhecê-la, mas sua vovó estará esperando por você e... oh.

Com aquela última palavra – uma exclamação surpresa, entretanto, calma – Rob e Daniel desapareceram.

CAPÍTULO ONZE



*F*antasma desapareciam.

Estavam ali num dia e, no outro, não mais. Nada disso surpreendia Akira.

Mas não desapareciam porque iam a algum lugar.

Que lugar havia para ir? Desapareciam porque eram energia e energia muda de forma ou se dissipa, certo?

Certo?

Akira suspirou. Olhava pela janela do avião, esperando que os outros assumissem seus lugares, e tentava refletir sobre o que havia acontecido. Ah, não sobre todo aquele drama. As emoções, as pessoas, as dinâmicas, as coisas complicadas. Queria apenas compreender a ciência.

Droga, fantasmas são energia. Não vão para outro lugar. Claro, em teoria, outras dimensões podem existir. As

teorias sobre o multiverso cosmológico postulam acerca de um grande número de universos em potencial. Na verdade, havia um cosmólogo – do Massachusetts Institute of Technology, talvez? – que trabalhava com a taxonomia de universos além deste que podemos observar, que as pessoas experimentavam todos os dias. Imaginou sua reação se dissesse a ele o que podia ver.

— Você está bem? — Zane estava colocando o cinto de segurança no assento ao seu lado, no entanto, seu olhar preocupado estava fixo no rosto dela.

Ela ignorou a pergunta. — Desperdicei uma década da minha vida —

ela respondeu ao mesmo tempo em que compreendeu.

Ele não sorriu, apenas tombou a cabeça, encorajando Akira a continuar.

— Pesquisa com energia. Deveria ter estudado física quântica esse tempo todo.

— Ela balançou a cabeça. Começou a estudar física para entender as leis do universo e concentrou-se em energia, pois seu pai sempre insistiu que espíritos são apenas energia.

Akira franziu a sobrancelha. Bem, nem sempre. Era diferente em suas memórias mais antigas. Contudo, a partir do momento que se mudaram para Santa Marita, ele alegava que tudo que ela via

era uma forma de energia.

Zane pegou sua mão e ela deixou, notando como ele entrelaçou seus dedos, mas ainda pensando em seu pai até que, em um sussurro, Zane perguntou: — A física quântica estuda frequências ressonantes?

Não conseguiu não sorrir. — Não, na verdade, não.

— Então não houve desperdício algum — murmurou, se inclinando para capturar seus lábios. Ela se abriu para ele, sentindo sua língua traçar o caminho para dentro de sua boca; um surto de desejo começou em seu estômago e se espalhou por suas veias. Minha nossa, parecia dias

desde que ele a tocou, mas fazia apenas algumas horas que acordaram juntos. Que dia estranho.

Ela se afastou, mas deixou que sua mão tocasse o rosto de Zane. — Você faz isso com frequência? — Ela pensava na mulher que deixaram para trás, perdida em uma névoa de luto. A força da raiva de Diane fez Akira pensar que ela era forte o bastante para ficar bem um dia, entretanto, esse dia não chegaria logo. Partiram enquanto a mídia tomava conta das ruas, os agentes tomavam conta da casa, mas amanhã, ou talvez outro dia, Diane acordaria em um vazio. Akira se lembrava daquela sensação. E perder um filho

deveria ser ainda pior: esperava que Diane tivesse alguém ao seu lado.

— Beijar você? Não o suficiente.

Desta vez, seu sorriso não foi relutante. — Não. Quero dizer, procurar por pessoas desaparecidas.

Zane fez uma careta. — Prefiro casos de seguro.

— A encontrar crianças?

— Ou não encontrá-las.

— Um bom terapeuta pode ajudá-lo com este problema — Lucas declarou com um tom arrastado, colocando o cinto de segurança.

Akira tirou os olhos de Zane e estudou o irmão mais velho. Não gostava dele.

Talvez não estivesse sendo justa, admitiu para si mesma: suas percepções foram ofuscadas pelo corredor polonês de repórteres que ela e Zane tiveram que enfrentar para chegar até a casa e pelo medo que sentia de sua imagem aparecer no noticiário como uma psíquica conveniente. Diane prometera não dizer a ninguém o que aconteceu, mas como era possível saber até que ponto uma mãe desolada seria confiável?

— Não sabia que estaria com ele —
Lucas declarou.

Aquilo não melhorava as coisas. Ele ainda tirava vantagem do seu irmão. Por que Zane precisava seguir a vontade de

Lucas?

— Arrastar Diane para o aeroporto parecia cruel, especialmente quando Zane não acreditava que podia ajudar. Por que lhe dar esperanças falsas? Além disso, todos os repórteres e operadores de câmera da Carolina do Norte estariam logo atrás.

Ah, é, também havia essa coisa de ler pensamentos. Era simplesmente rude.

— Bem, então não pense tão alto — os lábios de Lucas esboçaram um sorriso. Akira olhou para ele com fúria.

— Ele geralmente não faz isso — Zane interferiu, apertando a mão que segurava. — Ignore-o.

— Exceto pela parte sobre um terapeuta — Lucas corrigiu. — Sua incapacidade em encontrar cadáveres é um bloqueio mental. Se você consegue encontrar um diamante, consegue encontrar um cadáver.

Akira franziu o semblante.

— Bem, eu não consigo — Zane retrucou.

Mas não fazia sentido que não pudesse. — Se pode encontrar um mineral que é indistinguível de outro montante do mesmo material, encontrar uma massa específica de DNA, viva ou morta, não deveria ser difícil — Akira comentou.

— Não funciona desse jeito — Zane

balançou a cabeça. — Se fosse simples assim, não conseguiria encontrar nada. Tudo ficaria misturado.

— Não encontrar cadáveres é um mecanismo de defesa. — Lucas se encontrou no assento e fechou os olhos, como se aquela velha discussão chegasse ao fim no momento em que os motores do avião ganharam vida.

Um mecanismo de defesa? Akira tentou imaginar como seria a vida de Zane se pudesse encontrar cadáveres. Quantas pessoas desapareciam todos os dias? Quantas acabavam mortas? Quantas horas passaria desse modo, sentado em um avião, esperando para voar de ou para

uma cena como a que acabaram de presenciar?

Não que fosse insensível à dor de Diane, mas tinha a impressão de que o dom de Zane era mais parecido com o seu do que se dava conta: uma vez que fosse revelado, sua vida não pertenceria mais a ele. Seria uma infinidade de pessoas desesperadas, situações trágicas, luto e dor.

— Ou uma estratégia de contenção — Akira sugeriu. Suas palavras foram engolidas pelo barulho do motor ao passo que aceleravam pela pista, todavia, Lucas abriu os olhos e a encarou. Ela encontrou seu olhar. Talvez devesse ressalvar

juízo sobre ele. Era o pai de Dillon, afinal.

Zane apertou sua mão outra vez e ela voltou seu olhar para ele, para seu sorriso torto, para a afeição em seus olhos. Deveria falar com ele sobre fantasmas. Precisava contar sobre suas energias violentas, sobre o que podiam fazer, tanto contra ela como contra outros espíritos. Porém, se contasse...

Talvez devesse, primeiro, pensar um pouco mais sobre o que aprendeu naquele dia. Mas aquilo não mudava o risco: fantasmas zangados não eram pessoas, não era possível dialogar com eles. Eram perigosos demais para isso. E se espíritos

realmente fossem para algum lugar quando desapareciam? Precisava considerar o significado daquilo, ver como mudaria suas opiniões sobre o passado.

— Acha que podemos começar de novo amanhã? — Zane sussurrou, apenas para seus ouvidos. Ela ergueu as sobrancelhas diante da pergunta. — Começar o dia do mesmo jeito, mas ficar na cama por mais tempo? Talvez tomar um café da manhã tardio? Maggie faz waffles incríveis. E, depois, levo você para as fontes. Podemos andar de caiaque, ver um jacaré? Nadar um pouco se você gosta de água fria?

Okay, não lhe contaria mesmo sobre

fantasmas. Possessão, convulsões, ossos quebrados, possível óbito – nada romântico, decididamente. Teria que contar um dia, mas a diversão já terá terminado até lá e ela realmente queria curtir um pouco daquilo – dele – antes.

Ela sorriu. — Parece perfeito.



— TERRA PARA AKIRA.

— Hum?— Akira respondeu distraída, sem tirar os olhos do telefone. Tentava categorizar suas experiências prévias com fantasmas, entretanto, era tarefa mais desafiadora do que

antecipava.

Sempre pensou que havia tipos de espíritos. Havia os desvanecidos, os confusos, os livres, os presos e aqueles com contornos avermelhados.

Exceto em hospitais, os desvanecidos eram os mais comuns. Mais de uma vez pensou que eram mais como uma lembrança do que seres conscientes. Como os garotos no quintal. Akira os chamava de desvanecidos, pois eram translúcidos, mas o nível de transparência variava. Ela suspeitava que fantasmas mais velhos fossem mais translúcidos.

Havia, então, os confusos. Em sua maioria, pareciam ter falecido

recentemente. Hospitais estavam cheios deles e podiam facilmente desenvolver contornos vermelhos. Mas, muitas vezes, desapareciam rapidamente. Mais que qualquer outro tipo de fantasma, estavam ali em um minuto e desapareciam no próximo.

— Akira. — a voz de Zane era insistente e ela balançou a cabeça, como se acabasse de despertar de um sonho.

— Oi?

— O avião aterrissou. Lucas sugeriu jantarmos em casa?

— Em casa? — Akira ainda estava distraída, perdida em seus pensamentos. Aquela vez no hospital, depois que

quebrou as costelas. A fantasma havia dito algo sobre uma porta? Tinha, não tinha? O que foi, exatamente? Ela era bacana, para um fantasma, e ficou preocupada com Akira. Perguntara se Akira queria ir com ela antes de desaparecer. E mencionara uma porta. Okay, talvez aquilo fosse um item a menos na coluna da dúvida.

— Minha casa? — Ele repetiu pacientemente. — Lucas fica conosco quando está na cidade. Ele gostaria de tomar um banho, trocar de roupa e, depois, nos encontrar lá. Com Dillon?

— Ah, sim, certo. — Akira olhou para o telefone e fechou a planilha do aplicativo que estava usando. Dillon. Seu

pai. Jantar. Certo. Tudo fazia sentido. Lucas estava ali para falar com Dillon e ela tinha certeza de que Dillon gostaria de vê-lo. Ela podia fazer isso.

Mas se fantasmas pudessem passar por uma porta, por que alguns espíritos ficavam? Como Dillon. Se havia um porta aberta para ele, por que passou anos sentado em um carro esperando que algo interessante acontecesse?

— Akira. — Um dedo gentil forçava seu queixo para que olhasse para Zane. — Você concorda em falar com Dillon e Lucas?

Finalmente livre de suas conjecturas, sorriu para Zane. — Sim, tudo bem. Jantar

na sua casa ou seja lá o que for. Desculpe estar tão distraída. Ainda estou tentando entender o que aconteceu hoje.

— Um fantasma contou para você onde o corpo dele estava? — Zane contribuiu.

— Também é novidade — Akira concordou e removeu o cinto de segurança antes de seguir Zane para fora do avião, saltando sobre o chão. — Mas, não. Foi o modo como ele desapareceu.

— Foi estranho? — Zane perguntou.

Akira gesticulou com dúvida: — Diferente.

Quando entraram no carro, ela pegou o telefone mais uma vez. Era cuidadosa ao

fazer perguntas para os fantasmas. Talvez até demais. O Sr. Sato, seu vizinho, era livre ou preso? Akira nunca o viu fora do jardim, mas não sabia se por escolha ou não. Depois que a Sra. Sato faleceu, Akira nunca mais voltou à casa. Ela presumiu que ele tivesse desaparecido, mas não sabia com certeza.

Viu muitos fantasmas apenas brevemente. E suas memórias da infância eram confusas. Mal se lembrava de acontecimentos anteriores à morte de sua mãe e suas recordações de anos posteriores eram caóticas, no mínimo. Contudo, tentava se lembrar: naquela primeira vez, quando quebrou o braço,

como era aquele fantasma? Foi há tanto tempo, as memórias eram apenas fragmentos de imagens e sensações. Seu pai gritava, tentando expulsar o espírito de seu corpo, sua mãe chorava, e havia dor. A parte mais vívida daquela lembrança era o cheiro do pronto-socorro — aquele aroma antisséptico e pungente tão comum ao ar de um hospital.

— Cristãos, alguns, pelo menos, acreditam que fantasmas são entidades satânicas — Akira refletiu, sem tirar os olhos do telefone. Sentiu que Zane a olhava. Viajaram com o carro dele para o aeroporto, para que Dillon pudesse ficar com Rose e Henry, e estavam a caminho

de sua casa para pegar o Taurus antes de seguirem para a casa dos Latimer. — Acho que a Bíblia proíbe, no livro de Deuteronômio, qualquer comunicação com os mortos. Pessoas que conversam com espíritos são abomináveis e detestáveis, ou algo assim.

— Em alguns monastérios budistas, monges fazem oferendas para os espíritos antes das refeições. Comida, dinheiro ou flores — Zane revelou, parando em um semáforo na cidade. Permaneceram em silêncio durante o percurso, Akira absorta em suas memórias e Zane respeitando sua concentração.

Akira ergueu os olhos, surpresa com

aquela afirmação. — Como sabe disso?

Ele a olhou mais uma vez e sorriu: — Por quê? Acha que sou um budista enrustido?

Ela riu. Conhecia alguns budistas que viviam na Califórnia, mas era improvável. — Você é?

— Não — ele negou com a cabeça. — Mas ando pesquisando.

— Sobre religião? — Akira perguntou, novamente surpresa. Aquilo era ainda mais improvável do que Zane ser um budista comedor de hambúrguer.

Ele lançou um olhar tolerante e disse: — Sobre fantasmas. Agora que sei que são reais, parecia uma boa ideia aprender

um pouco mais.

Ah, claro.

— Aprendeu algo interessante? —

Akira perguntou, curiosa. Anos atrás, havia lido histórias de fantasmas obsessivamente, tentando encontrar alguma coisa que ajudasse a entender seu mundo. Todavia, desistiu: muitas histórias, muitas informações contraditórias e muito pouco condizia com suas experiências. Talvez vestígios de sabedoria estivessem enterrados nos mitos, mas a maioria era de uma época anterior à ciência moderna.

— Muita coisa — ele respondeu. —

Se algo é verdade? Não faço ideia.

— Não muito — opinou. — Mas talvez eu saiba menos do que pensei saber.

— Como assim?

No avião, Lucas e Zane falaram sobre negócios, o que não incomodou Akira. Não queria conversar com Zane sobre fantasmas. Ela queria waffles. Queria andar de caiaque. Queria ver seu primeiro jacaré selvagem. Queria nadar – se o dia estivesse quente e a água não muito fria. O que ela não queria era assustar Zane com a impressão de ser “obcecada por morte”: uma frase, de um ex-amante, que permanecia em sua memória como um gosto amargo.

Ela balançou a cabeça, olhando mais uma vez para o telefone. — Aquele garotinho de hoje? Ele levou o pai para algum lugar. O pai, Rob, dizia que não podia ir, mas, então, eles desapareceram. Juntos. Isso deve significar alguma coisa, mas não consigo imaginar.

— Hum, isso é interessante — Zane respondeu. — Uma lu-

— Não ouse — Akira o interrompeu, enquanto estacionavam em frente à sua casa. — Não foi uma luz. Ou, pelo menos, Rob não via uma luz. E Daniel... — Tentou se lembrar de suas palavras exatas, no entanto, não conseguiu, e acrescentou: — Não sei o que ele viu.

Disse algo como “deste lado” e desapareceram juntos.

— E o que você acha?

Akira balançou a cabeça outra vez. — Deixe-me chamar Dillon — respondeu. — Você se importa em dirigir? — Ela queria continuar a acrescentar informações em sua planilha.

Dez minutos depois, estavam na estrada outra vez. Akira e Dillon discutiam amigavelmente e eram acompanhados pelo silêncio interessado de Zane.

— Talvez, se você me ajudar a resolver meus assuntos pendentes...

— Besteira — Akira interrompeu

Dillon. — Já tentei isso, de verdade. Não funciona. A menos que fantasmas sejam ignorantes de seus negócios inacabados e aqueles que tentei ajudar me deram missões inúteis.

— Okay, não estou pedindo uma luz, mas uma porta seria incrível. — Dillon estava inclinado para frente, do seu lugar de costume, no meio do banco traseiro; seu rosto estava rosado com empolgação.

— Dillon, você já falou com seus parentes. O que exatamente você acha que poderia fazer diferença? — Akira queria não ter dado esperança a ele.

— Talvez eu precise falar com meu pai? — Dillon sugeriu. — Ou, sabe,

deixar que ele fale comigo? Ele deve estar furioso.

Akira suspirou: — Encontrei uma fantasma quando estava na universidade — contou. — Devolvi seus livros para a biblioteca. Transcrevi uma dissertação para uma aula sobre poetas românticos ingleses. Sério, fiz tudo o que ela podia imaginar que não houvesse terminado. Não foi divertido. E nada funcionou. Não fez diferença. Ela ainda assombrava o café no fim da rua quando me formei.

Dillon desabou com um suspiro.

— Nenhuma estrada espectral, é? — Zane perguntou, pegando uma rua estreita.

— Uma estrada? — Akira perguntou.

De onde ele tirou aquela ideia? Daniel não havia dito nada sobre uma estrada, mas também foi muito vago.

— Tradição dos nativos americanos — Zane respondeu. — Espíritos vagam por um ano, então, pegam a estrada no céu. Talvez Dillon precise procurar durante a noite?

— Ah — Dillon resmungou do banco de trás. — Ele se esquece do tempo que passei em um estacionamento. Não tinha muita coisa para fazer, exceto olhar para o céu. Não, eu saberia se houvesse uma estrada. Está tudo bem, Akira. Minha vida, ou seja o que for, é boa hoje em dia. Não preciso de uma porta ou de uma

estrada.

Akira olhou para trás e sorriu com o que ele disse; olhou para Zane, que freava o veículo. — Nenhuma estrada no céu.

Zane sorriu para ela. — Continuarei lendo.

— Faça isso. — Akira desabotoou o cinto de segurança e se virou para abrir a porta com um sorriso no rosto. Talvez em um humor diferente, em outro momento, ficaria preocupada se Zane pesquisasse sobre fantasmas, ansiosa para saber a opinião dele. Mas naquele dia? Naquele dia era uma gentileza.

Mas, então, ela hesitou com a mão na porta e seu sorriso desapareceu.

A casa.

Ah, droga.

A casa.

Esperava que fosse ostentosa, mas não: era uma casa de fazenda grande e branca, com dois andares e cortinas nas janelas, uma varanda ampla circundando um dos lados e um jardim adorável, com muitas das flores vibrantes que coloriam a Flórida.

Deveria ser linda.

Deveria, se não fosse tão assombrada.

A casa na Carolina do Norte brilhava com energia, mas esta casa estava obscurecida por uma força que estalava e flamejava, como se estivesse em meio à

uma nuvem tempestuosa que apenas Akira podia ver.

Ela sentiu uma onda de medo. Sentiu seu coração acelerar, sua garganta contrair e uma sensação nas pernas a informava que seus joelhos não suportariam seu peso... e, então, a sensação ficou mais forte, triplicou em intensidade.

— Dillon — ela ofegou, nada além de um sopro de ar que não seria ouvido, mesmo se ele ainda estivesse no carro em vez de estar a meio caminho da varanda, despreocupado com o vórtice que o destruiria se chegasse muito perto.

— Dillon — tentou outra vez, mais

alto, porém, ele estava muito longe, mais longe a cada instante e a porta estava fechada. Ela olhou para ele, para a casa e virou-se para Zane.

— Dirija — ordenou. — Dirija!

CAPÍTULO DOZE



*Z*ane reconheceu o tom.

Agiu sem hesitar, voltando ao seu assento; rapidamente deu partida, ré, manobrou e acelerou – tudo sem uma única pausa ou gesto relutante. Akira,

ainda no banco do passageiro, estava com os olhos fechados e mordendo seus punhos cerrados.

Sentia dor? Zane não sabia dizer, mas não fez perguntas.

Apenas dirigiu.

Uma vez, com Lucas, ouviu a mesma ordem, dada no mesmo tom de voz. Era um trabalho de rotina, ou rotina para Lucas. Estavam na costa noroeste, colaborando com um caso do departamento de combate ao narcotráfico. Zane determinara a localização de um depósito de drogas, usando um traficante insignificante como conexão, e Lucas foi investigar o local. Retornando ao carro,

começou a dar ordens. Zane não notou o sangue correndo pelo braço de Lucas até que estavam a um quilômetro de distância e Lucas pedia reforços.

Contemplou Akira. Seus lábios se moviam, todavia, não podia ouvir suas palavras. — Precisa ir a um hospital? — Perguntou, calculando distância e tempo. Poderia telefonar para Nat, pedir que os encontrasse no pronto-socorro mais próximo.

— Não — Akira retrucou. Ela girou 180° em seu assento, esticando o pescoço para olhar para trás, depois se virou ainda mais, levantando um joelho de modo que estava quase totalmente voltada para trás.

— Ah, meu Deus, Dillon — murmurou. — Por que sugeri que praticasse se distanciar? — Com uma expressão de agonia, ela levou as mãos aos ouvidos e desabou em seu assento.

— Desculpe, desculpe — ela resmungava. — Desculpe.

— Akira, que diabos está acontecendo? Do quê você precisa? — Zane perguntou, um tanto desesperado. Ela agia de modo estranho, entretanto, alguma coisa que ele não enxergava estava acontecendo, tinha certeza. Ser incapaz de ver o deixava impotente. O que poderia fazer?

Ela balançou a cabeça. — Você está

bem? — Ela falava com o banco traseiro.

Zane não conseguiu evitar sentir-se um pouco irritado. Não gostou da sensação de impotência, não gostou de não saber e não gostou que ela falava com seu sobrinho, mas não com ele.

— Sinto muito, — ela repetiu — mas aquela casa é assombrada!

Certo, talvez fosse louca. A casa dela era assombrada, o carro dela era assombrado, sua vida inteira era assombrada. Qual o problema com um fantasma a mais? Mais um ponto para a presciência de Max. Ele alegava que a casa era assombrada há anos, desde que sua mãe e Dillon morreram.

— Você não entende — Akira disse.

— Então somos dois — Zane resmungou, saindo da rua estreita que levava até a casa e de volta à estrada movimentada sentido a cidade. Não tinha certeza do que estava acontecendo, contudo, por enquanto, voltaria para a casa de Akira.

Sentiu que ela o olhava e se virou em sua direção. Estava pálida, com círculos escuros sob os olhos. Sentiu uma pontada de preocupação. Tudo bem estar cansada, não haviam dormido muito na noite anterior, entretanto, era o estado de maior ansiedade que ele a via em semanas.

Ela não era seu tipo. Ele gostava das

fáceis. Não sexualmente, apesar de não ter objeções a isso, mas emocionalmente. Descomplicadas. Alegres. Ver alguns filmes, sair para jantar, curtir os amigos, talvez passar algum tempo na praia ou nas fontes. E, em poucos meses, quando ambos ficavam entediados, continuavam amigos. Este negócio de se preocupar se uma mulher está magoada não é seu estilo.

— Fale — ordenou. — E coloque seu cinto.

Ela deu um sorriso fraco e, apertando o cinto, disse: — Eu avisei. Na primeira vez que nos encontramos. Disse para ficar longe de fantasmas com contornos avermelhados. — Aquilo deveria ser para

Dillon, Zane supôs. Ela jamais comentou sobre fantasmas vermelhos com ele. Na verdade, mal falaram sobre fantasmas.

— Tem sim! Lá dentro! — Ela insistiu. — Você teve sorte em não passar pela porta.

O telefone de Zane começou a tocar. Lucas, provavelmente. Perguntando o que aconteceu. Se Zane soubesse, atenderia, mas como não sabia, ignorou a chamada e continuou prestando atenção em Akira.

— Sorte que seu pai saiu e salvou sua pele. Se tivesse entrado, a energia absorveria você. Seria como ser pego por um tornado ou um redemoinho.

Um tornado? Tinha lido alguma coisa

parecida, não tinha? Zane tentou se lembrar do que leu sobre tornados fantasmagóricos.

— Sim, claro, sei do que estou falando. Já vi acontecer — a voz de Akira estava com um tom de quase irritação, como se Dillon estivesse discutindo.

Vórtices, era disso que se lembrava. Algum web site de caçadores de fantasmas dizia que era uma das ocorrências mais comuns. Porém, não dizia nada sobre serem perigosos.

— Certo, tudo bem, vermelho como uma aura. Não, não como uma auréola demoníaca.

Dillon, dá para se concentrar? Isso é

sério.

Os lábios de Zane esboçaram um sorriso. Era possível imaginar o que Dillon dizia pelas respostas de Akira. Seu sobrinho sempre foi curioso, às vezes, até demais para o seu próprio bem. A lembrança inadvertida do experimento fracassado de Dillon trouxe uma onda de tristeza e Zane voltou a ficar sério enquanto Akira continuava: — Perigoso, perigoso. Quantos significados a palavra perigo pode ter? É um espírito que destruirá você se chegar perto.

Certo, aquilo não soou bem. Mas também não fazia sentido. — Se há um fantasma na casa, é minha mãe — Zane

interrompeu. — Ela nunca machucaria Dillon.

Ele olhou para Akira. Ela mordida o lábio, como sempre fazia quando estava nervosa. — Não é... não acho que poderia chamá-lo de sua mãe.

— Morei naquela casa a maior parte da minha vida. Não era assombrada antes da morte da minha mãe.

— Talvez tenha começado como sua mãe, mas fantasmas vermelhos não tem consciência. Não são como as pessoas. Não sabem o que fazem. São apenas um tipo perigoso de energia.

— Mas por quê? — Zane perguntou. — Se começou como o espírito da minha

mãe...

— Raiva, às vezes — Akira respondeu. — Fantasmas furiosos perdem o controle. Aqueles que querem vingança ficam vermelhos, creio. Ou, hum... — ela olhou para o banco de trás. — Desespero, dor.

— Aquela médium disse... — Zane hesitou, recordando o que havia acontecido com ela. Ele franziu a testa, se lembrando.

— Certo. Aquela médium. — Akira não mordia mais o lábio. Seu queixo estava tenso e, se pudesse dar um nome à sua expressão, diria que era ferocidade. — Vamos falar sobre ela por um minuto.

Uma médium aparece, declara que há fantasmas em sua casa e simplesmente vai embora outra vez?

— Não exatamente — ele admitiu.

Ela balançou a cabeça. — Eu sabia. Sabia. É o único jeito de um espírito ficar poderoso desse jeito. Droga, você me levou à uma casa habitada por um fantasma assassino. Levou a mim e a Dillon! Não percebe o que poderia ter acontecido?

— Aquela médium morreu de causas naturais — Zane respondeu, com suas mãos tensas no volante. Foi estranho, era verdade. Mas, ainda assim, Akira implicava que sua mãe – sua mãe, pelo

amor de Deus – era um fantasma com instinto assassino. De jeito nenhum. Não era possível. — Fizeram uma autópsia. Foi um aneurisma.

— Claro que foi. Afinal, legistas estão sempre ansiosos para escrever “morte por energia espectral” em uma certidão de óbito — Akira ironizou.



— EU TE LIGO.

“Droga”, Akira pensou enquanto via o carro de Zane se afastar. Ela detestava aquela frase. Não apenas as palavras, mas tudo que implicavam. Tanto o que estava

subentendido, “você é um pouco maluca demais para mim”, como o óbvio, “não me ligue”.

Para não mencionar a desonestidade passiva-agressiva da mentira. Ele não ligaria. Ela o veria no trabalho na semana seguinte e ambos fingiriam que aquela sexta-feira nunca aconteceu.

Com um suspiro, ela pegou uma caixa que estava ao lado da porta, se virou e sentou-se nos degraus da varanda. Ainda estava quente naquele início de noite, o ar calmo e aromático. As flores de laranjeira, como Meredith prometeu, haviam desabrochado há algumas semanas e uma trepadeira se esgueirava pela

varanda com pequenas flores brancas. Akira tinha quase certeza de que era uma erva-daninha, mas o aroma a lembrava jasmim e ela gostava.

Estava com fome. O dia foi longo. Deveria entrar e preparar o jantar. Contudo, a ideia de uma refeição solitária, algum prato congelado aquecido por cinco minutos no micro-ondas e consumido em frente ao computador, não era apetitosa.

— Você realmente acredita que minha vó é um fantasma enlouquecido? — Dillon perguntou, sentando-se no corrimão ao lado dela.

— Não acredito em teorias que

precedem a pesquisa — Akira respondeu. — É ciência malfeita. Todavia, não podemos solicitar uma apresentação, portanto, sim, minha suposição é que sua avó é um fantasma.

— Outro fantasma? — Rose perguntou, aparecendo na varanda. Akira quase pulou. — Deveríamos convidá-la para uma visita.

— Não este em particular — Akira suspirou. Enquanto Dillon contava a Rose o que aconteceu, Akira ponderava a volta para casa. Zane não queria acreditar que sua mãe fosse um espírito maligno. Justo. Não podia culpá-lo por isso. Entretanto, ele também não ficou contente em saber

que fantasmas podiam ser perigosos. Não foi rude, mas seu silêncio foi obstinado.

— É uma pena. — Com uma sacudidela na saia, Rose sentou-se ao lado de Akira. Com um olhar perceptivo para o lado, acrescentou: — Não é por isso que você está triste. Aonde o bonito foi?

— Ele volta — Dillon declarou. — Só precisa conversar com minha família.

Akira pressionou os lábios. Não tinha tanta certeza, mas não queria dizer a Dillon que estava errado.

— Homens — a voz de Rose transbordava repugnância. — Ratos, todos eles. Exceto Henry, claro.

— Ei — Dillon protestou. — E eu?

Rose fez um gesto de rejeição com a mão em sua direção. — Teria se transformado em um rato, também. Não conseguiria evitar. Conheço seu tipo.

Akira sentiu o canto de sua boca formar um sorriso involuntário. Pensou que sua refeição seria solitária? Havia se esquecido da multidão que habitava aquela casa. Rose ficaria feliz em falar até cansar, com Henry e Dillon proporcionando um coro alternado entre protestos e motivações.

— E que tipo é este? — Akira perguntou. Uma vizinha passando pela rua a olhou curiosa. Akira cumprimentou-a,

levando a mão ao ouvido para mostrar seus fones. Ah, diabos. Não estava usando o Bluetooth. Forçou um sorriso, que a mulher retribuiu antes de seguir em frente.

Certo.

Tassamara.

A única cidade da América onde falar sozinho fazia os vizinhos pensarem que você é parte da família.

— Homens! Todos querem a mesma coisa e quando conseguem... — Rose estalou os dedos. — Exceto Henry — acrescentou mais uma vez.

— Por que Henry é diferente? — Akira começou a remover a fita adesiva da caixa. O remetente era a Amazon, mas

não se lembrava de ter comprado nada.

— Henry foi um namorado maravilhoso — Rose respondeu. — Gentil e educado. Sempre um cavalheiro. Meus pais não aprovaram, claro, mas não era culpa de Henry. E ele não teve nada a ver com... — Rose hesitou e encolheu um ombro — com o que aconteceu depois.

Akira ergueu as sobrancelhas, arregalou os olhos, de queixo caído. Henry? Rose e Henry foram namorados?

— Você e Henry? — Dillon quase cuspiu com o choque. — Mas... mas...

Akira fechou a boca e esperou, imaginando o que Dillon diria. A diferença de idade não importava, claro:

podia notar pelas roupas de Henry que ele faleceu muito depois de Rose. Mas na década de 50? No sul segregado? Henry provavelmente arriscou a vida para namorar uma garota branca.

— Mas ele é velho! — Dillon finalmente explodiu. Akira sorriu e continuou a remover a fita com cuidado. Bom para Dillon.

— Ele não era naquela época, claro — Rose disse com impaciência. — Isso aconteceu depois.

— Henry morou aqui também? — Akira estava curiosa. Havia presumido que todos os residentes fantasmas – os meninos no quintal, Rose e Henry – foram

moradores da casa em épocas diferentes. Era incomum encontrar uma concentração assim de espíritos em um mesmo lugar, porém, não impossível.

— Não. — Rose parecia confusa por um instante e, então, pensativa. — Não, ele veio viver aqui depois. Depois, você sabe. Ele nunca morou aqui quando estava vivo.

“Hum. Isso é estranho”, Akira pensou. Quais eram os laços de Henry com a casa se ele não morreu ali?

— Deve ter sido legal para você quando ele chegou — Dillon sugeriu. Obviamente se recuperou logo da surpresa. — Deveria ser solitário aqui

sozinha.

— Ah, não estava sozinha. — Rose descartou a ideia. — Os garotos eram muito mais divertidos antes. Passamos bons momentos. Você não sabe como costumávamos pentelhar minha irmã mais nova — Rose riu.

Isso era ainda mais interessante. Akira não ficou surpresa em descobrir que os garotos estavam na casa há mais tempo que Rose. Não era especialista em roupas masculinas, mas o corte formal dos shorts, o colarinho em suas camisas e até suas meias fizeram-na pensar em uma época mais antiga, talvez nos anos 20. Mas nunca conversou com eles. Se eram mais

ativos quando Rose se tornou um fantasma...

Com um puxão, finalmente, arrancou a fita da caixa. Rose interrompeu a história que contava a Dillon sobre atormentar sua irmã para dizer: — Ah, o que você ganhou?

Akira abriu as abas da caixa de papelão. Reconheceu a embalagem do objeto sem olhar na descrição.

Era um Kindle novo.

Ela mordeu o lábio. Com uma mão fria, pegou a nota fiscal. Estava errada.

Eram dois Kindles.

Um bilhete dizia: “Um para você e um para Dillon. Grace pede para avisá-lo

que, se ele tem a intenção de continuar a destruí-los, ela irá oficialmente considerar isso um projeto de pesquisa e comprá-los em lote, mas ele não deve mexer no seu. (Grace leva a leitura muito a sério.)”

Droga.

Akira piscou rapidamente. Não iria chorar. Não iria chorar. Não iria chorar.

Uma lágrima brotou mesmo assim.

Ela realmente gostava de Zane.



O TELEFONE TOCOU.

Akira o olhou desconfiada.

Teve um sonho na noite anterior. Pelo menos, pensava que fosse um sonho; os detalhes eram confusos. Mas a incerteza ainda era parte do motivo de estar acordada naquele horário ridículo. Ridículo para um domingo: mal passava das oito e ela acabara de sair do banho.

O telefone tocou outra vez.

Era muito cedo para alguém telefonar. E seus amigos – aqueles que telefonariam em um domingo de manhã – estavam todos na Califórnia. Ligariam por volta do meio-dia, não das oito.

O telefone tocou pela terceira vez. Se não atendesse antes do próximo toque, cairia na caixa postal. Akira mergulhou na

cama e agarrou o fone que estava do outro lado. Esparramada sobre os lençóis, verificou o número de origem. Local, no entanto, ela não o reconhecia.

Apertou o botão. — Alô? — Não costumava mudar o timbre de sua voz, mas também não se esforçava para esconder a rouquidão do sono. Tinha acabado de acordar, afinal.

— Waffles?

Foi uma torrente de adrenalina. Como aquele momento no alto de uma montanha russa, pouco antes do carrinho chegar ao limite da subida. — Você me ligou ontem à noite, não ligou?

— Liguei. Você estava dormindo.

— Quase dormindo — Akira corrigiu.

— Uh-hum — sua voz parecia tão rouca quanto a dela. — Você é uma tentação quando está dormindo.

— Era tarde — Akira se defendeu, fechando os olhos, tentando se lembrar do que havia dito. Podia sentir seu rosto ruborizar, em parte por deleite, em parte por embaraço.

Ele realmente telefonou.

— Ah, desculpe por aquilo — Zane soava resignado. — A reunião de família demorou. Demais. E, lamento dizer, eles se convidaram para nosso café da manhã.

— Oh! — Akira notou que sua voz perdeu o tom, mas não sabia como se

sentia sobre aquilo.

— Depois vamos andar de caiaque — ele acrescentou rapidamente. — E nadar? Jantar? E, finalmente, voltaremos para sua casa onde pode cumprir as promessas que fez ontem à noite?

Um sorriso relutante curvou os lábios de Akira. Não se lembrava de nenhuma promessa. Mas gostaria de cumpri-las mesmo assim. E uma hora discutindo sobre fantasmas? Ela podia fazer isso.



UMA HORA DEPOIS, não tinha tanta certeza.

Estava sentada em uma mesa do bistrô

com toda a família Latimer. Zane e Natalya estavam ao seu lado, Max, Grace e Lucas do outro lado da mesa. Apesar dos waffles, ela se sentia como uma criminosa sendo interrogada por um júri.

E agora compreendia por que Grace era Diretora Executiva da General Directions. Se Grace houvesse herdado metade da persistência de sua mãe, não era surpresa que seu espírito não partiu com calma.

— Não sei — respondeu pela enésima vez, tentando manter a paciência.

— Que tal essa? — Grace perguntou, mostrando-lhe uma foto em um livro. Akira estudou a imagem. Era um retrato

em preto e branco em um estilo que parecia japonês.

— Estava traindo sua esposa? — Akira perguntou para Max. Era uma pergunta rude, no entanto, não se incomodou em amenizar o impacto.

— Não, nunca — ele respondeu sem hesitar.

— Então não acho que sua mãe se transformou em um onryô — Akira assegurou a Grace.

Grace virou a página. — Diz aqui que estes fantasmas podem surgir da dor e do desesperado, além do desejo de vingança. Minha mãe estava muito chateada quando morreu.

— Toda cultura tem suas tradições sobre fantasmas. Isso não significa que essas histórias são verdadeiras. — Uma garçoneite de passagem lançou um olhar em sua direção e Akira forçou um sorriso. Como permitiu essa discussão em lugar público?

— A partir do momento que você aceita o impossível, questionar o improvável é natural — Max filosofou enquanto Grace continuava a ler, correndo um dedo ao longo das linhas do texto.

— Para se livrar desses fantasmas, você precisa ajudá-los a cumprir seu propósito. Soa familiar. — Grace colocou o livro sobre dois outros, ao lado do seu

prato, e pegou seu tablet. Seus waffles, como os de Akira, mal foram tocados.

Zane cutucou Akira com o cotovelo. Ela o olhou e ele fez um gesto com a cabeça para o prato. — Coma — disse. — Quanto mais rápido terminar, mais rápido podemos escapar.

Akira ergueu uma sobrancelha, então, pegou um garfo e uma faca. Lucas, Max e Grace pareciam determinados a aprender tudo que pudessem sobre fantasmas, enquanto Zane e Natalya falavam pouco. Mas se Zane oferecia uma fuga...

— Não até decidirmos o que fazer — Grace anunciou. — Precisamos de um plano, de uma estratégia para abordar a

situação.

— Que tipo de plano? — Natalya perguntou.

— Este não é mais um item em sua lista de afazeres, Grace — Lucas afastou seu prato e fez um gesto para a garçonete, pedindo mais café.

— Há anos digo que sua mãe ainda está lá — Max frisou. — Talvez goste de ficar conosco.

Akira contorceu a boca. Aquele podia ser o caso com alguns fantasmas. Mas não com aquele que habitava a casa dos Latimer.

— Se mamãe ainda está lá, deve haver um motivo — Grace protestou. — Alguma

coisa que precise. Ou queira. Certo? — Ela olhou para Akira.

Os olhos de Akira se voltaram para a garçonete, mostrando-se incerta e suspirou. Todo mundo era louco naquela cidade. Importava o que pensavam dela? — Um fantasma como este não tem consciência — ela respondeu. — Não como imaginamos. Não há como dialogar ou se comunicar com ele. Se fosse humano, seria como alguém dopado com uma droga pesada, alucinado e psicótico, algo assim.

Lucas franzia a testa, Max negava com a cabeça e Grace pegou outro livro.

— Se Akira estiver certa, o fantasma

da mamãe é perigoso — Lucas destacou. Seu tom era sombrio. De todos os Latimers, ele parecia o mais triste.

— De qualquer forma, precisamos que ela siga em frente. Isso é óbvio — Grace era organizada, determinada, prática.

Natalya estava quieta, Akira não tinha certeza se estava pensativa ou cética, talvez ambos.

E Zane era o mais silencioso de todos. Ele cumprimentou Akira, foi gentil com a garçonete, mas permaneceu em silêncio até mandar Akira comer. Ela não tinha noção de seus pensamentos e lançou um olhar em sua direção. Ele a observava com olhos confiantes.

Hum.

Ela reconhecia aquele olhar e não tinha nada a ver com fantasmas.

Deu uma mordida em seu waffle, mastigou devagar e refletiu. Grace e Lucas discutiam o que significava ter um fantasma em sua casa, não com malícia, todavia, com obstinação amigável.

Não havia dúvida para Akira de que era um espírito perigoso. Nenhuma. Sua abordagem usual era não se envolver, ficar o mais longe possível. Mas os eventos do dia anterior provaram que não sabia tudo o que se podia conhecer sobre fantasmas. Não que soubesse muito, porém, estava confortável com seu nível

de ignorância. Mas aquela porta ou passagem, ou o que for que aquele garotinho havia encontrado – aquilo era um mistério.

E seria interessante ver o que Grace, com todos os recursos da General Directions ao seu dispor, poderia descobrir sobre o assunto.

Akira deu outra mordida em seu waffle e delicadamente lambeu uma gota de calda que ficou em seu lábio. Seu olhar procurou Zane. Claro, ele fitava sua boca. Quando ele a notou, ela sorriu. Aquele calor que sentiu? Também não tinha nada a ver com fantasmas.

— Está satisfeita, não está? — Ele

perguntou.

Ela concordou e colocou seus talheres sobre o prato.

— Graças a Deus — foi um murmúrio, quase um gemido, e ele se levantou abruptamente, pegando sua mão. Ela permitiu que ele a erguesse, tentando não rir.

— Espera — Grace ordenou, levantando uma mão para impedi-los.

— Não — Zane respondeu, se afastando da mesa. — Contrate um caça-fantasmas ou algo assim. Temos planos.

— Não sei como fazer um fantasma ir embora — Akira confessou, resistindo à força de Zane, que a puxava pela mão. —

Nunca tive muita sorte, nem mesmo com aqueles com quem consigo me comunicar. Mas se puder responder às suas perguntas, responderei.

— Amanhã — Zane interrompeu. — Ela responderá amanhã.

— Esperem um pouco. — Desta vez foi Lucas. — Ainda quero, não, preciso falar com Dillon.

Zane hesitou. Ele suspirou. E quando olhou para Akira ela viu como ele queria recusar.

Ela apenas sorriu.

— Que tal — respondeu a Lucas — ficarmos em casa um pouco? Digamos, até meio-dia? Deixo o carro destrancado,

você conversa com Dillon e, antes de irmos andar de caiaque, passo para reportar o que ele tem a dizer. — Ela olhou para Zane fixamente ao dizer isso, com toda inocência que conseguiu reunir: — Tenho certeza de que pensaremos em algo para fazer em casa por umas duas horas?

CAPÍTULO TREZE



Akira e Zane andaram de caiaque.
Eventualmente.

Akira não viu um jacaré no primeiro passeio, mas viu no segundo, três semanas depois.

Grace pesquisou sobre fantasmas. Ou melhor, contratou um pesquisador que passou dias mergulhado em livros com histórias de fantasmas e, ao final de cada semana, redigia relatórios concisos de tudo que descobria. Grace levava os relatórios para Akira e, juntas, analisavam linha por linha. Akira destacava informações que condiziam com suas experiências, eliminava outras e colocava um ponto de interrogação ao lado de dados ambíguos. Os pontos de interrogação eram a maioria.

Akira e Zane jogavam sinuca. E Halo. E também Skyrim, Mario Kart, Asteroids, Zelda e até um pouco de Sra. Pac-Man.

Grace contratou um time de investigadores profissionais para examinar a casa. Ficaram empolgados com suas leituras de energia, entusiasmados com gravações que capturaram fenômenos de vozes eletrônicas, no entanto, a sugestão deles foi dizer firmemente para o espírito ir embora, algo que foi recebido com escárnio por Akira.

— Sua mãe responderia bem a essa sugestão? — Ela perguntou. — Isto é, antes de se tornar um fantasma psicótico?

Zane riu e Grace suspirou.

Akira e Zane foram à praia. Brincaram por lá, nadaram nas fontes, flutuaram na

piscina do quintal de Akira, que era atravessada com apenas três braçadas.

Grace entrevistou médiuns.

Entre os três que encontrou, dois eram sensitivos o bastante para saber que Dillon estava por perto. Akira ficou impressionada. Infelizmente, nenhum conseguiu se comunicar com ele, mesmo com toda a pompa de uma sessão espírita em um dos escritórios da General Directions.

— Nunca entendi esse negócio de sessão espírita — Akira revelou em um escritório ao lado. Não havia possibilidade alguma de se abrir para uma possessão, todavia, concordou em ficar

próxima para que Dillon pudesse estar presente e falar com ele. — Por que acender algumas velas faria diferença?

— O que devo fazer? — Dillon perguntou. — Não vejo esse guia espiritual que deveria falar comigo. E você?

— Não vejo nada — Akira deu de ombros. — Apenas tente bater na madeira ou algo assim? Diga quando estiver pronto para desistir — ela acrescentou, pegando seu Kindle. Por que não ler um bom livro enquanto espera?

Akira e Zane foram para a Disney. Ela gritou na Space Mountain, ficou molhada na Splash Mountain e acertou mais

alienígenas que Zane no brinquedo do Buzz Lightyear. Passaram a noite no hotel que era atravessado pela montanha-russa e assistiram à queima de fogos de artifício do restaurante no terraço.

Grace procurou um padre disposto a executar um exorcismo. Ao que tudo indicava, contudo, a igreja moderna exigia que um bispo autorizasse os rituais de exorcismo e bispos preferiam não se envolver com rumores sobre fantasmas, especialmente fantasmas não católicos. Akira estava aliviada: suas memórias eram confusas, mas tinha uma vaga sensação de que exorcismos eram mais arriscados que benéficos.

Ao passo que a primavera deu lugar ao verão, Akira ficava menos entusiasmada com atividades ao ar livre. Sabia que seria quente na Flórida, mas não esperava que o calor fosse tão diferente daquele na Califórnia.

— É como morar em uma sauna — ela comentou, observando o ventilador sobre sua cama girar. Estava tão úmido que quase podia ver as hélices cortando o ar.

— Precisa me deixar comprar um ar-condicionado novo — Zane resmungou. — O que você tem é um lixo. — Ele estava deitado de bruços ao seu lado.

— É uma casa alugada. O proprietário é quem deve comprar um aparelho novo.

Além disso, não quero um ar-condicionado.

Ele virou a cabeça, abrindo os olhos devagar. — O que você quer?

A travessura brilhava nos olhos de Akira quando ela respondeu sem olhar na direção dele: — Advinha. — Ela amava aquele jogo, principalmente, porque ele era especialista. Tinha certeza de que a física quântica poderia explicar seu dom, no entanto, o que ele fazia com ela parecia quase mágico.

Ele estendeu uma mão para tocá-la, porém, ela logo se afastou. — Sem tocar — advertiu sorrindo. — Tem que conseguir sem tocar.

— Hum. — Ele fechou os olhos e fingiu se concentrar. — Não, nenhuma ideia — ele disse e rolou na cama, puxando-a até que estivesse segura sob ele, com suas pernas longas entrelaçadas as dela e uma mão sobre sua pele.

Ela se deixou ser capturada, levantando seus lábios para encontrar os dele, abrindo sua boca para prová-lo, prolongando um beijo profundo, lento, antes de Zane levantar a cabeça dizendo, quase surpreso: — Sorvete de limão? Do Jeremiah? No café da manhã?

— Hu-hum — ela murmurou uma confirmação e seus cílios se agitaram. Ele era tão bom, tão quente. — Não teria um

sabor incrível? Gelado, ácido e perfeito?

— Seria bom — ele concordou, sentando-se e procurando por suas roupas.

— Não precisa ser exatamente agora — Akira protestou. Qual era a pressa?

— Nós não vamos. — Ele agarrou sua bermuda. — Eu vou. Você fica aqui. Bem aí. Nesta posição.

— Ah, é? — Akira sorriu e se alongou, apreciando o modo que ele seguia seus movimentos.

— A única coisa melhor que sorvete de limão em um dia muito quente — ele disse, inclinando-se para um último beijo — é sorvete de limão na cama.

— Vai ficar grudento — Akira

protestou sem muita convicção. Ela já imaginava aquela língua talentosa recolhendo respingos não tão acidentais.

— Exatamente.

Akira riu e Zane pegou suas chaves e carteira do criado-mudo. Ele era pura diversão. Tinha seus momentos de seriedade, claro. Já tiveram diálogos sérios que vararam a noite, mesmo se alguns assuntos, como o de sua mãe, foram evitados, mas nunca havia conhecido alguém que curtia a vida como ele. Ficar com Zane nesses últimos meses era incrível, a melhor época de sua vida.

— Espere, leve Dillon — ela pediu quando ele se preparava para sair. — Ele

anda reclamando que estamos um tédio.

— Certo — Zane concordou, dando meia-volta e pegando as chaves do Taurus da penteadeira. — Volto logo. — Quando ele deixou o quarto, ela o ouviu chamar: — Oi, Dillon! Pequena viagem, meu chapa.

Akira balançou a cabeça, ainda sorrindo. Ele era tolerante. Deveria ser por causa de sua família: se um irmão pudesse ler sua mente e sua irmã pudesse ver seu futuro, talvez você se tornasse imperturbável muito jovem. Zane conversava com Dillon como se ele estivesse fisicamente presente e, mesmo sem poder responder, Dillon gostava da

companhia do tio.

Akira se virou para o lado e olhou no relógio. A sorveteria do Jeremiah ficava ao lado da estrada, pelo menos há vinte minutos. Zane queria que ela ficasse ali, mas não perderia quarenta minutos deitada, olhando para o ventilador. Colocaria a roupa na máquina, decidiu, e talvez fizesse um pouco de chá.

Com a lavadora funcionando, colocou a água para ferver, cantarolando baixinho.

— Alguém está alegre — Henry disse de seu lugar à mesa. — É um belo dia, não é?

— Com certeza — Akira concordou. Voltou-se de frente para ele e encostou-se

no balcão enquanto esperava a água ferver. Ela adorava conversar com Henry. Era uma presença boa, sempre agradável, sempre cordial.

Mas seu sorriso desapareceu quando o estudou com atenção. Era a luz? Olhou pela janela, para os raios de sol que entravam. Costumava estar na General Directions durante o dia, claro, e Zane sempre acordava cedo demais. Geralmente, já estavam longe de casa naquele horário. Mas ela nunca havia notado que a luz modificava o modo como percebia outros fantasmas.

— Há algo errado? — Henry perguntou, notando sua expressão e

preocupando-se.

— Não. Não — Akira negou com a cabeça, então voltou a cuidar do chá. Entretanto, suas mãos tremiam quando colocou as folhas no coador.

Podia ver através de Henry. Não muito, só um pouco. Mas ele definitivamente estava translúcido.

Ele nunca pareceu translúcido antes.

Pela janela da cozinha, ela podia ver os meninos, indistintos, quase transparentes, correndo sobre a piscina como se o obstáculo não existisse, brincando no calor como se fosse primavera e não o pico do verão.

Estavam desvanecidos. Apenas

memórias das pessoas que foram um dia.

Olhou por cima de seu ombro. Henry havia voltado a ler o jornal, o mesmo jornal espectral que lia sempre. E, sim, podia ver a parede através dele.

O que significava que Henry... Henry também estava enfraquecendo.



COM O CHÁ pronto e servido com gelo, Akira pegou seu copo e sentou-se diante de Henry.

Havia pensado muito enquanto seu chá estava em infusão. Não gostava de questionar fantasmas. Era impossível

saber o que poderia irritá-los, que frase descuidada transformaria um encontro pacífico em um pesadelo.

Quando seu pai estava vivo, ficava furioso se a pegava conversando com um espírito. Para ele, a filha estaria mais segura se não soubessem que existiam e Akira era punida como tentativa de ensinar-lhe uma lição. Mas viver daquele modo era impossível para Akira. E já conhecia Henry. Ou, pelo menos, pensava que conhecia.

— Alguma notícia interessante? —
Perguntou com uma voz casual.

— Ah, o de sempre — ele respondeu, dobrando o jornal e colocando-o debaixo

do braço. — Muito quente hoje?

Akira não respondeu. Ela franzia a testa, olhando para seu copo, tentando decidir como abordar o assunto. — Se importa se eu fizer algumas perguntas, Henry? — Talvez, se tivesse permissão, ele ficaria menos aborrecido.

— Ora, claro que não. Vá em frente — ele parecia surpreso e ela entendeu por quê. Sentavam à mesma mesa há meses. Meses em que conversaram sobre o tempo, o jardim, a comida que ela saboreava, seus planos para o dia, mas nunca sobre algo pessoal.

— Você se lembra de como morreu?

— Claro — foi uma resposta objetiva.

Reclinou-se na cadeira, colocando o jornal dobrado sobre o colo. — Foi câncer.

— Câncer? Mas... — Akira ergueu a sobrancelha, perplexa.

— Eu havia sido diagnosticado há algum tempo. Lutei por uns bons anos. Mas no fim, acho que fiquei cansado. Estava pronto para partir.

Akira estava confusa. A maioria dos fantasmas morria rapidamente. De forma inesperada. Muitas vezes, violenta. Akira não sabia se havia encontrado algum fantasma antes, que, em vida, estivesse à espera da morte.

— Não era mais jovem. Não foi uma

tragédia. — Henry estendeu uma mão, como se fosse tocar a dela de modo consolador, mas desistiu antes de atravessar sua pele.

Akira tomou um gole do chá. Colocou o copo sobre a mesa, exatamente sobre o anel de umidade que já marcava a superfície, e girou o objeto entre os dedos.

— O que mais gostaria de saber? — Henry induziu.

— Como você acabou aqui? — Akira perguntou. Fez um gesto indicando a cozinha surrada. — Aqui, quero dizer. Rose me disse que você nunca morou na casa, mas deve ter sido um lugar

importante para você.

— Este lugar? — Henry olhou ao redor. — Acho que não. Ora, não me lembro de ter entrado na casa dos Harris antes de morrer.

Akira piscou. Aquilo não fazia sentido algum. Fantasmas que estavam presos a lugares sempre ficavam em locais significativos para eles. Dillon era o único que ela conhecia que tinha laços com um carro, mas havia encontrado muitos fantasmas que estavam presos aos lugares onde morreram. — Então por que está aqui?

— Estava procurando por Rose — Henry respondeu. Pegou o jornal do colo

e abriu-o, virando as páginas.

Akira esperou que Henry encontrasse o que procurava. Desamassando o jornal, ele o dobrou novamente e, com um artigo em uma das últimas páginas exposto, o segurou para que Akira pudesse ler.

Notou primeiro a data no topo. Dezesete de outubro de 1957. Seus olhos percorreram o resto da página, até encontrar a pequena nota que Henry apontava. “Rose Amélia Harris”, em negrito, era seguido por “faleceu aos 19 anos, depois de uma breve doença, em 12 de outubro. Ela deixa...” Akira parou de ler. Ela ergueu os olhos para Henry.

— Seu jornal é sobre Rose?

— Do dia de seu obituário, sim — Henry confirmou e virou o jornal para si. Ele examinou o artigo, traçando a folha com um dedo. — Eu nunca soube o que aconteceu com ela. Sua família não falava a respeito. Com ninguém. A mãe dela se tornou quase uma reclusa. E sua irmã mais nova... bem, Daisy deixou Tassamara assim que pôde e nunca mais voltou. Nenhuma vez.

— Mas, Henry, isso foi há décadas — Akira protestou.

— Nunca me esqueci dela — Henry confessou. — Ah, continuei a vida. Me casei. Tive dois filhos ótimos. No entanto, Rose foi meu primeiro amor.

— E quando você morreu... — Akira aludiu.

— Foi um pouco confuso, no começo — Henry disse pensativo. — Havia esta luz.

Akira arregalou os olhos. — Uma luz branca?

— Não, não. Não tenho certeza que era realmente branca, não. — Henry franziu a testa, pensativo. — Bem, talvez. Era mais como estar sobre uma nuvem. Mas não uma nuvem de verdade, não como uma neblina e também não era frio e molhado. Não, era apenas... bem, é difícil explicar. Não conheço as palavras certas.

Nenhum fantasma havia contado a

Akira algo parecido com o que Henry descrevia. Ela estava fascinada. Será que isso acontece com pessoas que não se tornam fantasmas?

— Era um lugar agradável, mas eu procurava por Rose. Pensei muito nela, no fim. Sempre imaginei, sempre quis saber. Estava ansioso para vê-la. Mas não conseguia encontrá-la. E, então, aqui estava eu. E aqui estava Rose. — Henry sorriu. — Não foi como imaginei reencontrá-la. — Ele deu uns tapinhas na barriga. — Quem dera tivesse me esforçando um pouco mais para perder um pouco de peso.

Akira sorriu, mas sabia que a

expressão não era refletida em seus olhos. Henry deve ter notado, pois inclinou a cabeça para um lado e perguntou: — Por que quer saber?

Akira respirou fundo. — Você está desbotando.

Ele negou com a cabeça, sutilmente dizendo que não compreendia.

— Você está ficando como os meninos. — Ela fez um gesto para o quintal. — Ficando mais fraco, mais translúcido. Você está desaparecendo, Henry.

— Ah — ele concordou com a cabeça, seus olhos buscando a janela. — Entendo.— Ele a fitou. — Há destinos

piores, suponho.

— Henry — Akira chamou a atenção, um pouco desesperada. — Há uma porta? Ou uma passagem? Um lugar onde deveria ir? Um caminho de volta para aquela nuvem? Porque, eu acho, se você desaparecer... Acho que você desaparecerá para sempre — dar voz, pela primeira vez, ao medo que sentia foi um alívio.

Antes de encontrar Daniel, estava satisfeita com a ideia de que fantasmas eram energia. Energia remanescente. Considerava a si mesma uma cientista pragmática: não acreditava em vida após a morte, mas que algumas pessoas, talvez

possuidoras de uma qualidade única nos impulsos elétricos de seus corpos, passavam por uma transformação temporária.

Contudo, Daniel e seu pai foram para algum lugar, tinha certeza. O que significava que havia um lugar para ir. Um lugar onde Henry deveria ir antes de desaparecer ainda mais.

— Ah, sim — Henry assentiu.

— Sim? — Mesmo sendo a resposta que esperava, Akira ficou confusa.

— Não é bem uma porta — Henry continuou. — Mais como uma abertura. Quase um buraco.

— Como um túnel? — Akira

perguntou.

— Ah, pode ser. — Henry deu a impressão de ver alguma coisa atrás de Akira, que se virou para olhar. Mas não viu nada. Ela se voltou novamente para Henry e ele deu de ombros. — Não acho que seja um túnel, exatamente. Apenas... um lugar. Uma entrada.

— Uma câmara de ar? — Akira perguntou, derrotada pela curiosidade.

Henry ergueu as sobrancelhas. — Não acho que seja uma espaçonave alienígena — ele relacionou. — Não é nada como nos filmes que Rose gosta de assistir.

— Mystery Science Theater?

— Isso mesmo. Não achava esses

filmes bons da primeira vez. Não entendo por que Rose precisa assisti-los de novo.

Akira foi obrigada a sorrir, mas Henry apenas pegou o jornal, como se fosse começar a ler outra vez. — Mas, Henry — ela disse. — Se há uma porta, por que você não vai? Deve ser melhor que desaparecer aos poucos.

— Não vou sem Rose. — Henry virou uma página do jornal.

— Mas, Henry — Akira começou a protestar. Ele não entendia?

— Não vou sem Rose. — A resposta de Henry foi firme. — Não vou embora sem ela. Não desta vez.

Akira franziu a testa, então, se

levantou e foi até o pé da escada. — Rose! — Chamou. Rose estaria em frente à TV, claro, mas nunca se importava com uma interrupção. — Você pode descer, por favor?

Akira retornou à mesa e sentou-se novamente. O jornal de Henry estava erguido, escondendo seu rosto e Akira passou a mão através dele, impaciente, estremeçando com a energia que fazia sua pele formigar. Não podia mover o jornal, não como poderia se fosse algo físico, mas ele veria sua mão. — Não pode se esconder — declarou. — Vamos conversar sobre isso.

— Sim, Akira? O que foi? — Rose

apareceu na cozinha. — Vai dizer que sim? Por favor? Por favor?

Akira suspirou, mas sorriu: — Já disse, Rose, não conheço pessoas suficientes aqui para dar uma festa.

— Só uma festa pequenininha — Rose sugeriu. — Um jantar. Você pode fazer frango à passarinho. A receita da minha mãe é muito boa. Eu ensino você.

Ela negou com a cabeça. — Vou pensar a respeito — prometeu, como sempre fazia quando Rose mencionava o assunto. — Porém, temos algo mais importante para discutir agora e preciso da sua ajuda.

— Oh, posso te ajudar? — Rose

pareceu surpresa, mas contente. — O que posso fazer?

— Você precisa convencer Henry de que é hora de seguir adiante. — Akira acenou através do jornal outra vez. — Abaixei o jornal, Henry.

O sorriso de Rose desapareceu. Ela estava em pé, no centro da cozinha, e olhava incerta para onde estavam sentados. — O que você quer dizer?

— Henry está desaparecendo — Akira informou, ainda observando Henry. Ele a ignorava. — Ele confessou que pode ver um caminho para ir para outro lugar. Você precisa pedir que ele vá.

— Mas não quero que ele vá! — Rose

protestou, colocando as mãos na cintura e lançando um olhar de raiva para Akira.

A cozinha ficou mais fria de repente, como se uma brisa entrasse pela janela. Ah, diabos. Akira estava tão concentrada em Henry que não pensou em como Rose reagiria. Respirou fundo.

— Henry — disse com cautela. — Pode explicar para Rose, por favor?

Talvez Henry pudesse notar o medo em sua voz, pois ele suspirou e abaixou o jornal. Levantando-se, ele foi até Rose e disse: — Rose, não fique aborrecida. Não vou te abandonar. — Ele tentou colocar um braço ao seu redor, mas apenas passou por ela. Rose pareceu surpresa e Henry

balançou a cabeça antes de dizer: — Ah, certo. Esqueci.

— Henry? — Rose estendeu uma mão para tocar seu rosto, no entanto, apenas continuou movendo-a como se ele não estivesse ali. Ela se virou para Akira, ressentida: — O que você fez com ele?

Droga. Akira estremeceu. Rose absorvia tanta energia que a cozinha ficava cada vez mais fria. A brisa transformou-se em um vento ártico. Akira mediu a distância até a porta com os olhos. Teria que passar por Rose para chegar lá. Em vez disso, moveu sua cadeira para junto da parede.

— Quieta, Rose! — Henry interferiu.

— Ela não fez nada. Estou assim há algum tempo. Você apenas não percebeu.

— Eu não percebi? — A voz de Rose era dramática, seus olhos azuis estavam arregalados. — Não notei você? Ah, Henry. — Seus lábios tremeram, como se fosse uma criança prestes a cair em prantos.

— Nada disso. — Ele apontou um dedo firme para ela. — Não me importo. Lamento que não possa tocar você, mas não é ruim.

— Ele está desvanecendo — Akira sussurrou. Não queria chamar a atenção de Rose, mas ela precisava saber. — Como os garotos, no quintal.

— Os garotos? — Ela olhou para a porta. — Eles não entram mais na casa. Costumavam ser tão divertidos, mas agora... nunca falam, nem respondem. — Ela olhou para Henry. — Você vai ficar daquele jeito?

Ele encolheu os ombros. — Talvez. Não sei ao certo, querida. — Movendo-se devagar, retornou para a mesa, com o jornal nas mãos.

Rose o observou e, convencida, disse a Akira: — O que posso fazer?

— Ele tem a escolha de ir para algum lugar. Uma porta. Você precisa convencê-lo a ir.

— Aquela coisa? — Rose fez uma

careta.

— Você também vê? — Akira perguntou, surpresa. — Por que não usa?

— Aff! — Rose descartou a sugestão. — Está ali desde que Henry chegou aqui, mas não vou atravessar aquilo. Sei lá o que há do outro lado. Não, obrigada. — Ela hesitou e mordeu o lábio. — Mas você deveria ir, Henry — declarou, sentando-se à mesa enquanto Akira se afastava rapidamente. — É diferente para você.

— Não sem você, querida — ele disse, abrindo o jornal.

— Isso é tolice — Rose repreendeu. — Ora, Henry, é o paraíso para você do

outro lado da porta. São Pedro, portões perolados, ruas de ouro.

— Pérolas — Henry disse pensativo. Ele olhou para Akira. — Era o que aquela luz lembrava. Era da mesma cor que o interior das conchas, quase branco, mas colorido ao mesmo tempo.

Akira tentou imaginar, porém, imaginar estar dentro de uma concha não é fácil. Queria fazer mais perguntas: é sólida e brilhante? Ele havia dito que se parecia com uma nuvem. Como uma concha poderia ser enevoadada? Mas aquilo não era tão importante quanto o que acontecia com Henry. — Você está mudando de assunto, Henry. Precisa ir. Se

não for, irá desaparecer. De um jeito ou de outro, não estará mais aqui.

— Não vou partir sem Rose — insistiu, sem olhar para elas.

— Paraíso, Henry — Rose disse outra vez. — Felicidade eterna. É muito melhor que se transformar em nada.

— Já discutimos isso, Rose. Logo quando cheguei. Eu vou se você for comigo. Ou ficarei até que esteja pronta.

Nos minutos seguintes, Rose e Henry discutiram. Ou melhor, Rose tentava argumentar e Henry repetia o mesmo argumento. Finalmente, Rose pareceu desistir. Ela franziu a testa, estava preocupada, mas não tinha mais nada a

dizer. Os três ficaram sentados em silêncio.

Akira girou seu copo de chá algumas vezes, pensativa, antes de finalmente dizer com uma voz suave: — Rose? Se você acredita que o paraíso está do outro lado da porta, por que não quer ir?

— Não será o paraíso para mim — Rose declarou. — Pecadores queimam no fogo do inferno.

CAPÍTULO CATORZE



A kira não sabia mais em que acreditar. Fogo do inferno parecia implausível, mas fantasmas também. Ainda assim, o castigo eterno era extremo para qualquer coisa que Rose pudesse ter feito.

Henry deve ter pensado a mesma coisa, pois não hesitou antes de rebater as palavras de Rose. — Deus não castigaria você. Nunca. Não há nada que possa fazer que o amor Dele não perdoe.

Ela o olhou, torceu o lábio e, por um momento, dava a impressão de que não diria nada. Então, declarou: — Chá de poejo.

Aquelas palavras não significavam nada para Akira, mas Henry ficou perplexo. — Oh! — Ele hesitou, depois, com curiosidade relutante, e perguntou: — Quem?

— Tommy Shaw.

— Tommy! — Henry protestou, quase

se retraindo. — Ele colocou uma cobra em sua lancheira!

— Sei disso — Rose disse, cruzando os braços em uma pose defensiva. — Não foi nem... eu não... não foi... não teve nada a ver com ele, na verdade.

— Por que, então? — Henry parecia perplexo, com seu rosto enrugado formando linhas de preocupação.

Rose suspirou, encolhendo os ombros. — Eu estava furiosa com meus pais. Eles disseram coisas ruins sobre nosso namoro, então, pensei que poderia lhes ensinar uma lição.

— Seu pai obrigaria Tommy a se casar com você. — Henry inclinou a

cabeça, tentando entender.

— E eu teria que me casar com Tommy Shaw! — A rejeição de Rose àquela sugestão a colocou de pé. — Pelo resto da minha vida? Não, obrigada! — Ela andou de um lado para o outro da cozinha, sua saia esvoaçando com a força de seus movimentos.

Akira a observou com cautela. Não havia mudança na cor de seu contorno, apenas o frio no ar, e Rose parecia estar sob controle. Mas fantasmas emocionais a deixavam apreensiva. Olhou para Henry. Ele observava Rose, no entanto, ele deve ter notado seu movimento, pois voltou os olhos para Akira. Talvez tenha

reconhecido sua ansiedade, pois mudou de assunto: — Dei o troco por causa daquela cobra.

Rose se virou e um sorriso iluminou seu rosto. — Sabia que tinha sido você. Como conseguiu?

— O zelador me deixou entrar — Henry respondeu. — O velho Sr. Jackson não se importou. Achou engraçado.

— A Sra. Brown ficou furiosa. Deu castigo para todos os garotos da sala. Ela tinha certeza de que um deles era culpado, mas ninguém admitiu.

Henry sorriu e, por um momento, Akira teve um vislumbre do garoto que ele foi. — Fiquei bem quieto depois

daquilo. Não queria levar uma surra por ter encrencado todo mundo. — Ao notar que Akira estava confusa, clarificou: — Tommy Shaw colocou uma cobra na lancheira da Rose uma vez. Tínhamos uns treze ou catorze anos.

— Treze. — Rose estremeceu. — Era minha lancheira novinha do Hopalong Cassidy e eu estava tão orgulhosa dela. Quando abri e vi a cobra, chorei.

— Eu fui até as fontes e peguei algumas cobras marrons. Grandes e compridas. Inofensivas, mas fáceis de serem confundidas com espécies venenosas. Coloquei-as na carteira do Tommy. Quando ele abriu a tampa, era

possível ouvir seus gritos a meio quarteirão de distância. — Henry riu com a lembrança.

Rose também sorriu. — Queria ter me lembrado da cobra quando ele me convidou para sair. Teria pensado duas vezes.

O silêncio tomou conta da cozinha.

Akira segurou seu copo com força. Não queria perguntar, entretanto, precisava. A existência de Henry dependia dela. — Chá de poejo? — Incentivou com cuidado.

— Meus pais me mandariam embora. Todos na cidade saberiam. As pessoas sempre sabiam. — As palavras de Rose

eram mais tristes que rancorosas e Akira respirou fundo, notando pela primeira vez que segurava o fôlego. Compreendia finalmente para que servia chá de poejo e o que Rose havia feito e sentiu compaixão pela adolescente assustada que Rose deve ter sido.

— Não importa — Henry concluiu. — Deus é capaz de perdoar qualquer coisa.

— Bem, não pedi perdão — Rose respondeu com um movimento brusco. — Morri antes de pedir.

— João, 1:9, diz: “Se confessamos nossos pecados, Ele será fiel e justo e nos perdoará de nossos pecados e nos purificará de todas as injustiças”. —

Henry rebateu. — Não diz que é preciso estar vivo para se confessar.

— “Os mortos foram julgados de acordo com o que fizeram”, Revelações — Rose devolveu. — Também frequentei as aulas do catecismo toda semana, Henry Powell.

Enquanto os fantasmas discutiam a Bíblia, Akira refletiu. Estava convencida de que desvanecer era algo ruim. Talvez estivesse errada; talvez desaparecer lentamente fosse uma transformação gradual. No entanto, se Henry ficasse como um dos meninos no jardim, repetindo suas ações em um ciclo infinito, ela sabia que uma parte essencial dele

estaria perdida para sempre. Não, Rose precisava convencê-lo a atravessar o buraco ou porta ou seja lá o que fosse.

Mas um fogo eterno? Aquilo não parecia bom. Compreendia por que Rose hesitava em correr o risco.

E, se a Bíblia retratasse literalmente a verdade, ela também teria o mesmo destino, pois seu pecado é se comunicar com os espíritos. Mas teve escolha? Se houvesse um Deus e Ele não quisesse que visse fantasmas, Ele não deveria criar tantos deles. Evitar encontrar fantasmas era como impedir a maré: ninguém era poderoso o bastante. Mas, espere – se houvesse um Deus, Ele não seria

onipotente?

— Não — interrompeu os fantasmas e se dirigiu a Rose. — Você não pode estar certa, Rose. Não irá para o inferno. Não faz sentido.

— A Bíblia não precisa fazer sentido — Rose retrucou e Henry franziu a testa.

— Não a Bíblia. — Akira descartou a ideia. — É o seguinte: se Deus a quisesse no fogo, você já estaria lá. Você tem muita energia, mas não pode ser mais poderosa que Deus, pode?

Rose parecia duvidar, porém, Henry concordou. — Isso mesmo — frisou. — Não há como burlar as regras para que almas escapem da danação. Se você

estivesse condenada, já estaria no inferno.

— Além disso, — Akira acrescentou — se conduzir Henry pela porta, estará salvando uma alma e Deus reconhecerá isso. Tem um peso maior que qualquer pecado cometido em vida.

Rose fez uma careta e se aproximou da mesa. Em pé, olhou para Henry. — Não pode ir sozinho, Henry? — Perguntou com uma voz queixosa. — Eu gosto daqui.

Henry se levantou, tentou pegar a mão dela e suspirou quando não conseguiu. — Rose, tive que abandoná-la em vida. Não havia nada que eu pudesse fazer. Mas eu amei você desde que era um garotinho e não vou deixá-la agora.

Akira mordeu o lábio. Pobre Henry. Era tão doce, tão sincero, que imaginá-lo amando Rose uma vida inteira trouxe lágrimas aos seus olhos. Rose precisava ver que não podia permitir que ele desaparecesse.

— Certo — Rose suspirou. Olhou para trás e ergueu o queixo. — Mas se acabar ardendo no inferno, vou ficar muito, muito brava com você. — Ela engoliu um nó na garganta e Akira notou que buscava coragem. E, então, Rose se virou com um esvoaçar de saias, se afastou e desapareceu.

— Obrigado, Akira! — Os olhos de Henry brilhavam e parecia que um grande

peso foi tirado de seus ombros. — Muito obrigado. Cuide-se. — Ele espanou pó imaginário e alinhou as roupas como se estivesse se arrumando e, então, ele também deu um passo à frente e desapareceu.

Uau. Akira permaneceu sentada, estupefata. Havia um porta. E espíritos podiam atravessá-la. E ela acabou de ajudar dois fantasmas a partirem para outro lugar. Foi incrível.

Então, percebeu o que havia feito e seu queixo caiu. Levantou-se dizendo: — Esperem, esperem. Henry, volte! Rose!

“Ah, droga”, pensou. O que diria a Dillon?

CAPÍTULO QUINZE



Dillon ficou de luto.

Akira não podia culpá-lo.

A casa estava mais silenciosa, mais vazia sem Rose e Henry. Akira sentia falta da presença calma de Henry na cozinha e

do charme contagiante de Rose, mas era pior para Dillon. Os meninos no jardim não eram companhia, portanto, ele tinha apenas Akira.

Começou a passar mais e mais tempo no carro.

— Grace comprou dez novos Kindles para você, Dillon. Não quer ir ao laboratório comigo e tentar fritá-los? — Akira perguntou desesperada num dia triste no final de agosto. Era hora do almoço e ela estava sentada no carro, com o ar-condicionado ligado.

“Quem comprou este carro é um idiota”, pensava. Um carro preto estacionado sob o sol da Flórida, em

agosto, era um forno, mesmo com o ar-condicionado, e ela sentia que cozinhava. Entretanto, estava ainda mais quente fora do carro e ela estava preocupada com Dillon. Sabia que ele podia alcançar seu laboratório se quisesse, porém, ele não estava disposto a fazer um esforço há dias.

O que ela realmente precisava era de um psicólogo para fantasmas.

— Talvez mais tarde — Dillon respondeu do banco traseiro. — Mas você deveria ir. Está muito quente aqui.

— Isso é fato — Akira resmungou, verificando o ar-condicionado pela terceira vez. Talvez estivesse quebrado.

— Conte outra vez como aconteceu.

— Ah, Dillon. — Akira virou-se parcialmente, recostando-se e deixando sua cabeça descansar sobre o vidro quente da janela. Sentia-se grudenta com o suor. — Já contei.

— Quando Henry morreu e não conseguia encontrar Rose — ele insistiu. — Comece desta parte.

Akira suspirou. Pelo menos ele não queria saber sobre a porta outra vez. Ela mesma não havia visto a porta, portanto, não poderia descrevê-la, mas sentia como se tivesse passado horas explicando isso ao Dillon. E, então, ele passou dias olhando sobre seu ombro, por causa do

modo que ela havia descrito o jeito que Rose olhou para a porta, como se estivesse em algum lugar atrás dela. Era como se esperasse encontrar a passagem, escondida atrás de si.

— Henry estava em um lugar que não era uma nuvem e não era enevoado e não havia uma luz branca, mas perolada — ela começou — e ele tentava encontrar Rose. Ele não mencionou por quanto tempo procurou ou como era essa busca, apenas disse que não conseguia encontrá-la. E, então, ele estava na cozinha da casa.

“Droga”, pensou ao ver a expressão de Dillon. Talvez ela precisasse de um terapeuta. Estava mesmo desconsolada de

preocupação com um adolescente fantasma? Não conseguia evitar. Detestava vê-lo tão infeliz. E, ainda mais, detestava não saber como ajudá-lo.

— Você acha que, talvez, minha vó está me procurando? — As palavras de Dillon eram casuais, mas seus olhos azuis fitavam-na com intensidade. — Talvez seja por isso que ela ainda está aqui?

O quê? Ah, diabos. Ah, não. Era nisso que ele pensava? Praticamente não falavam mais sobre o fantasma na residência dos Latimer naqueles últimos meses. O pesquisador contratado ainda trabalhava, descobrindo histórias cada vez mais absurdas, mas Grace não

entrevistava um novo médium há semanas. Akira estava contente em adotar uma atitude do tipo “o que os olhos não veem, o coração não sente” com aquele espírito em particular.

— Mesmo se estivesse — Akira disse, escolhendo cuidadosamente suas palavras — não há nada que possamos fazer a respeito. — Dillon não parecia convencido. — Dillon, não há como se aproximar de um fantasma como aquele. Seria como mergulhar em um incêndio. A força irá destruí-lo.

— Talvez se ela me visse, ficaria mais calma — Dillon insistiu.

— Não funciona assim — Akira

observou. — Fantasmas com o contorno vermelho não são racionais. São apenas energia.

— Você disse que era como se fossem psicóticos ou alucinassem. Você consegue conversar com pessoas que têm alucinações.

— Não se estão atacando você. A energia é destrutiva. Não seria capaz de dialogar com ela.

— Você disse “ela”. Também acredita que é minha avó.

— E que diferença isso faz? — Akira interrogou.

— Tenho pensando muito sobre isso — Dillon respondeu. — Quer ir vê-la.

— Quê? Não — a resposta de Akira foi imediata e instintiva. De jeito nenhum, nem pensar; ela e Dillon não iriam a qualquer lugar perto daquela casa.

Cinco minutos depois, ela estremeceu de frio. A única vantagem em discutir com um espírito é que, quanto mais aborrecido Dillon ficava, mais fresco o carro se tornava.

— Bem, não há nada que possa fazer — disse finalmente, sentindo-se pressionada, porém, triunfante com sua cartada. — Não pode ir sem o carro e não vou dirigir até lá.

— Tudo bem, vou andando — Dillon devolveu. — Sei o caminho. — Com um

gesto indignado, ele saiu do carro e começou a andar.

Akira observou enquanto ele atravessava o estacionamento, sentido que sua irritação com ele era justa.

E, depois, irritada e um pouco culpada.

E, finalmente, muito culpada e um pouco irritada.

Era a avó dele, afinal. E ele havia perdido Rose e Henry. Estava solitário. E ficar preso em um carro não deveria ser divertido. Deveria ter encontrado um jeito melhor de dizer não. Mas ele era tão teimoso!

Com uma leve pancada, a porta do

passageiro se abriu e Zane entrou no carro. — Dia quente para ficar aqui — disse. — Dillon, não pode entrar no laboratório? Facilitar a vida de Akira?

Ela balançou a cabeça. — Ele não está no carro.

— Como? — Zane a olhou confuso.

— Ele decidiu visitar sua mãe — ela anunciou com seriedade, fitando as costas de Dillon ainda atravessando o estacionamento. Imaginou até onde chegaria. Sabia que conseguia se afastar vários quarteirões do carro: antes de Rose partir, eles se divertiam testando até onde podiam chegar na Millard Street. Havia um pequeno parque no fim da rua que

tentavam alcançar.

— Isso não vai ser difícil? — Zane perguntou.

— Impossível, creio. — Akira relaxou um pouco no assento, fechando os olhos e encostando-se no apoio para a cabeça. Dillon tinha tendência suicida? Um fantasma podia ser suicida? Talvez, se tentasse destruir a si mesmo. Se pelo menos tivesse feito Rose e Henry esperarem. Se tivesse pensado em Dillon, não apenas em Henry. Como pôde ser tão estúpida? Não era a primeira vez que se repreendia em silêncio.

Uma mão calorosa envolveu a sua e ela abriu os olhos.

— Fale comigo — Zane pediu. — O que está acontecendo?

Akira mordeu o lábio. Como explicaria aquilo?

— Pare com isso — Zane prosseguiu. Ele se inclinou para frente, soltando sua mão para envolver seu pescoço. Ele a forçou em sua direção e ela permitiu que capturasse sua boca, os lábios e a língua dele acariciando os dela.

Ela sentiu o calor surgir em suas veias, a urgência se espalhando por seu corpo. Já fazia meses, pensou indistintamente, e ainda sentia a mesma coisa – seu toque, seu sabor, seu cheiro – tudo a excitava, mais e mais toda vez.

Ele se afastou e ela o deixou ir com relutância. — Você é melhor que Xanax.

Ele riu. — Obrigado. Acho. — Ele esfregou seus lábios contra os delas mais uma vez. — E Dillon?

— Ele está com esta ideia de que sua mãe está tentando encontrá-lo, como Henry tentou encontrar Rose.

Zane piscou. — Hum. — Fitou o estacionamento, pensativo. — Faz sentido, na verdade. É algo que ela faria.

— Algo que ela faria? — Akira repetiu, incerta do que ele queria dizer. Não conversaram sobre sua mãe, não desde aquela primeira noite. Teve certeza, quando ele a deixou em casa naquela

noite, de que estava tudo acabado entre eles e evitar o assunto foi quase um instinto. Zane estava convencido que sua mãe jamais machucaria alguém; ela estava igualmente convencida que havia um espírito perigoso na casa. Era melhor não tocar no assunto.

— Determinada — ele disse. — Era como uma Grace duplamente cafeinada.

Akira sorriu com a imagem mental. Grace administrava a empresa com um charme que não disfarçava a eficiência organizada de cada uma de suas decisões. Grace cafeinada?

— Assustadora? — ela perguntou.

— Apenas se você fizesse algo que

ela não gostasse. Mas, sim. Uma vez... não é importante. — Zane sorria, como se fosse uma boa lembrança, mas logo ficou sério e continuou. — Posso vê-la ficando para encontrar Dillon — ele hesitou, abrindo a boca como se quisesse dizer algo, mas desistiu.

Akira mordeu o lábio.

Droga.

Ela sabia o que ele queria dizer, como se pudesse ler seus pensamentos. Daniel e Rob, Henry e Rose haviam provado que espíritos podiam, ou deveriam, ir a algum lugar. Não sabia por que Dillon não podia encontrar um caminho, mas se a mãe de Zane se recusava a partir sem ele, então,

talvez...

— Ai, caramba! — A voz no banco traseiro estava decepcionada. Akira se virou e Dillon a olhou desconfiado. — Vou chegar lá — anunciou.

— Ficou mais frio? — Zane perguntou, colocando a mão em frente à saída de ar.

— Dillon está de volta e ainda zangado comigo — Akira relatou. Dillon cruzou os braços sobre o peito e parecia emburrado ao se encostar no banco e olhar pela janela.

Akira quase sorriu. Dillon ficaria mais irritado se ela apontasse como ele ficava bonitinho nervoso, mas ficava.

Aquele cabelo despenteado e o beijo faziam-no parecer mais jovem.

Seu sorriso desapareceu ao notar que não tinha medo de Dillon. Nem um pouco. Ele estava furioso e ela sabia que isso era perigoso, mas, ainda sim, não tinha medo.

Porque o amava. De algum modo, ela deixou que o fantasma de um garoto de quinze anos, com quem se preocupava, vencer suas defesas e entrar em seu coração.

E, com isso, seus olhos se desviaram para o tio dele, que a observava atento, com olhos escuros, leve preocupação, e percebeu que o amava também.

Zane, que não era quem ela pensou

querer ao seu lado.

Zane não ligava muito para ciência. Não era sério. Não era intenso. Não queria longas conversas profundas e filosóficas sobre o sentido da vida e sobre o universo. Ele preferia assistir beisebol, um dos esportes mais entediantes já inventados.

Por outro lado, se preocupava com mesas de piquenique e de sinuca. Formigas lava-pés e Kindles. Ele não era o tipo óbvio, contudo, prestava mais atenção, notava mais que qualquer outra pessoa que já conheceria.

E esse fantasma – ela é a mãe dele. Como seria saber que sua mãe está presa

em sua casa, presa em um vórtice de desespero?

Akira suspirou. Pensou que estava prestes a fazer uma das coisas mais estúpidas da sua vida.

Seu pai a mataria se ainda estivesse vivo.



— VOCÊ QUER ME MATAR? — A pergunta de Zane soou meio retórica, meio zombaria. Ela sempre o derrotou na sinuca, mas nem mesmo fingia lhe dar uma chance hoje.

O som das bolas se chocando, de seu percurso sobre o feltro verde e de sua

queda nas caçapas eram os únicos ruídos no escritório de Zane por pelo menos vinte minutos. A concentração de Akira era total. Ela apontava suas jogadas com o taco, não se incomodando em cantá-las; enquanto limpava a mesa, remontava as bolas e limpava a mesa outra vez.

Era como se ele não estivesse ali.

Ou ela não estava.

— Hem? — Ela respondeu, inclinada sobre a mesma, observando a distância entre a bola branca e as outras dez. E deu mais uma tacada perfeita.

Zane guardou seu taco no armário. Ele não sabia o que se passava em sua cabeça, mas ela não brincava. O jogo

casual que começaram para encerrar sua hora de almoço havia se tornado algo a mais para ela.

Ele retornou à sua mesa. Voltaria ao trabalho e deixaria Akira fazer o que estivesse fazendo, e, quando saísse daquele transe, ela diria o que a perturbava. Já havia visto isso. Foi pouco antes dela desistir de pesquisar sonoluminescência e começar a pesquisar energia espectral. Foi uma decisão difícil para ela, apesar de seu interesse no assunto, pois era a morte de um possível futuro acadêmico.

Desta vez, ele pensava que era algo relacionado a Dillon e à sua mãe. Akira

ficara muda no carro, logo depois que falaram sobre os dois fantasmas da família. Seu silêncio não era uma surpresa: evitaram falar sobre sua mãe há meses.

Aceitar a existência de fantasmas não era um exagero para Zane. Até aquela semana terrível anos atrás, quando precisou enfrentar a realidade da morte, não havia pensando no que viria depois. Contudo, conceitos vagos sobre o paraíso, reencarnação ou até mesmo o fim definitivo eram flexíveis para acomodar a ideia de fantasmas.

Mas sua mãe, um espírito maligno e assassino? De jeito nenhum.

Nem pensar.

Não é possível.

Porém, não queria que uma diferença de opinião interferisse em seu interesse por Akira. Ela o fascinava. No início, ele pensou que fosse a novidade. Com sua mãe japonesa e hábitos californianos, ela não se parecia com as garotas com quem Zane cresceu. E talvez fosse o inesperado: ela também não agia como as garotas com quem ele cresceu. Quando estivesse com oitenta anos, ainda se lembraria do prazer encontrado com o atrito transformando energia cinética em calor.

Era mais que isso agora. Ela parecia frágil, mas erguia seu queixo teimoso e

defendia seu ponto de vista com vigor. Agia com seriedade e trabalhava duro, mas era a melhor jogadora de sinuca que ele já havia conhecido e preferia tê-la em seu time em Halo, não como oponente. E na cama...

Bem, melhor não pensar naquilo enquanto a observava jogando sinuca ou nunca completaria trabalho algum. Todavia, ele sorriu e verificou sua agenda. Com sorte, limparia sua caixa de e-mail e ambos iriam para casa mais cedo. Ele podia pensar em coisas melhores para fazer com seu tempo.

— Tudo bem — ela disse uma hora depois, endireitando-se e batendo o taco

levemente no chão. — Eu topo.

— Topa o quê? — Ele perguntou, tirando os olhos do computador.

— Visitar sua mãe — ela respondeu, surpresa com a pergunta.

— Sêrio? — Zane girou a cadeira, olhando-a de frente. — Pensei que tivesse dito não a Dillon.

— Ele não pode ir sozinho. É muito perigoso.

Zane se encostou. — Aneurismas? Morte por energia espectral? Lembra-se dessa conversa?

— Claro que sim — Akira deu de ombros e desviou seu olhar, como se, de repente, houvesse algo muito interessante

do outro lado do escritório.

— Você disse que era perigoso para você também. O que mudou? — Zane perguntou. Ela recusou-se a passar perto da casa por meses. Por que agora?

— Aquela médium provavelmente tinha uma artéria fraca. A energia elevou sua pressão sanguínea o suficiente para que a rompesse, mas não a teria matado se o aneurisma já não existisse — Akira respondeu.

Zane franziu a testa. Aquilo não respondia sua pergunta.

— E se Dillon estiver certo? E se ela procura por ele? — Akira indagou.

Zane hesitou. Era de sua mãe que

falavam. Ele não gostava da ideia de que ela estava presa em sua casa, incapaz de se comunicar, desesperada e violenta. Contudo, gostava ainda menos que Akira arriscasse a vida.

— Terei que ir primeiro — Akira continuou, pensativa. — Vou acalmá-la antes que Dillon entre.

— Não sei — Zane disse. — Talvez devêssemos falar com Nat primeiro. Ouvir o que ela tem a dizer.

— Dillon terá que esperar no carro. — Akira planejava, traçava estratégias, como se não o ouvisse.

— Ah, não estou preocupado com Dillon — Zane declarou.

— Deveria estar — Akira protestou.

— Ele é seu sobrinho.

— E você é minha amante — Zane frisou, exasperado. Não permitiria que ela o distraísse. — Mais perigoso não é o mesmo que seguro. É arriscado para você?

Akira piscou. Uma vez. Duas. Virou-se e continuou a guardar o taco.

— Além disso, Dillon já se foi — Zane acrescentou. Assim que as palavras deixaram sua boca, Zane queria engolir o que disse. Era verdade, claro, mas não era importante. Ele tentava guiar uma conversa em direção àquela palavra com “A” — aquela que nunca usou com uma

mulher antes — há semanas e não conseguia. Acabou de ter a oportunidade perfeita e a desperdiçou.

— E é por isso que é mais perigoso para ele. — Akira se virou novamente, com as faces rosadas e olhos brilhantes. — A energia o destruiria.

— Hã, um aneurisma não é uma veia rompida?

Akira balançou as mãos em um gesto de equívoco. — Podemos conversar no carro.

CAPÍTULO DEZESSEIS



Ela conseguiu contornar a pergunta.

— É arriscado para você? — Zane perguntara.

Sim, era arriscado para ela.

E ele não gostaria de ouvir o que ela

ainda tinha a dizer. Estavam sentados no carro em frente à residência dos Latimer. Era meio de tarde, o que, na Flórida, significava nuvens carregadas no céu. Na luz cinzenta, a casa parecia ainda mais perigosa que antes, uma massa turbulenta de energia

Ela lambeu os lábios. — Certo, é assim que vai ser — disse a Dillon. Ele olhava para a casa pela janela do carro e, ao ouvir aquelas palavras, ficou alerta.

— Não vejo nada — ele disse, desapontado.

Não via nada? Estava cego? Por um instante, ponderou a diferença entre o que podia ver e o que um fantasma via. Seria

uma pesquisa interessante se Dillon cooperasse. Talvez pudessem fazer alguns testes em seu laboratório, alguns experimentos com energia controlada.

Ela precisava de alguma coisa, qualquer coisa para distraí-la um pouco do que estava prestes a fazer. Era um bom plano, um simples momento de análise científica a acalmou, mas distração demais não facilitaria as coisas.

— Eis o que vamos fazer — tentou novamente. — Dillon, você fica no carro enquanto eu e Zane entramos. Precisamos de pelo menos cinco minutos. Vou tentar absorver um pouco da energia, o suficiente para acalmá-la para que você

possa falar com ela.

— Espere um pouco — Zane disse. —
Absorver a energia?

Akira forçou um sorriso.

Minha nossa, era uma ideia estúpida, não era? Entretanto, já havia feito coisas estúpidas antes. Não era muito diferente do que fizera com aquele fantasma religioso que estava furioso há alguns anos. Em um gesto quase inconsciente, estendeu a mão, abrindo e fechado seus dedos.

Seria melhor não fazer do mesmo jeito.

— Ficarei bem — declarou. — Não vou absorver toda a energia, apenas o

bastante para que você possa conversar com ela, Dillon. Ao aproximar-se da casa, vá devagar e com cuidado. Precisa imaginar a casa como um rodamoinho. Se eu não conseguir atraí-la para fora do vórtice, você vai sentir que está sendo sugado. Não ceda a essa força: afaste-se imediatamente!

Dillon arregalou seus olhos azuis. Ela notou que a intensidade em sua voz o convenceu. Não estava assustado, mas também não estava tão ansioso como antes.

— Espere uns dois minutos e tente outra vez. — Ela olhou de Dillon para Zane e vice-versa, e engoliu a seco. Zane

não iria gostar disso, mas precisava avisar Dillon. — Se começar a sentir que está sendo puxado mesmo de longe – se estiver no carro, por exemplo, e sentir que algo atrai você – precisará se afastar. Se isso acontecer, afasta-se o máximo que conseguir.

— Isso significa que ela ficou mais forte? — Dillon perguntou. Akira deu uma olhada em Zane. Ele estava com a testa franzida.

— Isso, exatamente.

— Por que ela ficaria mais forte? — Dillon perguntou, fascinado, porém, apreensivo.

Ela forçou um sorriso. — Pelo motivo

óbvio.

Se Akira perdesse a vida para o espírito, haveria muito mais energia no vórtice. Sua força chegaria ao carro. Por outro lado, se estacionassem muito longe, Dillon teria que se esforçar para chegar à casa.

Sem esperar que entendessem suas palavras, Akira continuou: — Lembre-se do que eu disse: espere, depois se aproxime devagar. Se sentir um puxão, corra na direção oposta. Entendido? — Enquanto ele concordava com a cabeça, ela abria a porta e deixava o carro.

Ela respirou fundo e Zane se juntou a ela, então, começaram a andar, com

passos cautelosos, cada vez mais perto da casa.

— Qual é o motivo óbvio? — Ele perguntou, sério.

Ah, minha nossa. Se isso o incomodava, não gostaria do resto.

— Não é importante — ela alegou. — Há mais uma coisa que você precisa saber. Não quis mencionar perto de Dillon. — Ela olhou para o carro. Era possível ver o rosto de Dillon através da janela.

Sua boca estava seca e suas pernas emitiam um tremor que dizia corra, corra, corra, mas ela já havia tomado sua decisão.

E a hora chegou. Essa era a conversa que colocaria um ponto final em tudo.

Ela olhou para Zane. Sua preocupação era visível, seus olhos estavam cinza com a luz. — Fantasmas que perdem o controle absorvem a energia do lugar. Há um quarto ou uma área na casa que é mais fria do que deveria?

Zane concordou com a cabeça. — O quarto de Dillon. Ninguém o usa e é sempre mais frio que o resto da casa.

— É para lá que vamos. — Akira pisou na varanda. Tentava pensar em uma forma de verbalizar a próxima parte, um modo apetecível de confessar a verdade. Mas sabia que não havia um, portanto,

voltou-se de frente com ele antes que Zane a seguisse até a varanda. Seus olhos estavam alinhados quando começou a falar.

— Ela vai tentar me controlar. Me dominar — esclareceu. — É isso que fazem. Tentarei absorver a energia e repeli-la ao mesmo tempo. Sou boa nisso, já fiz antes. — Olhou sobre seu ombro para a porta. A energia fazia partes da casa parecerem desfocadas, como se derretessem perante seus olhos, mas Akira sabia que era apenas ilusão. A casa em si estava sólida.

— Dominar você?

Era descrença que ouvia na voz dele?

Akira não tinha certeza, mas pressionou os lábios por um momento, evitando lembrar-se da voz carregada de piedade do seu namorado da faculdade ao declarar que ela precisava de um psiquiatra, então continuou:

— Ela é muito forte. Vai parecer que estou sendo eletrocutada. Posso suportar por alguns minutos, mas, a não ser que consiga absorver energia suficiente para trazê-la de volta à consciência, não será tempo suficiente.

— Suficiente para quê? — Seu tom de voz revelava o nó em sua garganta.

— Suficiente para... — Akira hesitou.
— Ouça, energia espiritual é como

eletricidade. Irá ativar impulsos elétricos no meu cérebro. O que vai causar convulsões. Não sei como serão. Se forem moderadas, você pode nem notar, mas podem ser substanciais.

— E isso significa?

— Ah, convulsões. Você sabe, aquilo que acontece quando seu corpo cai, inconsciente, sacudindo e contorcendo-se — ela tentou sorrir, mas Zane não correspondeu. — O que importa — ela continuou rapidamente — é que fantasmas ficam mais fortes com sangue, portanto, é vital que eu não sangre. Se começar a perder sangue por algum motivo, ficarei mais fraca e ela mais forte. E isso seria

ruim. — Zane começava a mover a cabeça negativamente, mas ela insistiu: — Fantasmas odeiam dor. Assim que morrem, não possuem mais qualquer sensação física e se esquecem como é. Se você... se eu sentir dor, ela irá me soltar, pelo menos por uns minutos.

A cabeça de Zane parou de se mover e ele colocou ambas as mãos nos ombros dela. Akira podia sentir seu calor através do algodão de sua blusa e deixou que ele a confortasse, mas seus músculos permaneceram tensos.

— Não sei o que está dizendo, mas não gosto — Zane confessou.

— Desde que meu pai morreu, só fiz

isso uma vez. Foi quando — ela abria e fechava a mão e, com esforço, tentou parar — peguei um martelo e quebrei minha própria mão.

Zane pressionou os dedos em seus ombros, apertando com força. Não foi doloroso.

— É difícil julgar com que força bater. Meu pai... meu pai... — Como poderia explicar? Mas não precisou.

— Você teve convulsões e seu pai, em vez de levá-la a um hospital, a agredia até quebrar seus ossos? — Zane interrompeu e, desta vez, suas emoções eram inconfundíveis. Choque. Horror. Repulsa.

— Fui possuída por fantasmas e meu

pai salvou minha vida me machucando — Akira queria chorar, mas tentou manter a voz impassível — e quebrou alguns ossos fazendo isso.

— Akira, isso é loucura!

— Sei o que parece — Akira quase riu, sem humor. — Se não sou esquizofrênica, tenho estresse pós-traumático. Crianças que sofreram abuso têm alucinações como um mecanismo de defesa, racionalizam o abuso para evitar ver a si mesmas como vítimas e a seus pais como um vilões. Fantasmas não existem e devo ser internada para meu próprio bem.

Zane deixou cair a mão de seus

ombros. — Não vamos fazer isso — sugeriu.

Ela ergueu o queixo. — Não tem problema se acha que sou louca. Vamos entrar na sua casa e, se nada acontecer, saímos outra vez. — Ela encolheu os ombros.

— Não acho que seja louca — foi um protesto automático, insincero. Ele tocou seu rosto. — Mas não... bem, já falou com um terapeuta?

O sorriso de Akira não chegou aos seus olhos.

— Só para ter certeza? — Ele continuou. — Apenas... seu pai agrediu você. Quebrou seus braços, suas costelas,

sua mandíbula. Porque você teve convulsões. Qualquer pessoa pode ficar traumatizada com isso. Não há nada de errado em procurar ajuda.

— Qualquer psiquiatra decente pediria minha internação — ela afirmou com calma. Suas lágrimas estavam próximas à superfície, mas ela as deteve por pura força de vontade. Não iria chorar, não agora.

— Vamos voltar ao escritório. Vamos conversar com Nat. Ela é médica. Talvez possa ajudar.

Akira negou com a cabeça. Olhou para o carro, para Dillon, que havia saído do veículo e se acomodado no teto,

observando-os confuso. — Quero ajudar Dillon — ela concluiu. — Ele precisa disso. E eu... eu amo seu sobrinho — ela hesitou. Depois, chacoalhou a cabeça e virou-se para a porta. — Vamos acabar com isso. Entramos na casa e você me mostra o quarto de Dillon. Fim de papo.



ZANE DESTRANCOU A PORTA, dividido entre insistir em ver Nat e aceitar a decisão de Akira.

Será que ela o enganou? Será que imaginava tudo aquilo? Será que fantasmas eram apenas alucinações,

produtos de uma mente traumatizada?

Ela não enganaria Zane por maldade. Ele não acreditava que era possível. No entanto, parte do seu trabalho no departamento de Assuntos Especiais era contratar pessoas com habilidades psíquicas para trabalhar em projetos da General Directions. Ele conhecia muitas pessoas com dons reais, mas também muitos charlatões.

Será que Akira tinha uma habilidade inata, inconsciente, em leituras frias? Boa o bastante para enganá-lo? E ao resto de sua família?

Ele a guiou diretamente para as escadas que levavam ao segundo andar,

com sua mente em turbilhão. Tentava, no momento, ignorar seu espanto com a ideia de que seu pai, o homem que deveria protegê-la, a agredia. Porque ela tinha convulsões!

Quando descobriu sobre suas fraturas, meio que supôs que seu pai era o responsável. Natalya disse grande parte das fraturas acontecera há muito tempo e até ele sabia que a maioria das crianças vítimas de violência eram agredidas por seus próprios pais. Porém, Akira sempre mencionava seu pai com tanto amor e afeição que Zane parou de pensar no assunto. Talvez devesse ter tentado descobrir mais sobre seu passado, mas

detestava quando ela ficava tensa. Foi fácil, muito fácil, esquecer o assunto, não fazer perguntas dolorosas.

Zane ficou contente que o homem estava morto. Queria, mais que qualquer coisa, machucá-lo como ele havia machucado Akira. Mas precisava deixar aquilo de lado. Não sabia como ajudar Akira naquele momento até que entendesse o que estava acontecendo. Ela realmente tinha o dom de ver fantasmas ou era louca? Uma ideia lutava por atenção em seu inconsciente, mas Zane a ignorou, tentando se concentrar.

Ela sabia o nome de Dillon, mas teria sido difícil descobrir. Qualquer pessoa da

cidade poderia ter compartilhado informações sobre os Latimer sem pensar muito no que faziam. O nome de Rose, contudo, deveria ter sido mais difícil. Zane fez uma pesquisa logo que Akira se mudou para a casa e, de fato, uma adolescente chamada Rose Harris falecera no local, no fim da década de 50.

Mas mesmo que o nome estivesse correto, como Akira poderia ter descoberto com tanta facilidade? Ou por acaso? Parecia quase impossível.

Ao ler sobre fantasmas, encontrou um artigo sobre pessoas que acreditavam estar possuídas. Os sintomas eram os mesmos de pacientes diagnosticadas com

múltiplas personalidades. — Distúrbio dissociativo de identidade — disse em voz alta.

— O que é que tem? — Akira perguntou ao alcançá-lo no topo da escada.

Ele olhou seu rosto pálido e tentou não franzir a testa. Será que ela tinha múltiplas personalidades? Sério? Nunca se comportou de modo errático, nunca agiu como se fosse outra pessoa. Mas para saber o nome de Rose, teria que ter pesquisado. — Você pode ter isso — ele destacou. — Múltiplas personalidades. Estava em um dos artigos que li sobre fantasmas.

Ela ergueu as sobrancelhas. — Ótimo — disse. — Bom saber.

Ele respirou fundo e indicou o quarto de Dillon.

Digamos, contudo, que ela tenha múltiplas personalidades, seu raciocínio continuou. Teria que ser extremamente habilidosa em leitura fria. Teria que conhecer certas sutilezas. Como poderia saber o gosto musical de Dillon? Não poderia, o que indicava que foi um chute, mas um chute perfeito. O que poderia ter dado a dica?

Akira deu um passo à frente. Ele a observava intensamente, ainda tentando racionalizar o que ela havia dito; ainda

tentando analisar cada experiência com fantasmas que tiveram juntos nos últimos meses. Por isso, viu o movimento de sua garganta ao engolir e o tremor involuntário de seus ombros quando ela colocou a mão na porta.

— Aliás, as convulsões? — Disse, sem olhar para ele. — Cinco minutos contínuos danificam os neurônios. Há uma boa chance que eu morra com trinta minutos. Ela girou a maçaneta e abriu a porta, entrando no quarto, exatamente quando aquela ideia finalmente venceu a luta com seu inconsciente: porta, fantasmas, Carolina do Norte, corpos.

Diabos.

Claro, alguma habilidade pode tê-la levado à muitas informações sobre Dillon e uma pesquisa poderia ter resultado no nome de Rose. Mas ela descobriu o local dos corpos na Carolina do Norte, algo que a polícia local e o FBI passaram dias procurando. Aquilo não foi um golpe de sorte.

— Melhor não fazer isso — ele começou, seguindo-a para dentro do quarto de Dillon. — Vamos conversar um pouco mais.

Era tarde demais.

A cabeça de Akira tombou para trás como se tivesse levado um soco e seu corpo inteiro ficou rígido. Ela caiu para

frente, contra o pé da cama e depois sobre o assoalho, como se fosse uma marionete que perdeu seus cordões.

— Akira! — Ele saltou para junto dela, no mesmo instante em que percebeu outra coisa que margeava seus pensamentos: se não fosse louca, queria que ele a salvasse machucando-a.

Com tanta força que quebraria seus ossos.

Deveria ter prestado mais atenção nesse detalhe. Era com isso que deveria estar preocupado. Imaginar que era louca foi apenas um meio de não pensar no que ela pediu que fizesse.

Ele a virou gentilmente. Ela havia

batido a cabeça na cama. Sangue corria de seu nariz e ele notou o momento em que seus músculos começaram a contrair.

Droga.

O fantasma ficaria mais forte.

Ela queria que ele a machucasse.

Ela precisava que ele a machucasse.

E ele não acreditava que poderia fazer isso.



CADA PASSO escada acima foi um esforço. Era como caminhar por uma nevasca avermelhada, exceto que em vez de flocos de neve caindo sobre sua pele, pequenos

choques de estática ficavam mais intensos ao passo que se aproximava da porta. Sentia como se estivesse sendo esfolada, mas não de forma visível.

Isso foi uma má ideia. O que pesava que fazia, enfrentando um espírito maligno? Ela não era assim – era uma covarde! Não conseguia nem mesmo dizer a Zane que o amava e pensou que pudesse encarar isso?

Entrar no quarto de Dillon foi como deixar uma nevasca para entrar em um tempestade de granizo. Teve um vislumbre rápido do quarto do garoto: janelas amplas, paredes azuis, estantes cheias de livros, um mapa-múndi com alfinetes

acima de uma escrivadinha. E uma mulher estava em pé ao lado da cama; cabelos loiros em um corte perfeito na altura do queixo, pele clara, marcas de expressão, corpo delgado – parecia-se tanto com Grace que Akira a teria reconhecido em qualquer lugar. Entretanto, estava desolada com sofrimento e a energia vermelha ao seu redor atingiu Akira como um relâmpago.

O grito de Akira ficou preso em sua garganta. Ela sentiu que caía, machucando-se. A dor aguda em seu rosto quase aliviou a agonia por atravessar a energia da mulher.

Por um instante, o choque foi quase

relaxante. A dor estonteante a deixou confusa. Logo, Zane estava ao seu lado e ela começou a resistir à energia, tentando absorvê-la.

As convulsões começaram imediatamente.

Suas costas se arquearam, sua mandíbula tencionou e seus músculos espasmaram.

Ela se afogava em energia. Energia que era derramada sobre ela como um banho de eletricidade.

Akira lutava pelo controle de seu corpo, mas o fantasma também.

A dor era intensa. Podia sentir os braços fortes de Zane ao seu redor, um

latejar constante em seu rosto e algo quente escorrendo até seu queixo. O que era aquilo?

Ouvia a voz de Zane. Ele praguejava enquanto a movia. O que ele pretendia fazer?

Mas também ouvia a fantasma. Ela gritava de dor, desespero, uma agonia toda dela: — Não consigo encontrar vocês! Max? Dillon? Ajudem-me, ajudem-me!

Akira tentou responder, tentou abrir a boca e formar palavras, mas um sabor metálico a distraiu. Droga. Era sangue.

Abriu os olhos, tentando enxergar, ao mesmo tempo que Zane colocou algo em

seu rosto e seus músculos a puxavam em três direções ao mesmo tempo.

Ela percebeu, de modo indistinto, que ele tentava estancar o sangue com alguma coisa de algodão que tinha o cheiro dele.

Podia ver seu rosto desesperado, ouvir sua preocupação enquanto praguejava, contudo, sua visão era quase toda tomada pelo tornado de energia ao redor do fantasma de sua mãe. Ela ficava mais forte, Akira notou. Ah, isso é ruim.

E, então, podia ouvir outra voz.

Dillon.

Gritando seu nome.

E, de repente, ele atravessou a parede do quarto e Akira, lutando

desesperadamente para absorver o máximo de energia possível, percebeu que ele estava preso no vórtice.

Ah, diabos.

Akira parou de lutar. Deixou que a energia se derramasse sobre ela, dominasse seu corpo, envolvendo-a com força espectral.

Mas não foi o suficiente.

Então, ela desistiu.



CINCO MINUTOS? Foi o que ela disse, cinco minutos e os neurônios morrem.

Zane rasgou sua camiseta e a colocou

sobre o rosto de Akira, uma tentativa desesperada de estancar o sangue.

Droga, droga, droga.

Ela havia pegado um martelo e quebrado a própria mão.

E queria que ele fizesse o mesmo. Talvez não com um martelo, mas queria que ele a machucasse.

Ele podia fazer isso?

Mesmo quando ponderava a questão, o corpo dela relaxou, seus músculos afrouxaram e a convulsão chegou ao fim.

“Graças a Deus”, ele pensou, enquanto ela piscava algumas vezes e balançava a cabeça. Não deve ter sido tão ruim quanto ela esperava.

— Zane? Querido? — Disse, confusa, levando uma mão ao rosto para remover a camiseta que ele segurava. — Tive um sonho terrível.

Zane ficou imóvel. As palavras estavam erradas. A voz também.

Ela tentava se sentar quando ele perguntou: — Mãe?

— Ah, querido. — Akira colocou uma das mãos em sua têmpora, fechando os olhos, como se estivesse com dor de cabeça. — O que está fazendo aqui?

— Mãe? — Zane repetiu, agachando-se ao lado dela sob uma luz diminuta do quarto. — Diga alguma coisa que só você saberia. — Ele não queria acreditar nisso.

Essa não podia ser sua mãe. Não era possível. Era mais que impossível, era sinistro. Será que o fantasma de sua mãe realmente assumiu o controle do corpo de sua namorada?

Ela balançou a cabeça e riu debilmente. — O quê?

— Por favor, diga alguma coisa que só você saberia.

Ela o olhou com os olhos de Akira – um castanho tão escuro que estava quase negro, nada como os olhos de sua mãe. Mas a expressão estava diferente.

Errada.

— Você sempre foi meu preferido! — Ela declarou.

A reação de Zane foi uma gargalhada emocionada. Aquilo estava correto. Não que fosse o favorito de sua mãe, mas era algo que ela diria de qualquer jeito.

— Você diz isso a todos os seus filhos — foi sua resposta automática. E ela dizia. Rotineiramente. Às vezes, mesmo quando todos estavam juntos.

Mas não foi o suficiente. Um charlatão habilidoso tentaria a cartada emocional. Todo filho queria acreditar que era o preferido da sua mãe. E, mesmo que estivesse errado, deixaria o alvo contente.

— Tente mais uma vez. Algo que só você saberia.

Ela balançou a cabeça, então, ergueu

também a outra mão, de modo que ambas massageavam suas têmporas. — Não sei, querido. Não consigo... Não deveria estar com Lucas? Pensei que tivessem trabalho em Paris nesta semana.

Sentiu-se petrificado. Sua mãe era um assunto delicado entre ele e Akira. Nunca discutiu a morte de sua mãe com ela depois daquelas primeiras conversas. Quem poderia? Como Akira saberia que ele e Lucas estavam na França quando Dillon morreu?

E agora que conhecia a verdade, não a queria.

— Ah, mas... — ela começou. Ela o fitou por um segundo, com seu rosto

impassível, então, se encolheu, com as mãos cobrindo o rosto, como se tentasse ficar do menor tamanho possível.

Nunca havia feito aquilo em vida. Ele encontrou-se com ela dois dias depois da morte de Dillon e ela estava estoica. Ereta, com a postura correta, rosto inexpressivo, cuidando dos detalhes. E havia muitos detalhes ao redor da morte: funerárias, jornais, velórios, comunicar amigos e vizinhos.

Ele tocou seu ombro, sentindo-se impotente. Era uma dor antiga. Mas o sofrimento dela o levou de volta àquele momento. Zane estava ausente durante a investigação e a autópsia, no entanto, ele e

Lucas chegaram em meio ao planejamento final, bem a tempo para ver sua mãe antes do derrame a matar e assumirem os preparativos do funeral.

Bem, Lucas e Grace assumiram os preparativos. Zane passou muito tempo jogando pebolim com seu pai.

— O que foi? — Ela ergueu a cabeça.
— Dillon?

Levantando-se, ela foi até a janela, estendendo os braços para abraçar uma figura invisível. Então se retraiu. — O que é isso?

Ela olhou para Zane, alternando entre a janela e o espaço onde ele permanecia com as mãos nos bolsos.

— Dillon morreu — ela disse. Não foi uma pergunta.

— Sim — ele confirmou. Mas Dillon não era o único. Deveria lhe contar?

— O que foi? — Ela perguntou outra vez, olhando para si mesma, espantada.

Hum. Parece que Dillon assumiu a responsabilidade de contar.

— Ah, meu Deus! — O pavor em sua voz era idêntico ao tom de sua mãe quando se ofendia com alguma notícia no jornal e Zane quase caiu na risada. Podia vê-la jogando o jornal sobre seu cereal durante o café da manhã e prometendo que nunca mais votaria em um político local que a irritasse.

— Não está tudo bem — ela retrucou.
— O que estava pensando? Eu? — Ela
continuou, confusa. — Sério? Suponho
que sim. Oh! — E, então, seus olhos se
arregalaram e sua mão cobriu sua boca.
— Pensei que fosse um sonho.

Zane olhou para o relógio sobre o
criado-mudo. Estava piscando. Ninguém
se incomodou em configurar a hora depois
da queda de energia mais recente. Quanto
tempo já havia passado? Isso contava
como uma convulsão? Os cinco minutos
de Akira ainda corriam?

— Mãe — ele disse. — Você precisa
ir.

E, então, hesitou.

Aquela era sua mãe. De quem sentia muita saudade. A família toda ainda sofria com sua perda. Todo aniversário, todo feriado, era manchado por sua ausência como se dependessem dela.

Mas, a cada minuto que passava, o risco era maior para Akira.

Ela parecia confusa. — Devo falar com seu pai.

— Não — a reação de Zane foi imediata e forte, instintiva. Não sabia de onde veio aquela determinação, mas repetiu: — Mãe, não.

— Por quê? — Ela tocou a testa, pressionando seus dedos contra suas têmporas.

Zane se aproximou dela, sentindo-se hesitante, impotente, mas lutando para encontrar as palavras certas e verdadeiras. O retumbar de um trovão soou lá fora.

— Ele sente sua falta todos os dias — finalmente disse. — Todos os dias. Se falar com ele agora, hoje, será o melhor dia da vida dele. Mas amanhã será o pior. E você pode estar ferindo Akira ao invadir o corpo dela deste jeito. Não pode ficar mais tempo para falar com ele. Precisa ir. E ir de verdade desta vez. Procure uma porta ou um caminho ou algo assim e siga por ele. E leve Dillon com você.

Os lábios dela estavam tensos.

— Mãe! — Zane apelou, desesperado.

— Akira me disse como obrigá-la a sair. Fantasmas não gostam de dor, ela disse. Se eu machucá-la, se bater nela, você deixará seu corpo. Não me obrigue a fazer isso. — Nem mesmo tentou disfarçar seu horror diante da possibilidade.

— Hum — sua mãe murmurou. — Dei à luz quatro filhos, sem analgésicos. Nada que você possa fazer poderá doer mais que aquilo. — Sua expressão abrandou-se ao notar a de Zane. — E você não conseguiria me machucar, querido.

— Provavelmente não — admitiu. “E se fechasse os olhos e fingisse jogar

beisebol, girando um taco? Não. Fingir não faria diferença”, pensou. — Não consigo. Então, por favor, não me obrigue a tentar, mãe. Por favor, deixe-a.

Ela suspirou. Olhou ao redor do quarto e para a porta, parecia estar ouvindo algo. — Estou furiosa, de verdade — disse, mas não parecia irritada. Soava triste.

Zane olhou para o relógio outra vez. Mais dois minutos se passaram.

— Como pôde? — Sua mãe disse, mas não se dirigia a ele. “Vamos, Dillon!”, Zane pensou. “Convença-a a partir”.

— Tudo bem. — Ela se virou para

Zane e seu sorriso – era o sorriso de sua mãe, aquele meio divertido, meio irritado, que usava quando via o seu boletim repleto de comentários como “poderia ser um aluno melhor se fizesse suas tarefas” ou “é um prazer ensiná-lo, mas precisa se empenhar mais”.

— Diga a seu pai que, se devo seguir adiante, ele também deve — anunciou. — E diga às suas irmãs que quero mais netos, mesmo se não estou aqui para cobrá-las. E diga a Lucas... — ela hesitou e os olhos de Akira se encheram de lágrimas, mas logo continuou. — Diga a Lucas que sinto muito por ter fracassado.

— Ah, mãe — as palavras de Zane

foram um murmúrio. Ela não ouviu e Dillon pareceu falar ao mesmo tempo, uma vez que seu aceno impaciente e suas palavras não foram direcionados a Zane: — Ele confiou em mim para cuidar de você.

Um flash de luz foi seguido pelo estrondo de um trovão e pelo ruído da chuva começando a cair.

— Certo — ela disse, exasperada. — Hora de ir.

— Ela olhou para Zane e seu sorriso desapareceu. — Te amo, querido. Seja feliz.

— Também te amo, mãe — ele respondeu. O nó em sua garganta não foi

suficiente para bloquear aquelas palavras fortes.

E, então, o rosto de Akira ficou sem expressão e seu corpo oscilou. Zane deu um salto, agarrando-a antes que caísse outra vez.

“Graças a Deus”, pensou outra vez. “Graças a Deus”. Sua família poderia ficar furiosa por ele não ter dado uma chance para se despedirem, mas precisava conversar com Akira. Precisava desculpar-se por ter duvidado dela, apesar de ainda não estar convencido sobre o lance da dor. Não iria funcionar com sua mãe, tinha certeza.

Contudo, Akira não se levantou, nem

se afastou dele. Não falou com aquele tom irritado e mal-humorado que usava quando demonstrava fraqueza. Ela não fez nada.

— Akira?

Ela estava respirando?

Seu corpo era um peso morto em seus braços, seu cabelo macio acariciava seu queixo. — Akira? — Ele repetiu, com mais força. Tentou virá-la, no entanto, ela escorregava; suas pernas não a sustentavam, seu corpo estava mole e pesado. Ele deu dois passos para o lado, tentando mantê-la ereta, mas os pés dela continuavam a escorregar. Ele se ajoelhou, deitando-a gentilmente no chão

e sustentou sua cabeça até tocar o carpete.

— Akira? — Tentou uma terceira vez, mas não houve resposta, nem mesmo um drapejar de suas pálpebras. Zane olhou para o relógio outra vez. Quanto tempo se passou? Mas a luz do relógio estava apagada. Droga. Estavam sem eletricidade.

— Akira! — Gritou. E, então, tocou seu pescoço, as curvas suaves próximas aos tendões, esperando sentir a pulsação, o bater contínuo do coração dela.

Nada.

Respirou fundo e tentou controlar o próprio pânico. Talvez fosse o ponto errado. Moveu seus dedos, tentou se

acalmar, tentou ouvir, tentou não deixar seus pensamentos desesperados dominá-lo. Mas...

Nada.

Seu coração não batia.

Ela estava morta.

CAPÍTULO DEZESSETE



*U*au!

Aquele fantasma era forte.

Akira se viu arrancada de seu corpo e arremessada em um limbo num piscar de olhos.

Olhou ao seu redor e soube, com um toque de humor negro, que havia estragado tudo.

Entendia por que Henry teve dificuldades em descrever aquele lugar.

Não era exatamente um lugar. Não tinha a sensação de solidez, não como o sólido que conhecia. Não que acreditasse que pudesse cair, mas era como se fosse possível se mover em qualquer direção, para baixo, para cima ou para os lados. Também não era como se flutuasse, não como um balão, mas talvez como alguma coisa sobre a água: segura, todavia, não presa. Enclausurada, porém, sem limites.

E o branco? Não era exatamente

branco. Talvez fosse um branco bem colorido? Como um branco furta-cor, que surgia no canto de sua visão e dava a impressão de que, se virasse na direção certa, poderia entrar em um arco-íris.

E a nuvem? Era mais como uma visão enevoada do que estar entre as nuvens, como se tudo — que era nada — estivesse fora de foco.

Como um sonho. Porém, não era um sonho.

E, então, uma mão firme agarrou seu pulso e Akira tropeçou enquanto foi puxada, para longe, para baixo, para trás.

— Não vamos ficar — Rose afirmou.

— Espere! — Akira protestou. — E

meus pais? Não deveria vê-los?

Rose acenou como se quisesse afastar a ideia de encontrar os pais de Akira e continuou se movendo. — Estarão no mesmo lugar quando você voltar. Não há pressa, sabe.

Era tarde demais. Estavam de volta ao quarto que Akira havia abandonado há pouco.

— Mas que inferno... — Akira reclamou. Queria ter encontrado a mãe dela. Suas poucas lembranças eram confusas e indistintas. Também queria ver seu pai. O relacionamento deles nunca foi fácil, mas ele a amava. Queria que ele soubesse que estava se virando sem ele.

Apesar de que morrer, provavelmente, não seria a melhor maneira de provar isso.

— Não é o inferno — Rose respondeu, chacoalhando a saia e arrumando o cabelo. — Não queremos ir para lá.

— Rose! — Dillon exclamou da porta. — E Akira? — Ela notou que ele soava incerto ao dizer seu nome, então, olhou para si mesma. Havia mudado? Não, a velha Akira de sempre.

— Isto não parece bom — a mãe de Zane disse.

— Não — Dillon concordou. Ambos alternavam seu olhar entre Akira e Zane.

Ele estava de costas para ela, ajoelhado do outro lado da cama, próximo à janela. Akira foi até ele e olhou para baixo.

Ela parecia pálida, notou com calma. E não muito saudável. Talvez Rose estivesse certa e ela precisasse de uma nova cor de batom.

— Respire, Akira, respire — Zane implorava.

Ah, não.

Akira tentou respirar.

Parecia que estava respirando. Seu peito se movia e seus pulmões pareciam absorver e liberar oxigênio. Mas não sentia o ar passar por sua boca ou seu nariz. Levantou a mão e soprou. Nada.

— Mas, Rose, e Henry? — Dillon dizia atrás dela.

— Henry está bem — Rose respondeu. — A esposa dele ficou um pouco descontente por ele me esperar, mas ela supera. Rápido, Akira, volte para o seu corpo.

— Como? — Akira perguntou. Não sentia nenhum tipo de força puxando-a naquela direção. Era estranho ver, mas não sentia que aquele corpo lhe pertencia. Estava apenas... ali.

— Talvez se você deitar em cima? — Dillon sugeriu.

— Vesti-lo, como se fosse roupa? — Akira perguntou. Não era apelativo, mas

estava disposta a tentar. Foi em direção ao seu corpo e, sentindo-se tola, deitou sobre ele, movendo-se através das mãos de Zane como se não estivessem ali.

Era estranho atravessar um ser humano. Sempre sentia aquele formigamento de energia quando fantasmas passavam por ela. Mas não sentiu nada ao atravessar Zane.

E nada, também, ao passar por seu próprio corpo. Ela serpenteou um pouco e esperou.

Nada ainda.

— Não está funcionando — relatou de sua posição. Podia ver os fantasmas, em pé atrás de Zane, no entanto, sua atenção

estava no rosto dele.

— Sinto muito — a mãe de Zane disse para Akira. — Não sabia.

Akira reconheceu o pedido de desculpas, ainda estudando Zane. Ele tentava reanimá-la, pressionando seu peito, enquanto repetia baixinho: — Vamos, vamos, vamos.

— Eu sabia que era perigoso — Akira disse. — Pensei que conseguiria absorver energia suficiente para trazê-la de volta. Como uma desintoxicação. Com isso, Dillon poderia conversar com você e os dois seguiriam juntos.

— Seguiríamos?

— Pela passagem — Rose

interrompeu. — Consegue ver?

Enquanto os fantasmas continuavam a discutir atrás de Zane, ela o observava. Na luz fraca, podia ver gotas de suor em suas têmporas. Sem eletricidade, o quarto deveria estar mais quente.

Uma parte dela esperava o fim de seu relacionamento, mas não foi isso que imaginou.

Pensou que ele se cansaria dela, a considerasse maluca demais, que a deixasse como os homens sempre faziam. Ah, no início foi possível considerar sua atitude irreverente irritante, ao ponto de ficar impaciente o bastante para que ele se afastasse, mas sabia, há muito tempo, que

isso não aconteceria.

Gostava demais dele. Quando ela ficava impaciente, ele sabia como fazê-la rir. Quando estava ansiosa e agitada, ele sabia como acalmá-la. Quando estava com ele, ela se esquecia de sentir medo.

Claro, não sentir medo não era, necessariamente, algo bom.

— Ele me bateu? — perguntou, interrompendo a discussão sobre passagens.

— Quê?

— Não.

— Claro que não.

As respostas foram dadas ao mesmo tempo; Rose surpresa, Dillon impassível,

a mãe de Zane chocada e um pouco ofendida.

Imaginou que não.

Ela rolou para longe do seu corpo, sentou-se, mas ficou onde podia ver o rosto dele. Ele parecia tão desesperado quanto determinado, com a atenção focada nas mãos, uma sobre a outras, tentando fazer seu coração bater, seu sangue circular.

Ela sentia-se mais segura com ele do que se sentiu a vida toda.

Era estranho compreender aquilo enquanto estava ao lado de seu corpo sem vida.

Mas ele nunca a machucaria. Nunca

quebraria suas costelas, ou torceria seu braço até que um osso fosse fraturado. Nunca a agrediria para que visse as coisas do seu modo.

— Comece a respirar, querida — ele ordenou, sem pausar seus movimentos. Akira traçou sua mão espectral pelo braço de Zane, acariciando seus músculos. Não podia senti-lo e sabia que ele não a sentia. Se forçasse um pouco mais, sua mão atravessaria seu braço. Mesmo assim, era reconfortante tocá-lo.

Cem compressões era o padrão do procedimento de reanimação cardiopulmonar e parecia que essa era a meta. Mas por quanto tempo conseguiria

manter o ritmo? Era um trabalho fisicamente exaustivo.

— Vou ligar para a emergência. Sei que você odeia hospitais. — Ele ameaçou.

Oh-ou. Ela morreu ali. Se uma ambulância levasse seu corpo para um hospital e seu espírito estivesse preso na casa, seria o fim. Nunca conseguiria voltar.

— Hum, gente? Preciso de ajuda? — Akira interrompeu os fantasmas outra vez. Zane tirava o telefone do bolso e, se ela não descobrisse como impedi-lo de discar, estaria encrencada. — Temos que impedir Zane de chamar uma ambulância.

Bem, ela estava encrocada de qualquer jeito. Mas seria pior se seu corpo fosse para um hospital sem ela.

Droga, droga, ele já pressionava botões. “Não, não, não”, Akira pensava. Zane estremeceu e seus dedos pausaram.

— Akira? — Ele chamou. — Ficou mais frio. Ideia ruim?

Ah, ótimo. Comunicação por meio da mudança de temperatura. Por um instante, Akira tentou imaginar como usaria aquela habilidade para falar com Zane. E se lembrou de que outro fantasma tinha uma habilidade mais útil.

— Consegue fritar o telefone, Dillon? Como faz com os Kindles? — Akira

perguntou. Podia não conseguir falar com Zane, mas isso o impediria de chamar uma ambulância.

— Sim, talvez — Dillon respondeu.
— Mas como isso pode ajudá-la a voltar para o seu corpo? Ele deveria chamar ajuda. Você precisa de um médico. Precisa de um hospital.

— E se eu estiver presa à casa?

Todos os fantasmas começaram a falar ao mesmo tempo.

— Mas se não estiver — Dillon começou.

— E se eu tentar controlar seu corpo outra vez? — A mãe de Zane perguntou.
— Só para dar um impulso ao seu

coração.

— Se seu corpo acordar, talvez seu espírito seja atraído para ele — Rose sugeriu. — Não importa onde você esteja. Ou suas partes.

Akira pressionou as mãos contra a cabeça, tentando pensar. Ela estava quase em pânico. Todas as opções eram arriscadas. Mas o que podia dizer? Como poderia voltar ao seu corpo? Se outros fantasmas podiam controlá-la, poderia controlar a si mesma?

Zane havia colocado o telefone no chão ao seu lado e voltado a administrar compressões. Ele estava concentrado, olhando fixamente para o rosto dela à

espera de um sinal. O frio gerado pelo momento de pânico que Akira sentiu deveria ter se dissipado, pois suor escorria por seu peito nu.

Akira respirou fundo. Não podia sentir, mas sentiu-se mais calma, da mesma forma que Rob na Carolina do Norte.

— Dillon e Rose — disse com confiança. — Tentem o telefone. Tentem enviar uma mensagem de texto.

— Mas como? — Dillon protestou. — Não consigo controlar a energia. Apenas destruo as coisas.

— Do mesmo jeito que Rose escolhe os canais no controle remoto — Akira

respondeu. — Se você consegue escolher o número de um canal de televisão, consegue escolher uma letra em um telefone.

— Não sou forte o suficiente — Rose supôs. — Consigo apenas dois números de cada vez.

— Trabalhem juntos. Dillon, em vez de tentar controlar o telefone, envie sua energia para Rose. Deixe que ela a controle.

Os dois adolescentes fantasmas trocaram um olhar e encolheram os ombros, depois se aproximaram de Zane e do seu telefone e começaram a conversar.

Akira se levantou e foi até a mãe de

Zane. Ela observava seu filho, quase tão preocupada quanto Akira. — Explique como assumiu meu corpo.

— Sinto muito sobre isso — a fantasma mais velha começou.

Akira acenou uma mão, descartando o problema. — Isso não importa. Como conseguiu? Se você pôde, talvez eu consiga também. Apenas preciso aprender como.

A mãe de Zane mordeu o lábio. — É como relembrar um sonho. Um pesadelo.

— Qualquer coisa pode ajudar — Akira podia ouvir o desespero na própria voz.

— Foi como ficar presa em uma

tempestade no meio do oceano. Com o vento me arremessando para todos os lados na escuridão. Eu pedia ajuda, procurava alguma coisa, qualquer coisa, em que me segurar e, de repente, havia luzes. Duas, uma azul e a outra amarela.

Ela franziu a testa e balançou a cabeça, seus olhos azuis estavam distantes. — Sabia que a amarela era Zane, mesmo que fosse apenas uma luz. Tentei agarrá-lo, porém, era impossível, assim como segurar uma luz deveria ser. Não consegui. No entanto, agarrei a luz azul e era sólida. Mas macia. — A mãe de Zane movia as mãos, como se tentasse demonstrar como segurou-se à luz. —

Pude me segurar a ela, como se fosse um cobertor. Afundei meus dedos, segurei firme, tentei colocá-la ao meu redor e então... — Seus olhos retornaram para Akira e um sorriso irônico apontou em seus lábios, enquanto acrescentava, com um tom de desculpas: — Acordei no seu corpo.

— Uma luz azul? — Akira olhou para seu corpo novamente. Zane não havia desistido, notou com gratidão, nem Dillon e Rose. Pairavam ao redor de Zane, de mãos dadas, com Rose tocando o telefone.

— Nunca usei um desses — Rose disse.— Não tem botões. Como eu... ah, entendi.

Mas não havia uma luz azul, nada para Akira agarrar. Quanto tempo havia passado? Quanto tempo ainda tinha até a falta de oxigênio em seu cérebro tornar seu retorno impossível?

— Mas... meu corpo estava bem enquanto você estava nele, certo? Nenhuma dor?

— Ah, eu senti uma dor de cabeça terrível — a mãe de Zane respondeu.

Droga. Um aneurisma cerebral podia causar dores de cabeça. O sangue da veia rompida se espalharia pelo seu corpo, em uma hemorragia constante.

Nenhuma luz azul.

Uma dor de cabeça terrível.

Havia apenas uma explicação plausível: ela estava morta.

Sentiu-se entorpecida, quase gelada. Movendo-se lentamente, sentou-se na cama.— Vocês podem parar — ela disse para Dillon e Rose.

— Não, não, estamos quase conseguindo — Dillon respondeu, seus olhos brilhavam com empolgação. — Descobrimos como fazer as letras funcionarem.

— Não importa — foi difícil dar voz àquelas palavras. Akira pensou que deveria gritar, berrar, enfurecer-se, mas não tinha vontade. Não era culpa de ninguém, na verdade.

A mãe de Zane não tinha intenção de matá-la.

Dillon não compreendia o perigo.

Zane não teve nem sequer uma chance de salvá-la – exceto pelos momentos infinitos de reanimação cardiopulmonar.

Ela correu o risco e não teve sorte.

Mas gostaria de ter dito a Zane que o amava.

Ainda podia, de algum modo. Se Dillon e Rose conseguissem usar o telefone, poderia pedir que enviassem uma mensagem. O que diria? Pediria desculpas? Confessaria que ele foi a melhor coisa que aconteceu em sua vida? Ou um simples: “Eu te amo. Adeus”.

Fechou os olhos. Não estava preparada. Não queria isso. Ela sabia que, em algum lugar por detrás de todo torpor, um grande reservatório de dor estava prestes a transbordar e afogá-la.

— Não desista! — A mãe de Zane a observava e se aproximou. — Seja o que for que está pensando, pode estar errada.

Se desistisse, se permitisse que o desespero a dominasse, o que aconteceria? Ela se tornaria o próximo vórtice naquela casa, destruindo os demais com seu sofrimento?

Olhou para Dillon. Seu entusiasmo havia diminuído e seus olhos voltaram a expressar aquela preocupação familiar.

Ela tentou sorrir para ele. — Vá em frente. Envie uma mensagem — disse. Não achava que faria diferença, entretanto, não havia mal algum em tentar.

Mas Dillon e Rose não tiveram a chance.

A som da chuva caindo havia encoberto o barulho de um carro chegando, mas os passos ressoantes nas escadas eram inconfundíveis.

— Saia da frente! — Natalya exclamou da porta do quarto; Grace e Max entraram atrás dela. Natalya carregava um aparelho de plástico branco com uma alça, botões coloridos e monitores complexos.

De repente, o cômodo que já estava cheio ficou apertado, com fantasmas e pessoas passando por, ou através, uns dos outros. Nat ficou diretamente sobre Rose, que se afastou, quase tropeçando em Dillon, antes de colidir com a mãe de Zane, que absorvia com voracidade a presença de sua família, fitando um e outro, até que Max passou por ela para examinar o corpo de Akira. De sua posição na cama, Akira assistiu ao caos.

— Graças a Deus — Zane gemeu, se afastando.

— Você deveria ter me ligado! — Nat estava furiosa. — Droga, Zane, que diabos estavam fazendo?

— Eu não fiz nada — ele disse. — Se eu soubesse que isso aconteceria, a teria trancado no meu escritório.

— Ela disse que a casa era perigosa — Max lembrou, enquanto Natalya começava a examinar Akira, buscando um pulso, depois abrindo sua blusa.

Ah, meu Deus. Akira fechou os olhos com força. Talvez fosse superficial de sua parte se preocupar com o sutiã que usava quando possivelmente estava morta, mas queria ter escolhido um branco discreto naquela manhã, em vez da renda negra com laços fúcsia.

— O que você está fazendo? — Zane perguntou. — Como soube?

— Eu vi — Natalya respondeu.

— Mas você não... — Zane começou.

— Isso mesmo — ela vociferou. —

Tento ignorar minhas visões, mas você dificulta as coisas irmãozinho. Essa é a segunda vez este ano. Agora saia da frente!

Zane se afastou, Natalya removeu eletrodos da caixa e Akira reconheceu o aparelho que ela carregava.

Um desfibrilador portátil.

Hum. Energia espiritual causava impulsos elétricos aleatórios em seu cérebro, o que levava à convulsões. Será que impulsos elétricos desorganizados também interferiam com o batimento

cardíaco? Se o choque da energia espectral for como o choque de um relâmpago, então, talvez, houvesse uma parada cardíaca. Nesse caso, o problema com seu corpo poderia não ser um aneurisma.

— Vai — Natalya disse. Houve um zunido elétrico no ar quando a fonte do equipamento portátil foi acionada e Nat colocou os eletrodos sobre a pele de Akira. E, então, zap.

Tudo escureceu.

“Droga, doeu”, Akira pensou antes de abrir os olhos.

Eram os olhos azuis de Natalya que a fitavam, não os de Zane, e ela sentiu uma

decepção momentânea antes de perceber que enxergar um par de olhos qualquer, daquela posição, era um bom sinal. Seu corpo doía, como se tivesse corrido uma maratona e, logo em seguida, assistido a uma palestra de seis horas de duração: seus músculos estavam tensos e inflamados, mas nada parecia quebrado. E ainda que sua cabeça a incomodava, não era insuportável.

Lambendo os lábios, sussurrou: — Zane?

Nat suspirou e sorriu ao permitir que Zane tomasse seu lugar.

Akira o estudou, viu a preocupação em seu rosto.

— Não consegui — ele disse. — Não consegui machucar você. Era tão... foi tão... — ele balançou a cabeça, mas Akira ouviu a culpa e o desespero em sua voz.

— Amo que você não conseguiu — ela confessou, com a voz rouca, estendendo o braço para correr uma mão ao longo do rosto dele. Uma onda de amor percorreu seu corpo tão intensa, que o restante de suas palavras fluíram junto: — Eu amo você.

Ele levou um braço ao redor do pescoço de Akira, erguendo-a, até que pudesse mergulhar o rosto em seus cabelos. Por alguns instantes, permaneceram assim, os braços dele ao

seu redor e Akira relaxou no calor do seu corpo. Então, ele a beijou, capturando seus lábios com tanta urgência que seu coração acelerou.

“Deve estar funcionando outra vez”, ela pensou, enquanto o beijava com a mesma urgência, até que ele afastou seus lábios o bastante para murmurar: — Também te amo — e começar a beijá-la outra vez.

— Certo, vocês dois, chega — a voz de Natalya era risonha, mas firme. — Precisamos ter certeza de que não há danos permanentes. Quero Akira em um hospital o mais rápido possível.

— Sem hospitais — Akira se afastou

de Zane para declarar. Era a última coisa de que precisava.

— Sem hospitais — Zane concordou.
— Agora que minha mãe e Dillon se foram, que tal mais nenhum fantasma? Nunca mais?

Akira olhou sobre o ombro de Zane. Grace, Natalya e Max estavam em pé atrás dele, sorrindo com alívio; Dillon, Rose e a mãe de Zane estavam ao lado deles, também com sorrisos largos.

— Ah, hum — Akira resmungou. — Acho que não vai rolar.

CAPÍTULO DEZOITO



Dia de Ação de Graças

AKIRA NÃO ESTAVA CONVENCIDA de que fritar um peru inteiro contava como um jantar

tradicional de Ação de Graças. E se tivesse deixado que Zane preparasse a refeição sozinho, comeriam purê de uma caixa, cranberries de uma lata e a torta de abóbora congelada da Sra. Smith. Mas, ao olhar pela janela para os homens ao redor de um tanque de propano, não conseguiu conter um sorriso.

Era o primeiro jantar em família em sua casa (na casa deles, se corrigiu, com um prazer secreto) e Rose estava em êxtase, saracoteando da cozinha para o jardim e vice-versa, tentando estar em todos os lugares ao mesmo tempo, dançando de felicidade.

Akira ainda não sabia o que pensar do

retorno de Rose. Depois dos acontecimentos de agosto, a mãe de Zane permaneceu por ali tempo suficiente para conversar com todos os seus filhos e com seu marido, por meio de diálogos intermediados por Akira, mas sem o lance da possessão. E, então, ela atravessou a porta ou passagem ou o que fosse, ansiosa para explorar o que viria a seguir.

Rose e Dillon, contudo, ainda estavam por ali: Rose porque gostava dali; Dillon porque veria sua própria porta quando chegasse a hora de seguir em frente, Rose insistia. De acordo com Rose, Henry também estava de volta, mas Akira não o via. Ele certamente não estava

observando Lucas e Zane cutucando o peru, como Rose e Dillon faziam.

Akira pediu a Rose que contasse mais sobre as portas e o que havia do outro lado, mas, aparentemente, tentar descrever tudo aquilo era como descrever um lugar indistinto: as palavras corretas não existiam. Em um momento de percepção surpreendente, Rose havia dito que era como uma borboleta tentar explicar para uma lagarta como era voar. Akira pensou naquilo, sobre tentar explicar correntes de ar, pressão atmosférica e velocidade para uma criatura que sabia apenas como rastejar sobre uma superfície sólida e desistiu.

Ainda estava curiosa, mas sabia que aprenderia mais eventualmente.

E enquanto Akira observava, Lucas pegou seu telefone. Ele sorriu, mostrou para Zane e disse alguma coisa para Max. “Dillon deve ter enviado uma mensagem”, Akira pensou. Ele se esforçava para se comunicar por meio do celular desde que ele e Rose conseguiram o feito em agosto e, desde então, havia melhorado muito. Não eram textos longos, ainda não, no entanto, podia enviar algumas palavras de cada vez.

Ela imaginou o que ele poderia ter escrito, mas Zane estava tirando o peru do óleo quente e ela percebeu que não

deveria ficar sonhando acordada – não quando tinha trabalho a fazer. O recheio e as batatas estavam no forno, a torta de abóbora esfriava sobre o balcão, o molho de cranberry com castanhas, damascos e bourbon – receita da mãe de Rose – já estava sobre a mesa, mas ainda faltava o purê de batatas e os pãezinhos não haviam acabado de assar.

Primeiro, ela precisava trocar de roupa. Foi até seu guarda-roupa e olhou para o vinho tinto que manchava seu vestido. Acidentes aconteciam, claro, mas era quase como se Natalya tivesse derramado a bebida de propósito.

Relembrou a chegada de Nat. Podia

jurar que a expressão dela esboçava certa decepção quando viu Akira na porta. Ela esperava ser recebida por Zane? Mas Nat sempre foi receptiva com Akira e não era como se devesse ficar surpresa por encontrar Akira ali: estavam comemorando o feriado na casa dela, afinal.

“Na nossa casa”, se corrigiu outra vez. Olhou para o anel em seu dedo. Ainda não haviam decidido a data do casamento. Ou escolhido um lugar para a cerimônia ou tomado qualquer decisão sobre a recepção ou a lua de mel ou até mesmo a lista de convidados. Mas uma onda de calor no final de outubro

inspirara Zane a dar-lhe um presente antecipado: a escritura da casa e um novo ar-condicionado.

Ele alegou que conseguiu um bom negócio, pois a casa é assombrada. Não que importasse, mas ela não acreditou nisso totalmente. Se o antigo dono não ligava que a casa era assombrada antes, por que se aborreceria agora?

Além disso, a casa não era mais assombrada. Apesar da certeza de Rose de que Henry estava de volta, Akira não o via e os garotos no quintal não incomodavam ninguém. E Rose não estava mais presa à casa: podia ir e vir quando quisesse. Não que o fizesse com

frequência. Hóspedes eram um prazer para Rose e ela era caseira; ficava feliz contanto que tivesse música, televisão e alguém com quem conversar às vezes.

Dillon era diferente. Ser arrancado do carro pelo vórtice rompeu sua ligação com o Taurus. Ele podia ir onde bem entendesse e estava empolgado por poder viajar. Akira suspeitava que, depois do feriado, ele pudesse partir com Lucas. Seria um pouco solitário para ele, a menos que encontrasse outros fantasmas com quem conversar, mas estava pronto para um pouco de aventura.

Com um suspiro, Akira considerou suas opções de vestuário. Morar com

Zane significava chegar a um acordo sobre a comida – ele acreditava que carne, sobremesa e carboidratos deveriam estar presentes em todas as refeições – e ela ganhou um pouco de peso, portanto, a maioria de suas roupas estava um pouco apertadas. Sua mão passou por um vestido de seda vermelho. Apenas lavado a seco, portanto, raramente usava, mas supôs que pudesse confiar que Nat não derramaria vinho nela outra vez.

Quando retornou à cozinha, Grace já preparava o purê. — Quanta manteiga, Akira? Nat diz que duas colheres de sopa são o bastante. Eu colocaria o tablete todo.

— Uso leite na maioria das vezes.

Certo, que diabos era o problema de Nat? Seu sorriso ao ver Akira com o novo vestido transbordava de felicidade e era igualzinho ao de Zane quando derrotou Lucas na sinuca pela primeira vez. “Devo perguntar?”, Akira pensou.

Mas Zane apareceu na porta, carregando um pássaro grande e dourado e o momento se perdeu no caos das preparações finais.

Na sala de jantar, Akira havia colocado três lugares de cada lado da mesa, deixando os cantos vazios. O arranjo era um pouco incomum, mas não para uma casa com fantasmas. Porém,

antes de sentarem, Zane perguntou se precisavam de outra cadeira.

Quando ela o olhou, curiosa, ele ergueu uma sobrancelha e disse: — Henry?

Ela amava o modo como Zane se lembrava dos fantasmas, mesmo que não pudesse vê-los. Sorrindo, Akira olhou para Rose, que quase saltitava de empolgação.

— Ah, não, Henry está bem — Rose assegurou, descartando a sugestão. — Não precisa de uma cadeira. Mas foi gentileza de Zane se lembrar.

Akira passou o recado e correu os olhos pela mesa. Ela havia se lembrado

de tudo? Manteiga, sal, pimenta, entradas, os pãezinhos, utensílios para todos os pratos....

Ela contou. Claro, faltava uma taça de vinho, a taça que deveria estar no seu lugar. Ela olhou para Natalya, que a olhava de volta com olhos brilhantes, então se sentou sem comentar.

Max fez uma prece, a comida foi servida, os irmãos conversavam e discutiam; todos comiam, mas Akira permaneceu em silêncio. Seu cérebro estava a mil, até que Zane chamou sua atenção. — Tudo bem? — Ele perguntou, preocupado.

Percebeu que ela ficara em silêncio

por muito tempo, então, sorriu ao confirmar com a cabeça. Estavam ocupados, ela estava feliz e se sentia bem — ah, se tivesse raciocinado, teria compreendido, mas não raciocinou.

Agora, sentia-se brilhar de felicidade e, talvez, ele reconheceu sua expressão, porque ergueu uma sobrancelha. Ela sorriu ainda mais, então se virou para Natalya, que se sentava ao lado dele e perguntou: — Este é o vestido certo? — Ninguém mais à mesa entendeu a pergunta, mas Natalya pressionou os lábios em vez de responder. Todavia, Akira viu o riso em seus olhos. — Era um contrato de dois anos — Akira continuou. — Você sabia

que aconteceria no dia de Ação de Graças, mas talvez acreditasse que seria cedo demais neste ano?

Natalya continuou em silêncio, mas Max parecia curioso e Grace e Lucas interromperam sua discussão sobre uma reclamação formal contra a General Directions, que podia ou não gerar uma investigação de suas práticas na empresa.

Akira se levantou. Sentia como se fosse explodir de felicidade e queria estar ao lado de Zane quando isso acontecesse. Caminhando ao redor da mesa, ela parou ao lado da cadeira de Rose. — Henry está confortável? — Ela perguntou.

— Muito — Rose respondeu,

contente. — Ele não vai se lembrar disso mais tarde, mas nós tentaremos lembrá-lo.

Akira fez um gesto afirmativo com a cabeça e continuou ao redor da mesa. Nat não tentava mais esconder seu sorriso, entretanto, os demais pareciam confusos. Quando chegou ao lado de Zane, estendeu uma mão e ele a pegou, se levantando.

— Precisamos decidir a data — ela disse, adorando a expressão de perplexidade e a confusão em seus olhos azuis.

— Certo — ele respondeu. — Junho ou outubro? Eram as datas que estávamos considerando: junho pela tradição, outubro porque é a melhor época do ano

aqui na Flórida.

Akira negou com a cabeça. — Estava pensando no próximo fim de semana. Estaremos ocupados demais em junho.

Esperou que ele compreendesse o que ela dizia, mas, quando não foi rápido o bastante, ela colocou a mão que ele segurava sobre sua barriga. Quando Zane entendeu o que ela dizia, seu rosto se iluminou e ele a envolveu em seus braços, erguendo-a com júbilo.

Tudo que Akira buscava quando veio para Tassamara era um lugar onde pudesse existir, onde pudesse sobreviver despercebida. Em vez disso, encontrou tudo que sempre quis.

Um lar.

Amor.

Segurança.

E uma família.

AOS MEUS LEITORES



*S*e você é um crítico ativo e deseja uma cópia gratuita de outro livro da série, por favor, envie um e-mail para reviews@sarahwynde.com com um link para uma avaliação que tenha escrito

sobre um dos meus livros e informe qual título gostaria de receber e em qual formato (epub, mobi ou pdf).

A avaliação pode ser postada em qualquer website, incluindo um revendedor, Goodreads, LibraryThing, Shelfari ou seu blog pessoal e certamente não precisa ser uma avaliação positiva. Seja crítico, mas escreva pelo menos algumas frases – avaliações com duas palavras não contam!

Se desejar receber informações sobre novos livros ou uma eventual short story gratuita, registre-se em minha lista de e-mails: sarahwynde.com/find-me/.

Você também pode enviar um e-mail

para sarah@sarahwynde.com ou me encontrar no Facebook como Sarah Wynde ou no Twitter como Wyndes. Ou ainda visitar um dos meus blogs. Wynded Words, sarahwynde.com, é meu website principal e The Write Push, writepush.wordpress.com, é um grupo onde eu e outros autores postamos sobre nosso progresso e ideias sobre o que aprendemos. No tumblr, você me encontra como wyndes.tumblr.com.

Tudo de bom e obrigado por ler!

Sarah

LEIA TAMBÉM



A Gift of Thought (Segundo volume da série Tassamara)

Sylvie jurou que jamais retornaria à Tassamara. Estava errada.

Aos dezessete anos, Sylvie Blair

deixou seu filho recém-nascido com os avós e saiu para fazer compras. Ela nunca retornou. Vinte anos depois, ela fica desolada do saber de sua morte prematura. Mas apesar do corpo de Dillon estar enterrado há muito tempo, seu espírito permanece.

E ele não está contente.

Não gosta do trabalho de sua mãe – muito perigoso. Não gosta de seu apartamento – muito maçante. E definitivamente não gosta de sua vida amorosa – inexistente.

Mas quando Dillon decide que seus pais deveriam ter seu final feliz, ele dá início a uma jornada que os leva cada vez

mais perto do perigo.

Será que Sylvie pode esquecer o passado e abraçar o futuro?

E será que Dillon pode sobreviver à energia que inadvertidamente libera?

THE SPIRITS of Christmas (Um conto)

Os planos de Akira são simples: enviar convites de casamento, fazer biscoitos de Natal e comer carne vermelha (este último também a surpreendeu). Mas quando Rose, a fantasma que vive em sua casa, lhe pede um favor, Akira não pode recusar. E apesar de ter enfrentado perigos antes, um

bebê que não gosta de creme de amendoim com geleia pode ser seu pior pesadelo.

A GIFT OF Time (Terceiro volume da série Tassamara)

Ela pensou que podia ver tudo. Mas o tempo provou que estava errada.

Há dez anos, a habilidade de Natalya em prever o futuro lhe roubou a vida que sonhava quando a visão da morte de seu noivo os separou. Desde então, ela considerava sua precognição uma maldição, não um dom. Como poderia viver no presente quando o futuro era tão

assustador?

Mas quando a noite que temia finalmente chega, a realidade é diferente da visão de Natália. Ela e seu ex, Colin, mergulham em uma rede de eventos inexplicáveis, guiados por uma garotinha. Quem é Kenzi? De onde ela veio? A garota pode ser o motivo pelo qual o destino poupou a vida de Colin, mas ela seria capaz reunir Natalya e Colin?

Com Colin, Kenzi, sua família, os habitantes de Tassamara e um conjunto de circunstâncias que ninguém podia prever, Natalya deve solucionar o maior quebra-cabeça de sua vida. Ela descobre que seu dom não é o único trabalhando para mudar

a vida das pessoas ao seu redor e o tempo passa a ser precioso de um modo inesperado... mas o relógio não para.

A LONELY MAGIC

Fen, uma órfã de 21 anos com a vivência das ruas e problemas de ansiedade, pensa que tem a vida sob controle - até que um estranho atraente tenta matá-la e um jovem misterioso vem ao seu resgate. Agora, ela vive a aventura de sua vida, uma jornada que irá levá-la das ruas frias de Chicago para as gloriosas águas azuis do Caribe e para um mundo que nunca imaginou existir.

AGRADECIMENTOS



*V*ocê sabe como alguns autores dizem que sempre quiseram escrever? Que rabiscavam em seus cadernos a vida toda? Que era tudo que sempre sonharam?

Não sou um deles.

Ah, claro, tento escrever alguma coisa de ano em ano. Amo ler e sou uma sonhadora compulsiva, portanto, escrever é algo natural. Infelizmente, sou dura comigo mesma. Escrevo, leio, odeio, altero (e, depois, apago). Depois de algumas tentativas fracassadas, não escrevi por anos.

Então descobri fan fiction. E, com isso, uma audiência composta por escritores e leitores maravilhosos, entusiasmados e incentivadores. Escrevi cerca de duzentas e cinquenta mil palavras em uma fan fiction, antes de torná-la um trabalho original e receber mais de mil avaliações. Não vou listar o

nome de cada uma daquelas pessoas (admita, você não leria!), mas quero aproveitar essa oportunidade para agradecer: obrigada, obrigada, obrigada a todos que avaliaram minhas histórias – vocês me deram a coragem para acreditar nelas, mesmo quando tinha certeza que as palavras não eram boas o bastante.

Obrigada, mais especificamente, para Allyrien, também conhecida como Rachel (meus não pareciam reais até você me dizer sua opinião); para Sara, também conhecida como Justine (você me deu confiança que minhas palavras eram válidas em meus momentos de dúvida); e para Zero, também conhecido como Tim

(um parêntese não é o bastante para agradecer sua paciência infinita e sua disposição em avaliar o tom e a estrutura, a pontuação e a psicologia masculina).

Quando comecei a escrever histórias originais, postei alguns em fictionpress.com. Deixar minha pequena comunidade de fãs para entrar no mundo da ficção original foi como ser jogada para fora do ninho (mas creio que saltei, na verdade), e quero agradecer a todos que avaliaram “O Dom de Ver” enquanto ainda estava em progresso. Portanto, muito obrigada Everis, Nereemac, JMill, DonHanz, Amy, Kat, Shayna-18, Kaypgirl, AlternateShadesofBlue, RyaJynx,

Darlove99, Lorina Lee Belmont218, Heather, Ann Barthel, Hoshi14, Magz, Miisu, World of Ink, Purplelover, Luckycool9, Ahrendaaria, FamishedNight, Bittie752, Far Wanderer, Cat Parmegiani, Ruki44, Bird That Flies At Dawn, Hatondog, Lonnee, e Shineyma. Seu incentivo me manteve forte.

Também postei alguns no Critique Circle. Preciso dizer, primeiramente, que todo advérbio, todo uso da palavra "era", todo erro de pontuação são de minha responsabilidade e as pessoas que avaliaram meu trabalho não são responsáveis por isso. Com isso, gostaria de agradecer MikeKent, MimiWriter,

Harleyquin, Katamuki, LornaB, Jaylia, Mpolish, KSullivan, Baker, Egryphon e Wim por seus comentários e discernimento.

Os comentários de Jaime Norwood foram exatamente o que eu precisava ouvir: problemas com ponto de vista ou dúvidas quanto ao tom. Jaime, foi sua ajuda concreta e inspirada que tornou este livro melhor. Christine Pearson, sua análise dos personagens me ajudou imensamente e Maggie Sharp (a melhor cunhada do mundo!), suas perguntas resultaram em mudanças de última hora. Muito obrigada a todos!

Finalmente, quero agradecer a minha

irmã, Karen Lowery, por ler o que escrevi e me dizer que sou maravilhosa. Nossa mãe me perguntou uma vez por que eu nunca havia dado algo que escrevi para ela ler. Eu disse que era porque eu já sabia que ela diria que era maravilhoso, que amou e que tinha orgulho de mim. Portanto, estava contente em deixá-la pular a parte da leitura. Não fiz o mesmo com minha irmã, mas ainda aprecio o apoio incondicional que ela me dá. Obrigada, Karen!

**SUA CLASSIFICAÇÃO e suas
recomendações diretas farão a**

diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação , mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

PROCURANDO OUTRAS ÓTIMAS LEITURAS?



SEUS LIVROS, seu idioma

A BABELCUBE BOOKS ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu

próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

WWW.BABELCUBEBOOKS.COM